UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
***CAMPUS* UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES**
MESTRADO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGECM

ROSANI NONENMACHER

Desafios atuais nas Práticas pedagógicas na educação sexual nos anos finais do ensino fundamental em Campo Novo do Parecis.

JUNHO
2020

ROSANI NONENMACHER

Desafios atuais nas Práticas pedagógicas na educação sexual nos anos finais do ensino fundamental em Campo Novo do Parecis.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – *Campus* Dep. Est. Renê Barbour de Barra do Bugres, na Linha de Pesquisa de Ensino, Aprendizagem e Formação de professores em Ciências e Matemática, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Drª. Isabela Augusta Andrade Souza
Co-orientadora: Drª. Fátima Aparecida Iocca

JUNHO
2020

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes...”

(Marthin Luther King)

N812d Nonenmacher, Rosani.
Desafios atuais nas práticas pedagógicas na educação sexual nos anos finais do ensino fundamental em Campo Novo do Parecis / Rosani Nonenmacher ─ 2020.
142 f.: il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Barra do Bugres, 2020.
Orientação: Drª. Isabela Augusta Andrade Souza.
Coorientação: Drª. Fátima Aparecida Iocca.

1. Educação sexual. 2. Práticas pedagógicas. I. Título.

CDU 37:613.88

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Eloise Francine de Oliveira Guimarães – CRB1-3.008

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dra. Isabela Augusta Andrade Souza, do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, que não mediu esforços e dedicação para a elaboração desta pesquisa.

Aos Professores do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Dra. Daise Iago Pereira Souto, Dr. Adailton Alves da Silva, Dra. Cláudia Landin Negreiros, Dra. Fátima Aparecida da Silva Locca, Dr. Kilwangy Kya Kapitango-a-Samba, Dr. José Wilson Pires de Carvalho, este, coordenador e professor, que foram indispensáveis para meu crescimento intelectual e pessoal com suas disciplinas magnificamente ministradas.

À minha companheira de turma de Pós-Graduação, Analice Suares, pelos inesquecíveis e enriquecedores momentos de amizade, convivência, ajuda e principalmente compartilhamento de conhecimentos.

Aos professores e gestores das escolas estaduais e municipais pesquisadas, que colaboraram na realização desta pesquisa, oferecendo-me os dados e informações necessários.

Ao Instituto Federal de Mato Grosso, meu local de trabalho, pela liberação para me dedicar exclusivamente aos estudos, o que foi determinante para meu êxito.

Especialmente a minha banca formada pela Dra. Isabela Augusta Andrade Souza (UNEMAT), Dr. Kilwangy Kya Kapitango-a-Samba (UNEMAT) e Dra. Sílvia Maria dos Santos Stering (IFMT) pelas orientações.

Meus sinceros agradecimentos a UNEMAT, que contribuiu na minha formação acadêmica através da PPGECM e do CTMAT; e a CAPES que proporciona nacionalmente esta oportunidade de qualificação profissional.

Aos familiares, principalmente ao meu esposo que, incondicionalmente me apoiu em todos os momentos e a minha filha, meu amor maior.

A todos aqueles que efetivamente participaram de minha formação, aperfeiçoamento, meu crescimento intelectual, cultural e principalmente pedagógico e que direta ou indiretamente me ajudaram a chegar até aqui, meu MUITO OBRIGADA!

RESUMO

A sexualidade é um aspecto extremamente importante na formação humana e suas temáticas fazem parte do cotidiano de estudantes, sendo elas discutidas ou não dentro das escolas. Ser bem informado e orientado sobre esse assunto pode fazer toda a diferença na vida de crianças e adolescentes. O objetivo da pesquisa foi delimitado a analisar as percepções dos professores de ciências nos anos finais do ensino fundamental – das escolas estaduais e municipais situadas em Campo Novo do Parecis, Estado de Mato Grosso – sobre como o tema "Educação Sexual" vem sendo incorporado nas práticas pedagógicas. Dessa forma, buscamos responder ao seguinte problema: quais as percepções dos professores sobre a abordagem do tema Educação Sexual nas práticas pedagógicas do ensino de ciências nos anos finais do ensino fundamental, das escolas públicas no município de Campo Novo do Parecis, em Mato Grosso? Metodologicamente, trata-se de um estudo de natureza qualitativa, composto de pesquisa bibliográfica, documental e de campo (com aplicação de entrevistas semiestruturadas a nove professores de Ciências Naturais que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais e estaduais, e, análise de conteúdo). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Mato Grosso, sob o Parecer Nº 3.264.418. Quanto as percepções, os resultados na análise das categorias apontam que os docentes têm se esforçado para dialogar e orientar os alunos quanto a sexualidade e que a incidência da expressão "formação continuada" demonstra o desconhecimento científico do tema. Categorias como orientação, diálogo e parceria evidenciam que os professores têm se manifestado nas aulas sobre o tema e que esperam a interação com outras disciplinas e as famílias. Concluímos que, além de outros fatores serem importantes, a formação continuada baseada na prática reflexiva pode suprir as necessidades de conhecimento docente para influenciar positivamente em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: educação sexual, sexualidade, práticas pedagógicas.

ABSTRACT

Sexuality is an extremely important aspect in human formation, and its thematic is part of the daily lives of students, whether they are discussed or not within schools. Being well informed and advised about this subject can make all the difference in the life of children and teenagers. The objective of this work was bound to study the perceptions of elementary school final years science teachers – from state and municipal elementary schools located in Campo Novo dos Parecis, on Mato Grosso State – on the how the theme "Sexual Education" has been incorporated under the pedagogical practices. Thus, we look forward to answering the following problem: what are the teachers' perceptions about the sexual education pedagogical practices approaches on final years science classes of public elementary schools located in the city of Campo Novo dos Parecis, Mato Grosso? Methodologically, this is a work of qualitative nature made up of bibliographic, documental and field research (with the application of semi structured interviews to nine final years Natural Sciences teachers from state and municipal schools, and content analysis). This research was approved by the Ethics Committee of the Universidade do Estado de Mato Grosso, under the ruling No. 3.264.418. As for the perceptions, the results in the categories analysis indicate that the teachers have strived to dialogue and guide the students about sexuality and that the incidence of the expression "continuing education" demonstrates the lack of scientific knowledge of the theme. Categories such as guidance, dialogue and partnership show that teachers have expressed themselves in classes about the topic and that they expect interaction with other disciplines and families. We conclude that, in addition to the importance of other factors, continuing education based on reflective practice can supply the needs of teaching knowledge to positively influence their pedagogical practices.

Keywords: sexual education, sexuality, pedagogical practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do município de Campo Novo do Parecis..... 23
Figura 2 – Diferença entre Identidade de Gênero, Orientação Sexual e Sexo Biológico..... 35
Figura 3 – Talis: Relatório Nacional..... 57
Figura 4 - Estatísticas globais sobre HIV (2002-2017) 59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Projetos Político Pedagógicos analisados..... 63
Quadro 2 – Análise dos Projetos Político Pedagógicos..... 68
Quadro 3 - Dados do perfil e rótulo atribuído a cada um dos participantes..... 70
Quadro 4 - Análise das Experiências Pedagógicas..... 72
Quadro 5 - Categorias encontradas e sua frequência..... 97

Abreviaturas

p.	Página
Res.	Resolução

Siglas

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNP	Campo Novo do Parecis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IFMT	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
IFMT/CNP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso *Campus* Campo Novo do Parecis
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ITEC	Instituto Tangaraense de Educação e Cultura
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEE	Plano Estadual de Educação
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGECM	Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SPM	Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
UNEMAT	Universidade do estado de Mato Grosso
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 PERCURSO DA PESQUISADORA 11
2 INTRODUÇÃO 14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 20
3.1 Lócus da pesquisa e os colaboradores 23
4 REVISÃO DA LITERATURA 25
4.1 "Orientação Sexual" e "Sexualidade" – um pouco de história 25
4.1.1 O gênero e sua complexidade 29
4.1.2 Algumas políticas públicas referenciais 35
4.2 Orientação Sexual e a escola: um diálogo possível e/ou necessário? 42
4.2.1 Formação de professores 47
4.3 "Gritos no silêncio" 54
5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS 62
5.1 Dados Documentais (PPP) 62
5.2 Dados de Campo 68
5.3 Orientação sexual: (in)certezas sobre o que se sabe ou o que se pensa saber. 69
5.3.1 – Perfil dos Entrevistados 70
5.3.2 – Ouvindo para compreender, compreender para melhor ouvir 71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 113
REFERÊNCIAS 119
ANEXOS 124

1 PERCURSO DA PESQUISADORA

Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas...
continuarei a escrever. – Clarice Lispector

Esta produção acadêmica é reflexo de minha jornada profissional e é baseada nas necessidades, interesses e no cotidiano que tenho observado durante minha trajetória na educação por mais de trinta anos.

Na educação, convivemos com muitas expectativas, muitas divergências, muita ansiedade e diversos problemas pertinentes da aprendizagem dos estudantes à formação acadêmica dos docentes, sem esquecer, principalmente, a perspectiva da formação humana, da preparação para a vida.

A temática que abordamos nessa dissertação é uma das inúmeras necessidades pedagógicas relacionadas à formação humana e cidadã dos estudantes e que, considerando a inclusão em todas as suas formas, ressaltamos aqui que a Educação Sexual seja uma delas.

Minha formação profissional se inicia já no 2º Grau, hoje, Ensino Médio, cursando o Magistério na rede estadual de ensino de Mato Grosso. Dei início à minha atividade profissional no começo de 1987, assim que havia encerrado o Magistério. Estava apta a alfabetizar crianças e foi assim que iniciei minha carreira profissional, cheia de sonhos, muitos ainda por realizar.

Em 1989, efetivei-me na rede estadual de ensino de Mato Grosso no município de Campo Novo do Parecis, que fica ao noroeste deste estado, a 380 km da capital, que é Cuiabá; mais especificadamente na escola Estadual Madre Tarcila, onde trabalhei até o ano de 2008, atuando nos diversos espaços: sala de aula, coordenação pedagógica e ainda como assessora pedagógica do Estado em duas oportunidades.

Muita coisa aconteceu na jornada escolhida, inclusive a desvalorização da profissão, mas nada que impedisse minha paixão por ensinar. Assim que tive oportunidade, realizei a graduação na Licenciatura em Pedagogia, a qual concluí em 1999, no Instituto Tangaraense de Educação e Cultura (ITEC) e, em seguida, a Licenciatura em Letras, cursada pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), concluída em 2004. Logo após, fiz uma especialização em Interdisciplinaridade na AJES (Associação Juinense de Ensino Superior).

A formação superior amadurece, abre horizontes, fortalece diante das adversidades, ensina a refletir, expandir a visão sobre a educação e os espaços de ensino e aprendizagem. À frente da coordenação pedagógica por diversas vezes, tive muitos desafios. Distante das universidades, dado as condições das ditâncias longíncuas de cidades maiores com mais opções de estudo superior, sempre tivemos que fazer nossa formação continuada, normalmente coordenada pela equipe pedagógica. E assim fomos crescendo, aprimorando os conhecimentos através de leituras, encontros, debates, enfim, sempre buscando referenciais teóricos que permitissem o crescimento profissional dos docentes.

Minha atuação profissional desde o ano de 2008, se concentra especialmente no Instituto Federal de Mato Grosso, campus Campo Novo do Parecis. Concursada como Pedagoga, as incumbências da função nos levam aos mais variados percursos, desde acompanhamento e orientações pedagógicas aos professores às relações de ensino aprendizagem entre professores e alunos. Faz parte de nosso trabalho participar e organizar os projetos dos cursos e sua consequente execução.

O tema abordado nesta dissertação faz parte de nosso contexto, de nossa vivência diária, inclusive o desconhecimento, a desinformação, bem como a dificuldade em abordar certos assuntos considerados mais íntimos, pessoais. Nesse contexto, apesar de muitas leituras, eu carecia de uma formação profissional que acrescentasse mais conhecimento à minha experiência. Somado a isso, tive a oportunidade de participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Matemática. Desde então, tento aproveitar ao máximo os conhecimentos que construímos e aprimorar minha pesquisa, sobre a qual agora discorremos. Minha expectativa é que o mesmo atenda muitos anseios que tenho não só pessoais/profissionais, mas também a muitas outras pessoas que tenho observado, seja por parte de estudantes ou docentes no contexto escolar ao qual ele se dirige, em especial que a começar por mim, novos olhares e práticas comecem acontecer e dar bons frutos a partir deste trabalho.

Como pesquisadora e atuando como profissional que tem contato direto com a problemática aqui abordada e com conflitos constantes na escola sobre o tema em destaque, a preocupação e objetivo foi e é provocar e trazer uma discussão que trata dessa realidade, mas que, por motivos ainda restritivos, as vezes pessoais, outras culturais ou religiosos, ou ainda por questões na sua maioria das vezes, por completo

desconhecimento científico ou pelo menos, claro e sem julgamentos, nem sempre é trazida ao campo dialógico.

A partir dessa pesquisa em Campo Novo do Parecis, teremos a oportunidade de descobrir o que pensam os professores entrevistados sobre a Educação Sexual nas escolas e que tipo de participação o professor têm ou pode dar para contribuir na formação plena do estudante e na perspectiva de uma sociedade mais informada e transformadora.

2 INTRODUÇÃO

Eu nunca perco. Ou eu ganho,
ou eu aprendo. – Nelson Mandela

A educação no contexto mundial atual tem tido como um dos fundamentos, a inclusão. Há alguns anos, estão ocorrendo grandes avanços nesse sentido, com propostas que atendam, ou pelo menos melhorem, o atendimento e a busca do acolhimento de todos e todas sem considerar a uniformidade, mas respeitar as diferenças que existem de raça, cor, gênero, de aprendizagem com ou sem necessidades especiais e de outras aqui não citadas; objetivando a inclusão, fazendo com que as diferenças não sejam empecilho para uma boa convivência e aprendizagem, dentro das condições possíveis para cada aprendiz. Beyer (2005) afirma que educar é incluir:

> Assim, educar é confrontar-se com essa diversidade. O professor que transita diariamente entre seus alunos conhece muito bem tal diversidade. Dificilmente aceitaria qualquer premissa de homogeneidade dos seus alunos, pois sabem que são diferentes entre si, assim como não há ser humano igual a outro. (BEYER, 2005, p. 27).

As leis asseguram a perspectiva da inclusão em todos os sentidos, mas para que ela seja uma realidade ainda há muitas barreiras que precisam ser quebradas. Somente a criação de leis não resolve as posturas inadequadas, os preconceitos incorporados na sociedade. Será preciso muita formação ética e profissional dos professores e da sociedade para incluir o respeito a diversidade de fato.

Cada vez mais é solicitado aos docentes enfrentar novos desafios nessa área, tendo que atender a toda diversidade de estudantes oferecendo um ensino de qualidade e, principalmente, permitindo que não haja desrespeito, preconceito, racismo e bulliyng de todas as formas a estudantes cada vez mais diversos, quer seja apresentando características diversas e/ou tendo orientação sexual adversa ao que considera-se o paradigma. (ou em outras palavras, a heteronormatividade).

Isso faz com que as escolas tenham que se adaptar aos novos tempos em suas metodologias de ensino, conteúdos programáticos, práticas pedagógicas e a uma constante atualização quanto à formação de professores, de acordo com a nova realidade que se apresenta, especialmente quanto à diversidade sexual. Acolher os alunos não é somente ensinar o conteúdo formal, e nem mesmo sinônimo de que

esses aprendam. É mais do que isso. É necessário orientar para a vida social, para a convivência e para a tolerância, especialmente nos tempos atuais. Exercer cidadania plena é não só exigir respeito, mas aprender a respeitar.

Ainda encontramos em sala de aula assuntos que são tratados como tabus, ou seja, proibidos de se falar, como por exemplo, temas relacionados a sexualidade e/ou orientação sexual que sempre estiveram presentes no meio escolar, o que é no mínimo incoerente se observarmos o próprio desenvolvimento humano com descobertas corpóreas, emocionais e comportamentais, desde a infância, ou seja, desde as séries iniciais. Mas em pleno século XXI, nossa realidade ainda apresenta vieses de resistência ou uma certa postura generalizada na tentativa de abster-se a falar, discutir claramente e sem pré-conceitos, baseados em teorias e não em senso comum, e desta forma, pouco se discute sobre este tema nas escolas.

No entanto, apesar da insistente resistência não só dos professores, mas especialmente da família, em nome de uma 'moralidade gelatinosa', está cada vez mais difícil não debater este assunto, apesar dos tabus, crenças religiosas ou mesmo dificuldades outras, uma vez que as gerações atuais chegam com demandas de um despertar especialmente da descoberta de seu corpo, logo, de sua sexualidade[1] muitas vezes sem nenhuma maturidade, cada vez mais cedo e mais complexa, inclusive com novas formas de expressar sentimentos, desejos, afetos, comportamentos etc. até então 'despercebidas' pela sociedade. Trata-se da diversidade, tema desta dissertação, cujo título é: Desafios atuais nas Práticas pedagógicas na educação sexual nos anos finais do ensino fundamental em Campo Novo do Parecis.

Antes dos anos 90, a Orientação Sexual era superficialmente abordada nas disciplinas de Ciências no Ensino Fundamental, e Biologia, no Ensino Médio. A partir da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na década de 90, procurou-se estimular os professores a abordar transversalmente sobre o assunto, tendo em vista a importância dos alunos terem acesso a informações corretas.

Os PCN também propunham desenvolver ações educativas que combatessem desde o sexismo à homofobia, assim como as doenças sexualmente transmissíveis,

[1] Sexualidade aqui na perspectiva de FOUCAULT(2018, p. 115) "é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos , a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formatação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder."

em especial o HIV, além de ajudar com informações para se evitar a gravidez indesejada na adolescência e outras consequências de informações relacionadas ao comportamento sexual das pessoas, incluindo adolescentes e jovens, contra a desinformação.

Décadas depois da implantação dos PCN, as discussões persistem, inclusive com a inclusão de novos propósitos como a exploração de menores, o estupro, a violência doméstica, a identidade de gênero e outros, mas o tema foi e ainda é “tabu” para grande parte das famílias e professores. Entende-se que as discussões precisam ultrapassar a construção inicial de informação e adentrar as escolas com reflexões mais aprofundadas e voltadas para o que o momento atual exige e isto passa necessariamente em ensinar e orientar as crianças contra a violência sexual.

Atualmente, a educação tem um novo parâmetro que é Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a respeito da qual trataremos adiante. Mas podemos adiantar que o mesmo não determina com clareza sobre a orientação no sentido de que a escola seja um meio eficaz de ensinar sobre sexualidade, ou de apresentar um posicionamento claro no combate à violência infantil, ou ao preconceito e ao *bullying* em suas mais variadas formas. Entretanto, existem autores, professores, pessoas diversas da sociedade, comprometidas em ultrapassar as vertentes do descaso e da invisibilidade dos fatos e lutar determinadamente pela condição de liberdade, de respeito à diversidade num todo, especialmente da diversidade sexual, trazida neste texto; e que, respeitosamente considerada na família e na escola pode evitar que em decorrência do desconhecimento e da desinformação acarretem, de modo especial nas crianças e nos adolescentes, impactos e feridas profundas de dor incalculável.

Talvez, o que esteja proposto nas novas diretrizes ainda não seja condizente com as necessidades profundas de informação e orientação na vida sexual e social das crianças e dos adolescentes, tão insistentemente violadas em seus direitos. Acreditamos que a escola e/ou universidade seja um dos espaços primordiais de circulação de informações e construção de conhecimento. Um espaço com múltiplas construções e de enfrentamento de fatos e obstáculos inclusive a diversidade, entre elas, a sexualidade.

Partindo dessas expectativas, cremos que esse tema seja de grande relevância social e por isso, propomos pesquisar se há informações e orientações propostas pelas escolas nos projetos políticos pedagógicos e se o professor, principalmente o de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental, compreende esse importante

papel neste processo, e como tem contribuído para orientar/ensinar sobre esse fenômeno para a vida do aluno.

De certa forma, as polêmicas a respeito da “Educação Sexual”, sempre tiveram e tem tido grande destaque na mídia brasileira, pois ela vem repleta de “pré-conceitos” e ideologias.

Figueiró (1996), numa análise sobre os problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira entre educação sexual, orientação sexual, informação sexual, observa que não há acordo consensual entre os conceitos acima mencionados, com isso,

> Pode-se então afirmar que, assim como nos artigos de periódicos e nos livros, não há também uma padronização quanto ao uso da terminologia básica, bem como quanto à classificação dos tipos de educação sexual, nas publicações acadêmico-científicas (dissertações e teses), que espera-se, constituem-se em produção de maior peso para o avanço da ciência. (FIGUEIRÓ, 1996, p. 290).

Segundo a autora, esses conceitos diversos são decorrentes das diferentes visões filosóficas, pedagógicas e metodológicas dos autores da área sobre o assunto. Nesse sentido, sua proposta sugere o uso da terminologia educação sexual, por considerar que essa expressão dá ao educando um lugar de sujeito no processo de aprendizagem. Ainda para a autora, o termo orientação situa aquele que aprende num lugar de simples receptor de conhecimentos e/ou orientações fornecidas pelo professor[2].

Na perspectiva de Werebe (1998, p. 149), o termo orientação sexual se presta a ambiguidades, por ser entendido muitas vezes, como a orientação que o indivíduo estabelece em relação a sua sexualidade. Baseada nessa concepção, a estudiosa passa a utilizar, a partir de 1981, somente o termo educação sexual, argumentando que: “a expressão educação sexual parece ser a mais indicada para designar a prática educativa intencional em matéria de sexualidade”. Ainda conforme o pensamento da autora, todos os professores, de todas as disciplinas, ensinam educação sexual, consciente ou não. A observação de Werebe é compartilhada por Miskolci (2017, p. 19) que afirma que “orientar se confunde com direcionar o desejo, induzi-lo e, talvez,

[2] Nossa concepção de educação sexual é no sentido de que o professor busque o conhecimento para que, a partir dele, tenha condições de refletir quanto a vulnerabilidade de crianças, jovens e adolescentes em relação a violência, bullying, e/ou quaisquer outras situações de risco.

até mesmo criá-lo segundo os interesses de uma época e sociedade", sendo a educação sexual mais abrangente.

Me respaldo na concepção dos autores mencionados para usar a terminologia "Educação Sexual" ao longo dessa dissertação.

Diante da responsabilidade da escola frente à educação inclusiva, a Educação Sexual deve, de modo formal e clara, estar inserida no Projeto Político Pedagógico com abordagem de todos os temas importantes no intuito de alcançar os membros da comunidade escolar como um todo: começando pelos professores que devem estudar o assunto para melhor conduzir as informações e reflexões, os estudantes e, quem sabe direta ou indiretamente, também os pais.

Espera-se, na realidade, que haja uma parceria entre escola e família, sendo esta última inclusive, a responsável direta pela educação sobre a sexualidade, o que muitas vezes não acontece por não terem conhecimento ou mesmo sutileza de como abordar esses assuntos em casa e, nem mesmo preveni-los. Neste caso, a informação formal da qual os estudantes precisam poderá vir da escola, estando ela preparada para isso ou não.

Diante das referências achamos pertinente uma pesquisa que abordasse esse tema tão antigo e cada dia mais atual nas necessidades da população mais jovem. Resolvemos investir no desafio nos apoiando na temática: Estudo das percepções dos professores de ciências nos anos finais do ensino fundamental das escolas estaduais e municipais situadas em Campo Novo do Parecis.

Na expectativa de compreender melhor como acontece a educação sexual nas escolas nos propomos a uma pesquisa com os professores de ciências dos anos finais do ensino fundamental das escolas públicas de Campo Novo do Parecis através do seguinte problema: Quais as percepções dos professores sobre a abordagem do tema Educação Sexual nas práticas pedagógicas do ensino de ciências nos anos finais do ensino fundamental das escolas públicas no município de Campo Novo do Parecis – MT?

No intuito de construir reflexões diante desse tema tão importante propusemos como objetivo da pesquisa: investigar e analisar as percepções dos professores das escolas públicas de Campo Novo do Parecis de como a Educação Sexual vem sendo incorporada nas práticas pedagógicas do ensino de Ciências nos anos finais do ensino fundamental.

Para atender a este objetivo, foram necessários alguns caminhos específicos que nos propusemos a seguir:

- Pesquisar, Identificar, coletar e analisar os projetos político-pedagógicos quanto à abordagem da formação continuada e da inclusão ou não da educação sexual no currículo.
- Coletar, Identificar, e analisar as percepções dos professores quanto às práticas pedagógicas.
- Verificar as possíveis dificuldades dos professores na abordagem do tema e algumas especificidades, se houver.

Para o processo de construção dessa dissertação, iniciamos pela metodologia, na qual construímos todo o caminho da pesquisa. A revisão da literatura foi elaborada em três capítulos importantes, a saber:

1. Educação sexual e sexualidade – um pouco de história sobre o tema.
2. Educação sexual e a escola – um diálogo possível e/ou necessário?
3. Gritos no silêncio – capítulo que trata sobre a violência, especialmente de gênero.

Esta pesquisa foi submetida à Comissão de Ética da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), sob o número de processo 3.264.418, ficando estabelecido que a mesma está em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta os procedimentos de estudo envolvendo seres humanos (BRASIL, 2013).

Nossa expectativa e desejo é que este trabalho possibilite abrir caminhos para novas pesquisas ou pelo menos, provoque reflexões, bem como abra novas perspectivas de formação continuada, melhorando assim a relação da escola no papel dos professores com os estudantes, e assim sejam construídas relações de confiança e respeito das partes envolvidas diretamente ou indiretamente, no caso, das famílias.

Esperamos promover reflexão no ambiente escolar entre os profissionais da escola, não só dos professores que ensinam ciências, mas que esses possam reverberar a responsabilidade e urgência do tema abordado, e não só intra-escolar, mas também extramuros do ambiente escolar, pois não há ‘paredes’ que cerquem o ser humano no que tange a sua descoberta e vivências quanto à sua sexualidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como professores, optamos em fazer nossa pesquisa de forma que investigue as práticas pedagógicas, a relação professor e aluno, além de outras ferramentas como os projetos político pedagógicos, e acreditamos que esta compreensão se transforme em propostas e oportunidades de aprimoramento, atualização e mudanças que auxiliem e melhorem o processo de ensino e aprendizagem nas escolas.

Para compreender e aprofundar nosso tema, escolhemos a pesquisa qualitativa pois acreditamos que a mesma seria um instrumento de coleta e análise mais abrangente para nos auxiliar em nossa pesquisa, em especial, o tema a que nos propusemos a estudar. No esforço de explicar o processo de construção metodológica de investigação em busca dos objetivos, definimos pela pesquisa qualitativa apoiadas principalmente em Lüdke e André (1986), Minayo (2009) e Sampieri (2013).

Então, buscamos definir o caminho metodológico, tendo por referência que,

> a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método) os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). (MINAYO, 2009, p. 14).

Ainda de acordo com a autora (2009), a teoria e a metodologia caminham juntas. Diante disso, traçamos um caminho que pareceu ser o mais apropriado para responder às questões iniciais e para alcançar o objetivo maior proposto pela pesquisa. Conforme as autoras Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa tem cinco características: o ambiente natural é sua fonte direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; maior preocupação com o processo do que com o produto; interessa mais o significado.

Dois pontos principais e importantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa devemos destacar: os professores de ciências que foram nossos colaboradores diretos, pois não se tratou só de ‘ouvir’ suas histórias, mas tudo o que engloba o ensinar e a complexidade de lidar com o tema, e por outro lado, as escolas, e documentos variados que tivemos acesso para ajudar a compreender nosso tema. Para tanto, seguimos os seguintes passos metodológicos:

Pesquisa bibliográfica

- análise interpretativa

Pesquisa documental

- análise interpretativa

Pesquisa de campo:

- entrevista semiestruturada
- análise de conteúdo (Bardin)

Na pesquisa bibliográfica nos concentramos em buscar autores conceituados que abordam sobre a temática e outras relacionadas como a formação de professores. Tentamos embasar nossos dados em pesquisas idôneas e confiáveis.

A pesquisa documental é composta de estudo e análise de documentos. No nosso caso, nosso documento de análise foi o Projeto Político Pedagógico. O resultado de sete escolas pesquisadas surgiu do objetivo em buscar as percepções dos professores quanto às práticas pedagógicas na educação sexual dos anos finais do ensino fundamental. O que nos levou ao quadro 1 (p. 64) de sete escolas públicas, sendo duas municipais e cinco estaduais. Uma das escolas não nos contemplou com a versão do PPP, o que nos fez debruçar sobre as outras seis. Procuramos no contexto do PPP, encontrar registros que levem a orientação sexual, educação sexual, quais os anos contemplados e também a referência quanto à formação continuada e em quais situações, com referência a carga horária, projeto, temas propostos para estudo.

Em campo, aplicamos a entrevista semi estruturada (anexo II) a nove professores de Ciências das escolas públicas de Campo Novo do Parecis. O número de entrevistados demonstra que há mais de um professor de Ciências em algumas escolas.

Na tentativa de conhecer profundamente sobre as percepções dos professores, sua formação, práticas pedagógicas, ter ou não educação e/ou orientação sexual nas escolas e compreender os diversos autores que compõem a revisão da literatura aqui descrita, realizamos uma vasta pesquisa bibliográfica. Nesta busca por livros, artigos, revistas, sites, documentários e os mais variados meios escritos de informação, nós fizemos muitas leituras e anotações para reflexões, entendimento dos conceitos e posicionamentos dos autores perante os temas.

Nesse caminhar nas escolas em busca de respostas para nossas inquietações, a pesquisa documental se fez importante para relacionarmos a vivência dos

professores percebidas na entrevista com o Projeto Político Pedagógico de cada escola. Ao irmos as escolas para pedir junto à gestão das mesmas para solicitar autorização a fim de entrevistar os professores (carta de solicitação, anexo I), aproveitamos o momento para também obtermos acesso ao PPP da mesma Instituição, pois escolhemos esta parte documental como um elemento importante para nossa análise. Destacamos a relevância dessa investigação na construção dos resultados.

A pesquisa de campo é de caráter analítico-descritivo, de enfoque qualitativo que,

> [...] é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos, pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. (SAMPIERI, 2013, p.376).

A abordagem qualitativa se mostrou adequada ao estudo das percepções dos professores quanto as práticas pedagógicas de Educação Sexual em suas disciplinas.

A pesquisa de campo foi realizada através da entrevista semiestruturada (anexo II), a qual possibilitou aos professores investigados sua manifestação em relação ao tema. Na elaboração da entrevista foi considerada a vivência do pesquisador sobre os assuntos que afligem os docentes de adolescentes da faixa etária referente aos anos finais do ensino fundamental. Assim, foram elaboradas quinze (15) questões relacionadas a educação sexual. Realizamos as entrevistas com os professores, sendo que os encontros eram agendados previamente.

Para que os professores participassem e pudessem responder a entrevista com as conversas gravadas por nós, foi apresentado aos mesmos o termo de consentimento livre esclarecido – TCLE (modelo anexo III), e após aceitarem e assinarem o termo, a entrevista era iniciada. Com as conversas gravadas, nós fizemos a transcrição destas em sua integralidade. Os dados obtidos com a aplicação da entrevista foram organizados através de categorias com o processo de análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016).

Essa pesquisa foi realizada após passar pelo comitê de ética e sua aprovação, conforme já mencionado anteriormente (anexo IV).

3.1 Lócus da pesquisa e os colaboradores

O município de Campo Novo do Parecis está localizado na região Médio Norte Mato-grossense, distante 384,5 km da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá. Localizado a uma altitude de 570 m acima do nível do mar, sua extensão territorial é de 10.796,10 km² e tem como municípios limítrofes: ao norte, Brasnorte e Nova Maringá; ao sul, Tangará da Serra e Nova Marilândia; a leste, Diamantino; a oeste, Sapezal. (vide Figura 1)

Figura 1 – Mapa de localização do município de Campo Novo do Parecis



Fonte: Extraído do sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Campo Novo do Parecis, 2017.

Quanto à população, conforme o Censo Demográfico de 2010, Campo Novo do Parecis era de 27.577. A ocupação efetiva da região deu-se na década de 1970, com abertura de fazendas e a instalação de famílias de migrantes vindos da região sul do país.

A emancipação do município ocorreu em 04 de julho de 1988, com a Lei Estadual nº 5.315, com a denominação de Campo Novo do Parecis, numa referência ao relevo da região – o Chapadão do Parecis.

É neste contexto geográfico que se encontram as escolas pesquisadas. Mais especificamente, os professores de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental, colaboradores desta pesquisa. O recorte se deu devido ao fato do conteúdo de ciências dos anos finais do ensino fundamental apresentar o corpo humano, conteúdo altamente propício para a abordagem do tema sexualidade e/ou Educação Sexual.

Somaram-se o total de sete escolas, dentre essas, três localizadas na zona rural do município, com distâncias de 40 a 75 quilômetros. Das escolas pesquisadas, todas são públicas, sendo duas municipais e cinco estaduais. O município tem três escolas estaduais em localidades distantes da cidade, sendo uma escola do campo, localizada à 45 quilômetros, uma escola estadual à 75 Km num distrito e outra numa distância de 45 Km, localizada em outro distrito de Campo Novo do Parecis.

As demais escolas encontram-se localizadas na zona urbana, sendo que duas delas se localizam na área central da cidade: um escola estadual e uma municipal, e as outras ficam localizadas nos bairros periféricos.

Assim sendo, com o Projeto de Pesquisa aprovado pela Comissão de Ética da Universidade de Mato Grosso, cujo protocolo de aceite é o de nº 3.264.418, respaldados então eticamente, procuramos os diretores das escolas para apresentar o objetivo da pesquisa e autorizar a procurar os profissionais específicos da disciplina e das turmas requeridas. Para cada entrevista, houve um agendamento prévio e esclarecimento total sobre os procedimentos adotados.

Além do pedido de autorização, consta no documento, pedido de acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola, pois este faz parte da análise documental e tem um capítulo especial de análise.

4 REVISÃO DA LITERATURA

4.1 “Orientação Sexual” e “Sexualidade” – um pouco de história

Quando se fala sobre a sexualidade, pressupõe-se falar de intimidade, uma vez que ela está estreitamente ligada às relações afetivas. A sexualidade é atributo de qualquer ser humano, no entanto, para ser compreendida, não pode ser separada do indivíduo com um todo (PCN, BRASIL,1997).

A pesquisa científica no campo da sexualidade humana teve início na Europa, em particular nos países anglo-saxões e germânicos. (Werebe, 1998, p. 7). Ainda segundo a autora, principalmente os estudos de Sigmund Freud à partir de 1905, tiveram uma grande repercussão internacional, sendo importante destacar que esses primeiros estudos foram obras de clínicos e se basearam na observação de pacientes, o que não deixou de trazer grande conhecimento.

Historicamente, Foucault (2018, p.19) considera que foi a partir do séc. XVII que a sociedade burguesa passou a imprimir um ritmo de repressão quanto à sexualidade, que até então era mais liberada socialmente. Passados 3 séculos de silêncio e de censura, quais os efeitos que ainda se carrega deste período?

A interferência da sociedade na sexualidade foi apontada por vários autores, entre eles Foucault (2018, p.14), que afirma que esta repressão histórica “está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de liberar-nos; o trabalho só pode ser longo.” Mais do que o sexo reprimido, Foucault afirma que o sexo, a sexualidade sempre serviu para o exercício de dominação, de poder. Na repressão do discurso sobre sexo em todos os setores da sociedade, inclusive nas famílias e escolas, provocou, segundo Foucault (2018, p. 20) um “contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente”.

Parte-se do pressuposto que é necessário compreender o conceito de Sexualidade Humana num sentido mais amplo. É preciso considerar que essas diferenças estão muito além do aspecto biológico que acompanha os indivíduos. Para Werebe (1998, p. 5), “o comportamento sexual humano, admite-se unanimemente que ele comporta dimensões biológicas, psicossociais e culturais.” Com essa definição, ela sugere que a sexualidade humana transcende o sentido de reprodução, vai muito além disso. Assim, é necessário conhecer os termos “sexualidade” e “sexo” em busca de construir esses referenciais.

No estudo realizado por Weeks, ele traz a evolução da palavra sexo que, segundo sua primeira conceituação, foi “o resultado da divisão da humanidade no *segmento* feminino e no *segmento* masculino.” (WEEKS, p. 51, *apud* LOURO, 2018) No período aproximado dos dois últimos séculos, o conceito evoluiu para “às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide, e não ao que nos une.” (p. 51) Tais mudanças na conceituação já demonstram o sentido de que a união não é exclusivamente entre os sexos opostos, indicando a inclusão da homossexualidade.

Sexo e Sexualidade são assuntos complexos e de conceituação difícil e controversa. Em um conceito de senso comum e popular, seu conceito é sinônimo de sexo. Sexualidade vai além da reprodução, além da relação sexual. A sexualidade é inerente do ser humano, nasce com a criança e atinge seu ápice na vida adulta. Nas discussões sobre as concepções de sexualidade, Figueiró (2009) esclarece que,

> Apesar de a sexualidade ser um componente universal da existência humana e sua manifestação ser importante para o seu equilíbrio biopsicossocial, ainda há dificuldade para dela falar ou com ela lidar. Será pelo receio de que, ao assim fazer, também seriam desvelados os nossos valores, comportamentos, interesses e frustrações sexuais? Independente de ser esta a explicação, a sexualidade humana ainda é mantida sob o controle de mitos, tabus e repressões sociais. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 53).

Ainda de acordo com Figueiró, é preciso que tenhamos clareza sobre o significado do sexo e da sexualidade. No seu entendimento,

> O primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual, necessidade essa que todo ser humano, seja normal ou com necessidades educacionais especiais, traz consigo desde que nasce. Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 143).

Foucault (1997) se refere à sexualidade como o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne como espécie humana. Para ele, é um tema de interesse público, principalmente de Governo, como forma de controle social e de poder.

A sexualidade é um “construto histórico” (WEEKS, 2018, *apud* Louro, p. 47). Weeks reafirma que a sexualidade é mais do que um corpo, uma preocupação individual, é uma questão política que precisa ser cuidadosamente estudada. Nessa

concepção entende-se que nascemos dotados de determinadas capacidades biológicas e que todo o resto se constrói e vai se formando ao longo do tempo. Sendo assim, a sexualidade é parte que acompanha a pessoa durante todo seu processo de desenvolvimento.

Parece que aconteceram muitas transformações sobre os valores, conceitos de sexualidade ao longo dos séculos. Antes do século XVII, Foucault (2018) considera que a sexualidade tinha uma exposição menos incômoda, mais natural. Isso foi se perdendo com o passar do tempo com o cerceamento das regras, do sexo, e transformou em uma valorização do intensivado discurso indecente. Ainda no século XVII, iniciou a repressão total da sexualidade. Família, Estado e Igreja impuseram regras que exigiam a total descrição e repressão ao que se tratava de sexo. Foi um longo período em que o sexo era pecado e quem fugia as regras era condenado. Para Foucault, demorou-se tanto para reverter essa ideia em função de que,

> Se falam com uma tal profusão e há tanto tempo, é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de libertar-nos; o trabalho só pode ser longo. (FOUCAULT, 2018, p. 14).

Entretanto, por volta do século XVIII, supera-se essa fase e começa uma nova perspectiva sobre o sexo: o discurso, sendo ele livre, lícito ou ilícito, mas se falava dele sob novas perspectivas e também com algumas pesquisas quantitativas. (FOUCAULT, 2018, p. 26). Era o “poder” se expressar progressivamente sobre as questões ligadas ao tema. Em vez de proibição, o incentivo aos discursos úteis, até porque já há constatação de que se fazia necessário intervir nas escolas fazendo recomendações aos adolescentes. Para Foucault (2018, p. 33), “o sexo das crianças e adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.”

> Toda essa atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora? (FOUCAULT, 2018, p. 40).

Foucault ainda descreve que até o final do século XVIII, criaram-se três códigos que regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Dessas, poderíamos destacar a relação matrimonial que dava plenos direitos ao homem sobre as regras e recomendações, sobrando à mulher apenas o cumprimento dedicado das

exigências. Dominava o silêncio nas relações matrimoniais, sendo que a Igreja era a maior detentora e aplicadora das regras.

Já na eminência do século XIX, o sexo, além de outras finalidades, passou a ser considerado uma forma de regular o ser individual e as populações, permitindo o exercício do que ele chama de biopoder (FOUCAULT, 2018, p. 151). Esse biopoder,

> foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. (FOUCAULT, 2018, p.151-152).

As formas e procedimentos múltiplos do biopoder é que garantiram as relações de dominação e das forças produtivas de uns sobre outros, o ajustamento da população aos fenômenos econômicos. (FOUCAULT, 2018, p. 152). Apesar das regras, da repressão moral e da sociedade aparentar respeitabilidade, segundo historiadores, o que prevalecia na sociedade dos séculos XIX e XX era hipocrisia moral, onde os homens traíam abundantemente suas esposas com prostitutas, enquanto as esposas eram extremamente reguladas. O perigo de doenças venéreas, prostituição, as epidemias de cólera e tifo passaram a dominar as preocupações da sociedade na questão de saúde. Tais preocupações acompanharam o século XX. Neste século, surge a sociedade de consumo, inclusive de sexo e afins, ocorrendo a liberação total do relacionamento sexual, aparecendo o sexo quantitativo no lugar do qualitativo. Iniciou-se na década de 60, no Brasil, a realização de trabalhos científicos sobre sexualidade, tornando o assunto público. Figueiró (1996) confirma que esses trabalhos passaram a tirar as pessoas da ignorância, desfazendo mitos e valorizando a informação objetiva.

Para Louro (2018, p. 67), foi durante os anos de 1970 e 1980 que “a sexualidade se tornou uma verdadeira questão de política de primeira linha”, quando começou a ter força o feminismo, a luta dos homossexuais e outros grupos que passaram a sair das sombras e reivindicar seu espaço neste mundo.

É importante compreender que toda essa dinâmica tem a ver com relacionamento humano em aprimorar as relações interpessoais, apesar de reconhecer que em muitas culturas pelo mundo, o sexo ainda é exercido para poder, dominação, essencialmente como “objeto” de manipulação no conceito de gênero, religioso e outros.

4.1.1 O gênero e sua complexidade

Para Louro (2011), as questões em torno dos gêneros e das sexualidades não envolvem apenas conhecimento ou informação, mas envolvem valores e um posicionamento político diante da multiplicidade de formas de viver e de ser. (LOURO, 2011).

E o que é gênero? O que é identidade? E identidade de gênero? Existem diversas concepções e conceitos que tentaremos compreender aqui. Parece simples entender que sexo e gênero tenham a mesma definição como sendo os sexos (gênero) masculino e feminino, porém diante do contraste de afirmações e definições sobre o que seria gênero, se observa uma linha mais profunda de conhecimento que tem a ver com valores, poder, política, cultura e outras questões afins. O conceito de gênero pode ser um profundo emaranhado de ligações e concepções ideológicas. Dentro dessas concepções ideológicas destaca-se Judith Butler (2017) que diferencia sexo de gênero na seguinte perspectiva: o sexo atende a demanda da biologia e “o gênero é culturalmente construído”; e explica:

> consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero, como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2017, p. 26).

Para Lins, Machado e Escoura (2016) o termo gênero é

> compreendido como um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como masculino e feminino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder. (LINS, MACHADO E ESCOURA, 2016, p. 10)

O significado disso, na concepção desses autores, é que a sociedade, de algum modo, cria estruturas de poder para gerir os atos e pensamentos das pessoas e, entre essas estruturas, a de conceber que o modo como o gênero é descrito e exposto permite que prevaleça a desigualdade de gênero, por exemplo. Louro (2014), acerca de seus estudos a respeito de gênero e sexualidade tem contribuído muito para que o mundo acadêmico construa conhecimentos que fujam do convencional internalizado e que optem por buscar mudanças que focalizem a inclusão e a igualdade quando se refere a gênero e, considerando que a identidade de gênero é uma construção pessoal, conforme afirma:

> Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero, quanto na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas e acabadas num determinado momento. (LOURO, 2014, p. 41)

Louro trouxe ao Brasil a influência de Joan Scott, crítica do feminismo mais exacerbado e que provoca muitos conflitos pelas derivações diversas de gênero que tendem a ser culturais e, desse modo deve-se adentrar com calma em suas diversidades, como ela afirma:

> Em vez de (como eu equivocadamente pensei) tornar-se mais claro ao longo do tempo, gênero se tornou mais impreciso; o lugar de contestação, um conceito disputado na arena da política. Há ainda, com certeza, feministas que usam a palavra, mas agora é um termo de referência que atravessa o espectro político, com efeitos às vezes muito diferentes daqueles que as feministas originalmente intencionaram. (SCOTT, 2012 p. 331)

Ainda segundo Scott, o conflito sobre a desigualdade de gêneros gerenciada pelo feminismo mais acentuado não leva em conta a desigualdade social das mulheres. Qual é o padrão utilizado para medir a desigualdade? Para Scott (2012), deve-se levar em conta que a desigualdade também é material, não se pode ignorar as estruturas econômicas que transformaram a vida de mulheres sem opção de escolha.

A produção acadêmica de Butler (2017, 2018) é crítica à polarização da sociedade heteronormativa, afirmando que essa imposição é como padrão e dificulta o reconhecimento da diversidade sexual. Ela define sexo como

> Um ideal regulatório cuja materialidade é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo.” (Butler *apud* LOURO, 2018, p. 194).

Na mesma linha de pensamento, Werebe (1998) diz que há uma projeção sobre a criança naturalmente para um condicionamento da identidade iniciando pela sua família, e que a concepção biológica não é, em si, suficiente para caracterizar o sexo, conforme sua expressão,

> A anatomia e a fisiologia dos órgãos genitais definem os dois sexos: macho e fêmea. Porém, a identidade de gênero, que define a masculinidade e a feminilidade, é função de vários fatores e não apenas do sexo biológico. (WEREBE, 1998, p. 25).

Na sociedade que assume a heteronormatividade[3] como padrão, a população que não se encaixa nessa condição se sente impedida de ser feliz, até mesmo pelo grande desafio de se manter numa sociedade preconceituosa e discriminadora. Para Miskolci (2017, p. 15), a heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual.

No entendimento de que o poder e a dominação modelam as vidas sexuais, Weeks, em *O corpo educado* (2018) sugere alguns questionamentos: Por que a dominação masculina é tão endêmica na cultura? Por que nossa cultura celebra a heterossexualidade e discrimina a homossexualidade? Segundo ele, essas vertentes obrigam a enfrentar questões que são fundamentalmente sociais e históricas e que fazem parte da construção dos paradigmas.

Miskolci (2017) traz uma reflexão problemática sobre a diversidade, o diferente. A diversidade, segundo ele, já está na linguagem natural do Brasil, palavra ligada à tolerância ou convivência. Será que temos que tolerar? Ou reconhecer o lugar que o outro ocupa no espaço? E a diferença? Miskolci afirma que

> na perspectiva da diferença, estamos todos implicados/as na criação desse Outro, e quanto mais nos relacionamos com ele, o reconhecemos como parte de nós mesmos, não apenas o toleramos, mas dialogamos com ele sabendo que essa relação nos transformará. (MISKOLCI, 2017, p. 16).

Nas palavras de Foucault (2018), o termo “pedagogização do sexo” é para expressar o domínio e controle do Estado e das Instituições sobre a sexualidade. Para se contrapor a essa ideia, surge a proposta Queer, a qual alguns denominam de Teoria Queer e outros, de Política Queer.

Miskolci em *Teoria Queer, um aprendizado pelas diferenças*, traduz do que se trata essa proposta. A proposta Queer (MISKOLCI, 2017, p.16) é a de “ transformar a posição da educação não mais como subserviente aos interesses estatais e biopolíticos, mas muito mais comprometida com as demandas da sociedade civil, organizada ou não.” Essa concepção exigiria uma renovação do pensar da educação. Na perspectiva Queer, não existiria abordagem classificatória como: Você é Menino? Menina? Homossexual? Heterossexual, Bissexual? Trans? Cisgênero? Assexual? E outros.

---

[3] “A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou, mesmo que que não venha se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida.” (Miskolci, 2017, p. 15)

Considerando que não há um número limitado de identidades de gênero, como ficar classificando? Pressionar uma criança ou adolescente para adotar logo uma identidade de gênero é, na perspectiva Queer, uma violência que se pode evitar.

Miskolci explica ainda, que em contraponto ao movimento homossexual na década de 60 que lutava para incorporá-los socialmente, os queer preferem lutar para mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável. O movimento é uma defesa de todos os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo. Para eles, não é o diferente que tem que se “adaptar”, a sociedade precisa mudar suas concepções de valor e de poder. Nesse sentido, Miskolci (2017) esclarece e distingue que,

> O queer, busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das convenções culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos “normais” quanto dos “anormais”. Quer alguém ajustado e reconhecido socialmente, quer seja alguém marcado, humilhado, as normas e convenções operaram sobre os dois e ambos são capazes de reconhecê-las. (MISKOLCI, 2017, p. 26).

Essa observação sugere que a Proposta Queer é dialogar democraticamente e refletir conjuntamente para que esse diálogo seja educativo, talvez até mudar o comportamento da escola. Ao invés de ela continuar uma forma de normalização coletiva, fazer a escola mais agradável, respeitando a diversidade e não apenas a tolerando. Em suma, a proposta dos queer é,

> A de uma política da diferença, o reconhecimento de quem é diferente para transformar a cultura hegemônica. Em resumo, uma política da diferença emerge como crítica do multiculturalismo e da retórica da diversidade, afirmando a necessidade de ir além da tolerância e da inclusão mudando a cultura como um todo por meio da incorporação da diferença, do reconhecimento do Outro como parte de todos nós. (MISKOLCI, 2017, p. 52).

A diversidade é algo presente e necessariamente manifesto em nossa sociedade, mas a educação ainda vê o outro sob a perspectiva do que ela quer. Até mesmo os educadores querem que seus educandos sejam como eles querem, em todas as suas definições. Isso é algo autoritário, violento e demonstra que a escola ainda está despreparada para lidar com as diferenças. Diante de tantas dificuldades e contestações, Louro propõe que

> O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social que alguns vivem é exatamente a fronteira. (LOURO, 2018, p. 26).

É difícil compreender que na sociedade, o gênero, as identidades de gênero provoquem ou criem tantas desigualdades. Produz-se desigualdades o tempo todo, discriminação, violência em todas as formas. Historicamente, tem havido mobilizações para combater essas relações, mas que persistem e ainda aumentam, assim como tem aumentado a violência sexual, a violência física de gênero e com a população LGBT.

Um dos filósofos feministas que mais tem se destacado no cenário de debates da teoria Queer e dos estudos de gênero é o espanhol Paul B. Preciado, nascido Beatriz Preciado, autor do livro *Manifesto Contrasexual* (2000), no qual sugere que,

> A sociedade contrasexual demanda que se apaguem as denominações “masculino” e “feminino” correspondentes às categorias biológicas (homem/mulher, macho/fêmea) da carteira de identidade, assim como todos os formulários administrativos e legais de caráter estatal. Os códigos da masculinidade e da feminilidade se transformam em registros abertos à disposição dos corpos falantes no âmbito de contratos consensuais temporários. (PRECIADO, 2000, p. 35)

Na concepção de Preciado (2000), tanto o sexo quanto o gênero e a sexualidade seriam resultados de dispositivos inscritos em um sistema tecnológico e sociopolítico complexo: "homem", "mulher", "homossexual", "heterossexual", "transexual" não passam de máquinas, produtos, instrumentos, redes, conexões, fluxos de energia e de informação, usos e desvios que incidem sobre o corpo.

Embora a heterossexualidade tenha sido a combinação de gênero mais conhecida e praticada existe uma variedade de combinações e conceitos, além de práticas sexuais possíveis. Destacamos algumas possibilidades de acordo com Lins, Machado e Escoura (2016):

- Transexuais/travestis/transgêneros: pessoas cuja identidade de gênero é diferente da esperada para seu corpo – sujeitos nascidos com pênis que tem comportamentos, sonhos e autoimagem femininas; ou nascidos com vagina que tem comportamentos , sonhos e autoimagens masculinas.
- Gays: pessoas que se identificam como masculinas (pelo corpo e pelos comportamentos) e desejam pessoas também masculinas.
- Lésbicas:pessoas que se identificam como femininas (pelo corpo e pelos comportamentos) e desejam pessoas também femininas.
- Bissexuais: pessoas que desejam tanto indivíduos cuja identidade de gênero é feminina como também aqueles cuja identidade de gênero é masculina.

Existe, ainda, a expressão ‘*drag queen’*, que se refere a atores transformistas (homossexuais ou não) que, durante o dia, trabalham normalmente vestidos de homem e, à noite, se veste de mulher em ambientes diversos. Além dessas identidades, existem os ‘*crossdressers’*, normalmente casais heterossexuais que vestem roupas e utilizam objetos de outro sexo, com o consentimento de suas esposas e/ou esposos. É comum se organizarem em grupos para o exercício de suas liberdades, fantasias ou desejos de formas variadas contrariando muitas vezes essas práticas, ao que geralmente se espera de um casal heteronormativo. Os adeptos dessa prática são chamados de *crossdressing*.

No sentido de compreender sobre sexo, gênero, identidade sexual e outros conceitos, realizam-se estudos e pesquisas constantes. Para a Biologia, a classificação acontece de acordo com as características anatômicas do indivíduo. Portanto, um indivíduo é macho ou fêmea, masculino ou feminino. As características genitais são determinantes para garantir o sexo. Já se tratando de gênero, não necessariamente pessoas do sexo de nascimento tem as características psicológicas e culturais associados a homem/ mulher. Essas diferenças é que caracterizam a dimensão biológica da social. Por isso se afirma que o gênero é uma construção sociocultural, que depende de muitos fatores, para além da natureza biológica.

As identidades de gênero então referem-se a alguém se sentir masculino ou feminino, independente do sexo. Nas características da sexualidade também temos que compreender que a orientação sexual do indivíduo nem sempre se estabelece de acordo com a heteronormatividade, e sim, uma manifestação íntima de uma pessoa, que somente ela tem condições de conhecer. Faz parte da vivência da sexualidade que a identidade sexual seja diversa. A ética e o respeito que deve prevalecer na convivência entre os cidadãos impede que se julgue, condene, e/ou discrimine de qualquer forma pessoas que não se enquadrem nos padrões definidos pela sociedade.

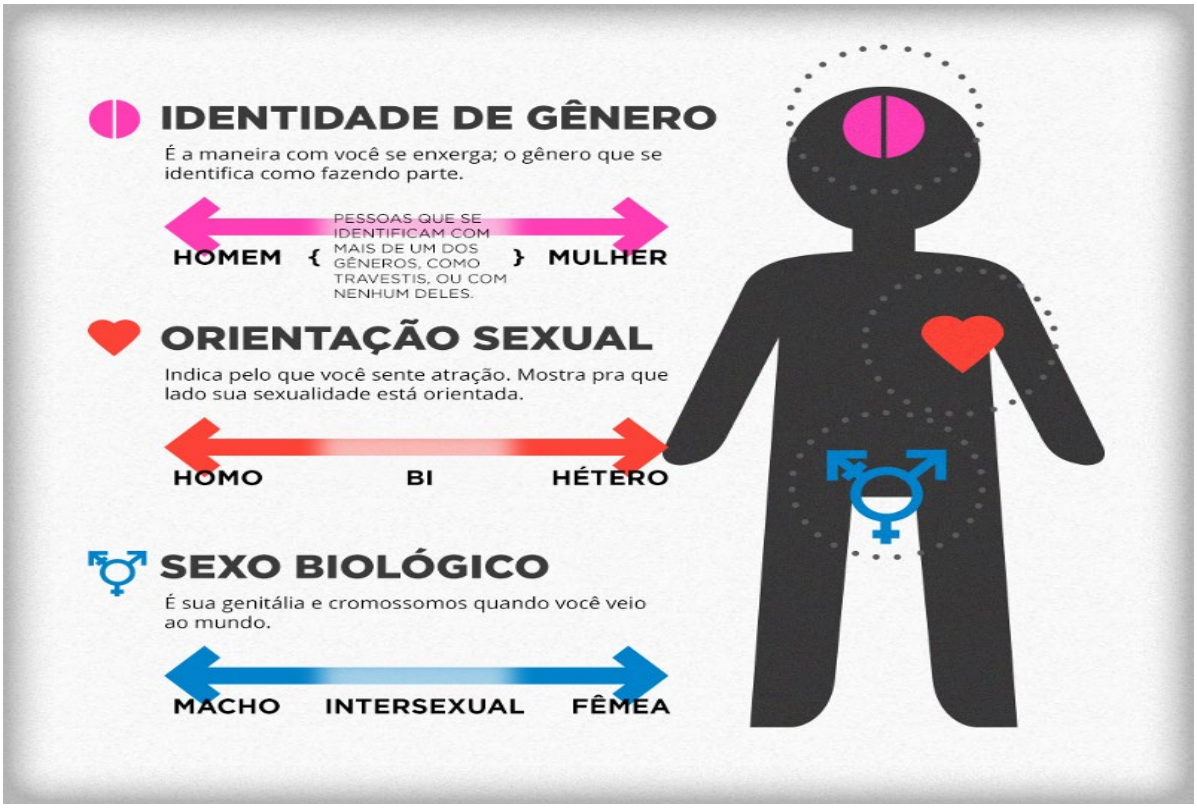
As simples diferenças de gênero e orientação sexual são transformadas em desigualdades porque vivemos tempos em que consideramos que os comportamentos de homens e mulheres possuem valores diferentes. Socialmente, por exemplo, é aceito que homens tenham comportamentos agressivos com mulheres.

A necessidade de ensinar Educação Sexual nas escolas é justamente para

“naturalizar” a diversidade e não os estereótipos de masculinidade e feminilidade e refletir de forma ética, respeitosa e didática sobre a sexualidade e todas as suas abordagens.

Para facilitar e, de certa maneira, compreender resumidamente alguns conceitos trazidos até agora, indicamos a observância da imagem que se segue:

Figura 2 – Diferença entre Identidade de Gênero, Orientação Sexual e Sexo Biológico.



Fonte: falafreud.com.

4.1.2 Algumas políticas públicas referenciais

De acordo com estatística publicada no IPEA (2016, p. 81), a pesquisa revela que no Brasil há cerca de 33 milhões de jovens com idade entre 15 e 24 anos que nem estudam e nem trabalham, o que corresponderia a mais de 17% da população. Segundo dados dessa mesma pesquisa, a gravidez precoce atinge uma média muito alta no Brasil fazendo com que essas meninas parem muito cedo de frequentar as aulas e nem trabalhem. Ainda conforme os dados do IPEA (2016),

> Outro grave problema de la juventud brasileña son los elevados índices de fecundidad entre adolescentes. Las informaciones del año 2015 muestran que Brasil presentó una tasa de 68,4 de nacimientos

> por cada mil mujeres jóvenes entre 15 y 19 años. Con esta tasa, Brasil se ubica en el cuarto lugar con mayor tasa de fecundidad entre adolescentes de Sudamérica, solo por detrás de Bolivia, Ecuador y Venezuela. (IPEA, 2016, p. 85).

Diante desses dados estatísticos, consideramos que é preciso políticas públicas de referência, desde os primeiros anos escolares, para evitar que este índice alarmante se projete na fase escolar do ensino médio, caso contrário, esses adolescentes não terão como se prepararem nem mesmo na conclusão desse, quiçá um curso profissionalizante ou superior. Sem essas metas, a desigualdade social, provavelmente não só persistirá mas aumentará consideravelmente, pois possivelmente esses adolescentes quando adultos sobreviverão apenas de trabalhos informais, não fazendo, jus às necessidades básicas de sua família.

Na perspectiva de contribuir para melhorar os dados alarmantes do país no que reflete para a melhoria da situação econômica, social e de convivência, alguns documentos internacionais foram assinados pelo Brasil assumindo esforços em relação às desigualdades de gênero e às diferentes formas de discriminação, como a *Declaração Mundial sobre educação para todos* (TAILÂNDIA, 1990) e o *Relatório Delors* (FRANÇA, 1996). A análise e discussões desses e outros documentos e uma maior evidência desse tema no país proporcionaram a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) e do Referencial Curricular para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), documentos que objetivavam a inclusão de temas específicos sobre a diversidade nos currículos, inclusive um tratamento especial à questão de gênero e sexualidade.

A partir daí, também os movimentos sociais começaram a se manifestar, ao perceberem a possibilidade de participar das discussões e reivindicar seu espaço. Foi assim com o movimento feminista, o movimento LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros), visando o alcance do respeito. Os movimentos sociais foram tomando forma e se fortalecendo a ponto de, em 2003, o governo federal criar a Secretaria Especial de Política para as Mulheres (SPM); e em 2004, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC)[4], com o intuito de trabalhar pela promoção da equidade e valorização da diversidade através de iniciativas educacionais que orientaram essa proposta**.** Aos poucos, as políticas públicas foram sendo articuladas para, entre diferentes

[4] Recentemente a SECAD foi renomeada para SECADI, somando o termo “inclusão“ à sigla-nome original.

demandas, também conduzir à promoção de valores de respeito à paz e a não discriminação pela identidade sexual das pessoas.

Em 2004, o governo brasileiro lançou pela Secretaria de Direitos Humanos e financiado pelo Ministério da Saúde, o projeto Brasil Sem Homofobia, um projeto de combate à violência contra a população LGBTT no Brasil e que determinou o Direito à Saúde dos não heterossexuais, consolidando atendimento e tratamento igualitários.

Num esforço para promover a igualdade e a justiça social, foi implementado em 2005, o primeiro Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, o qual foi uma iniciação para o lançamento do segundo Plano em 2008, que além de reafirmar os pressupostos do primeiro plano, traçou metas mais ousadas no sentido de aprimoramento de leis e direitos de igualdade para as mulheres.

Entre as diretrizes que os governos federal, estadual e municipal devem seguir, estava uma considerada como prioridade: “Reconhecer a violência de gênero, raça e etnia como violência estrutural e histórica que expressa a opressão das mulheres e que precisa ser tratada como questão de segurança, justiça e saúde pública” (MEC, 2008, p. 28). O texto também trazia um capítulo específico: Enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres.

Tratava-se de não apenas “reconhecer”, mas efetivamente punir severamente a violência de gênero que estava nesta época se multiplicando infinitamente na sociedade (e que aliás ainda continua absurdamente aumentando nos últimos tempos). Os planos e as políticas foram construídos com diretrizes importantes. Mais uma vez, no Brasil, os documentos são perfeitos, mas a execução e a cobrança ineficientes, pois muito se fez mas muito ainda ficou por ser feito. Mudanças significativas aconteceram, como a aprovação da Lei Maria da Penha (2006), criada para punir e evitar a violência familiar contra a mulher. Porém ainda ficou e ainda há muito por fazer, especialmente nos dias atuais, e ao nosso entender, com urgência pois muitas conquistas e direitos estão ameaçados pela ausência da continuidade dessas políticas conquistadas.

As universidades também passaram a contribuir nesse sentido, passando a criar grupos de estudo focados nos temas dos PCN, incluindo em seus currículos uma nova concepção de formação de professores preparada para a diversidade nas escolas. Não discutiremos aqui os resultados desse processo, que pelas estatísticas anuais de violência contra LGBTT, violência contra as mulheres, talvez esteja sendo conduzido a passos lentos demais, considerando que as escolas e as universidades

devem ser espaços de construção do conhecimento. Em meio ao enfrentamento sobre essas discussões, os PCN confirmam que,

> Orientação na escola é entendida como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A orientação sexual não-diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual do tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. (BRASIL, 2001, p. 299).

Os temas transversais dos PCN, aqui especificamente Orientação Sexual, é reflexo de uma necessidade de discutir nas escolas o que as famílias têm dificuldade de enfrentar e, para que, através da informalidade não se venha a ter informações equivocadas. As escolas então se tornariam aptas para uma educação sexual com qualidade e conhecimento.

Quando referenciamos a questão da melhoria da educação, da luta pela eliminação de desigualdade de gênero, cabe observar que o Plano Nacional de Educação (PNE), entre outras coisas, prevê algumas proposições nesse sentido. Quanto a isso, pode-se verificar que a história prevê que as primeiras propostas sobre um PNE para unificar a proposta de ensino do Brasil datam de 1931. Durante um longo período não houve muita preocupação sobre sua possível importância social e educacional. Levaremos em conta os dois últimos PNEs (2001 e 2011), dos quais verificaremos a inclusão de propostas em relação a gênero nas escolas. No novo contexto educacional pós regime militar, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996, reaproxima a lei do investimento educacional público como também a necessidade da elaboração do PNE, e em seu artigo nove, deixa clara essa obrigatoriedade: “Art. 9º A União incumbir-se-á de: I - elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios”.

Conforme análise de Vieira, Ramalho, Vieira (2017), o PNE de 2001 é o plano mais completo apresentado pelo governo, onde há uma contextualização sobre a educação no Brasil e os diferentes setores de sua aplicação. A sua observação sobre as questões de gênero começa no apontamento sobre o quantitativo de crianças matriculadas na educação infantil. O documento divide por gênero procurando uma igualdade quantitativa, o que foi confirmada como o texto diz: A distribuição das matrículas, quanto ao gênero, está equilibrada: feminino, 49,5% e masculino, 50,5%.

Esse equilíbrio é uniforme em todas as regiões do País. Diferentemente de outros países e até de preocupações internacionais, em nosso País essa questão não requer correções. No item – objetivos e metas do ensino fundamental, consta que,

> 11. Manter e consolidar o programa de avaliação do livro didático criado pelo Ministério de Educação, estabelecendo entre seus critérios a adequada abordagem das questões de gênero e etnia e a eliminação de textos discriminatórios ou que reproduzam estereótipos acerca do papel da mulher, do negro e do índio.* (PNE, 2001, p. 20).

Ainda no PNE de 2001, no que pertence ao Ensino Superior, há um apontamento no item 12 que sugere,

> 12. Incluir nas diretrizes curriculares dos cursos de formação de docentes temas relacionados às problemáticas tratadas nos temas transversais, especialmente no que se refere à abordagem tais como: gênero, educação sexual, ética (justiça, diálogo, respeito mútuo, solidariedade e tolerância), pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e temas locais. (PNE, 2001, p. 35).

Observa-se no entanto, que relacionado ao Ensino Médio não há nada escrito que sugira o debate sobre as problemáticas específicas de gênero. No mesmo artigo, Vieira, Ramalho, Vieira (2017), fazem uma breve análise do PNE 2011, que ainda está em vigor. Em referência a abordagem de gênero, este PNE “traz uma escrita resumida e sucinta, procura economizar palavras e comprometimentos, em todos os temas, e com gênero não seria diferente”. Partindo da observância quanto ao tema deste documento, a meta três do PNE (2011 a 2020) remete a importância em universalizar o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos, e, dentro das estratégias dessa meta define:

> 3.9) Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou a identidade de gênero, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão. (PNE 2011 a 2020, p. 5).

Neste caso, é importante observar que esta preocupação sobre a evasão que poderia, em alguma circunstância, ser “por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero”, se manifesta apenas para a população de 15 a 17 anos, em sua maioria, no Ensino Médio. A referência então é bastante limitada neste PNE sobre nossa temática.

Assim sendo, após a aprovação do PNE, documento nacional que contempla as metas e estratégias para melhorar o ensino público no Brasil, Estados e Municípios

precisam se adequar ao documento nacional e, nesse sentido, foram criados os Planos Estaduais de Educação (PEEs) e os Planos Municipais de Educação (PMEs), respectivamente, sendo que todos devem atender a demanda do PNE, conforme orientação do MEC:

> Não se trata apenas de uma exigência legal; sem planos subnacionais formulados com qualidade técnica e participação social que os legitimem, o PNE não terá êxito. Os Planos Estaduais de Educação (PEEs) precisam ser imediatamente produzidos, debatidos e aprovados em sintonia com o PNE. E os Planos Municipais (PMEs), da mesma maneira que devem ser coerentes com o PNE, também devem estar alinhados aos PEEs dos estados a que pertencem. Para o cidadão, o PNE e os planos de educação do estado e do município onde ele mora devem formar um conjunto coerente, integrado e articulado para que seus direitos sejam garantidos e o Brasil tenha educação com qualidade e para todos. (MEC, 2014, p. 6).

Neste aspecto, o Plano Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso, construído para vigorar até 2020, não tem nenhuma referência a gênero, educação e/ou orientação sexual. Sua referência especial está no fato de incluir as relações étnico-raciais no ensino básico.

Posteriormente a isso, o Plano Municipal de Educação de Campo Novo do Parecis, município base de nossa pesquisa, determina como meta 2 do Ensino Fundamental, que a matriz curricular siga os “Parâmetros Curriculares Nacionais”, além de apresentar na meta 11 – “Assegurar, em toda a rede de ensino, a implementação de uma política inclusiva que respeite a diversidade.” A diversidade aqui registrada não deixa clara a que seria esse dispositivo, além do que, a referência aos PCN também não contempla diretamente a questão de gênero.

Faz parte dessa dissertação, a pesquisa documental sobre a contemplação do tema sexualidade nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) das escolas contempladas, que são as que oferecem ensino fundamental nos ciclos finais. Os PPPs são a finalização de uma construção que vem alinhada do PNE até a base de ensino, que são as escolas. Ali, finalmente se desenvolve tudo aquilo que é construído, sendo que é esta construção entre escola e comunidade escolar que pode determinar o sucesso e/ou o fracasso do sistema.

Nas Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais de Mato Grosso (p. 35), encontramos o tema expresso da seguinte maneira:

> Almejamos um espaço escolar livre de preconceitos, discriminações e práticas de *bullying* de gênero. A forma mais eficaz de abordagem destas questões é incluí-las no PPP e no Currículo, garantindo assim

> o fortalecimento das discussões entre educadores e educadoras para a percepção das múltiplas identidades sociais e a legitimação destas ao longo de sua história de vida. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES DE MATO GROSSO, 2012, p. 35).

Ao apontarmos as limitações documentais na perspectiva do ensino de gênero nas escolas, preocupa-nos que os programas e políticas públicas ainda não determinem com certo rigor a necessidade de incluir e especificar questões tão importantes ligadas à diversidade. A nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular) tem sido mais um documento público especificamente construído no sentido de melhorar o ensino público do Brasil. Chegou para ser "a referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas." (BNCC, 2017, p. 5). O documento prevê que,

> Trata-se, portanto, da implantação de uma política educacional articulada e integrada. Para isso, o MEC será parceiro permanente dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, trabalhando em conjunto para garantir que as mudanças cheguem às salas de aula. As instituições escolares, as redes de ensino e os professores serão os grandes protagonistas dessa transformação. (BNCC, 2017, p. 5).

Pensada como mais novo referencial que define as aprendizagens fundamentais que todo estudante brasileiro tem direito a receber na escola de Ensino Básico, especificamos aqui, na estrutura do Ensino Fundamental, as ligações curriculares que a obra contempla sobre a diversidade, especificamente nas abordagens sobre gênero e sexualidade. Nas competências gerais da educação básica, pode-se verificar o uso da expressão "colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva." Acrescentamos uma atenção especial à competência

> 9: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2017, p. 10).

Uma vez definidas as competências gerais, vale destacar, entre outras, as específicas do ensino de Ciências da Natureza para o Ensino Fundamental, que nos interessa devido ao tema. Entre elas:

> 5 - Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de

> grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2017, p. 322).

E a:

> 7 - Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias. (BNCC, 2017, p. 322).

Portanto, diante da abordagem desses dados, não se verifica uma determinação explícita, uma referência clara e precisa de discussão desses temas nas escolas, mas também pode-se justamente, a partir dessas competências, incluir o tema no espaço escolar, já que está identificada a construção do respeito a si e ao outro, no cuidado do corpo e ainda, compreendendo-se na diversidade humana, assim como compreendendo o outro.

São argumentos suficientes, a nosso ver que há neste entendimento margem para construir uma formação humana sem nenhum tipo de preconceito e discriminação, numa aceitação e respeito a todos e todas, ou em outras palavras, há como trabalhar sim, questões relevantes comprometidas à luz da ciência sobre o desenvolvimento humano e sua sexualidade, não só com conceitos fisiológicos/biológicos, mas também históricos, sociais, afetivos e emocionais, na construção das diversidades no que tange a identidades e comportamentos sexuais.

Cabe ressaltar no entanto, que as estatísticas provam que estamos longe do ideal de um projeto de ensino aprendizagem e formação humana que realmente contemple a todos e todas, e as políticas públicas assim como os PCN e tantas outras não tem sido no sentido de prevenir os fatos e sim, de resolver problemas já expostos. Deveria ser uma exigência que as mesmas fossem preventivas, o que evitaria tantos problemas.

4.2 Orientação Sexual e a escola: um diálogo possível e/ou necessário?

> Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das

> meninas. (LOURO, 2014, p. 61)

Ao ler a citação acima, nos cabe algumas indagações enquanto professora e pesquisadora: as diferenças que a própria escola delimitou podem sofrer um reverso? Como envolver os estudantes nas discussões sobre a diversidade, especificamente sobre a educação sexual? Será possível reverter a história e fazer do ambiente escolar um lugar para todos independente do peso e forma do corpo, classe social, orientação sexual, religião, cor, ou qualquer outra 'medida' social perversa a que temos assistido diariamente ultimamente?

É necessário compreender que a escola é parte importante do processo de formação de um ser humano e que neste espaço não só se recebe informação, mas se constrói conhecimento. Louro (2014, p. 85), afirma que,

> Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta e dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desse assunto nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". (LOURO, 2014, p. 85)

De acordo com a UNESCO,

> o objetivo primário da educação em sexualidade é equipar crianças e jovens com os conhecimentos, habilidades e valores para fazer escolhas responsáveis sobre seus relacionamentos sexuais e sociais num mundo afetado pelo VIH. Além disso, a educação em sexualidade é responsabilidade de toda a escola, por meio não somente do ensino como também das regras, práticas internas, currículo e ensino e materiais didáticos da escola. (UNESCO, 2010, p.3).

Ainda nesse sentido:

> Se os jovens escolhem ser ou não ser sexualmente ativos, a educação em sexualidade prioriza a aquisição e/ou o fortalecimento de valores como reciprocidade, igualdade, responsabilidade e respeito, que são pré-requisitos para relacionamentos sociais e sexuais saudáveis e seguros. Infelizmente, nem todas as relações sexuais são consensuais, podendo ser forçadas, chegando até ao estupro. (UNESCO, 2010, p. 5).

Para Egypto (2012, p. 16): "A escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde se está produzindo diálogo e reflexão. É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes." E complementa que a orientação sexual na escola ainda assusta muita gente. Colabora com o pensamento de Egypto, Libâneo (2010), quando afirma que a escola é espaço de socialização, de reconhecimento da diferença, do respeito e da responsabilidade com

a diversidade cultural. Assim também Werebe (1998) diz que a escola constitui um lugar privilegiado para a instituição de intervenções regulares de educação sexual, pois é nela que se encontram reunidos, desde a infância até a adolescência, grande número de jovens. Segundo a autora,

> A omissão deliberada e o silêncio dentro da escola, em relação a tudo que concerne a sexualidade, também tem importância sobre a formação dos alunos, neste domínio, levando-os a considerar que sexo é alguma coisa de secreto ou de vergonhoso sobre o qual não se deve falar. (WEREBE, 1998, p. 150).

De acordo com Figueiró (2007), é tarefa da família educar sexualmente seus filhos, mesmo ela acontecendo de forma negativa, positiva ou omissa. Mas, normalmente, a família se abstém dessa formação porque não sabe lidar com isso.

> Mas é, ainda assim, função da escola, sempre educar sexualmente, porque ela é responsável pela formação integral do escolar, e isto inclui não apenas sua formação intelectual, mas, também, sua formação moral e afetiva. (FIGUEIRÓ, 2007, p. 27).

De uma forma ou outra, educação sexual todos tivemos e continuaremos tendo. A questão é que os ensinamentos informais que se adquirem além da escola, e nem sempre dentro de casa, quase sempre são conceitos inapropriados. Para Egypto (2012, p. 13), recebemos o tempo todo informações e uma carga de ideias permeadas muitas vezes de preconceitos a respeito da sexualidade. Ele cita o exemplo dos meios de comunicação que colocam a sexualidade como consumo, excitação, fazendo com que atraia crianças e adolescentes. Segundo ele, cabe à escola provocar essa reflexão, ajudando a debater valores.

É importante que a escola trate desse assunto a partir do lugar da ciência, de uma forma clara e tranquila, para não deixar os estudantes na dependência de fontes informais dos amigos, da mídia. A intervenção educativa continuada pode contribuir numa série de esclarecimentos e ansiedades, na prevenção e combate às DSTs, como também na orientação a não discriminação, ao preconceito, entre tantas outras violências sofridas pelos adolescentes, inclusive em suas próprias famílias. Isso poderá proporcionar inclusive ao estudante a oportunidade de se defender porque ninguém se defende daquilo que não conhece.

Como propõem vários autores, entre eles: Libâneo (2010, 2011), Alarcão (2011) e Kenski (2014), vivemos a sociedade da informação, da comunicação, do conhecimento e da aprendizagem e, nesse sentido, são necessárias competências para gerir essa situação. De acordo com esse pensamento, a escola não pode se

abster de reforçar a formação para a vida e para a diversidade, incluindo no seu currículo a Orientação Sexual, constante no PCN e definitivamente necessario para o mundo em que vivemos.

De acordo com os PCN (1997), o trabalho de Orientação Sexual na escola não substitui nem concorre com a função da família mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção adequada por parte dos profissionais da educação.

O ambiente escolar pode ser um local apropriado para oferecer ao aluno o diálogo necessário na construção de sua identidade, de seu “eu”. Essa identidade está continuamente em construção, podendo ser afetada pelo meio social, ou seja, é formada ao longo do tempo e não é algo inato, existente na consciência desde o momento do nascimento. Segundo Gomes (2001),

> Ainda nos falta avançar muito para compreendermos que o fato de sermos diferentes uns dos outros é o que mais nos aproxima e o que nos torna mais iguais. Sendo assim, a prática pedagógica deve considerar a diversidade de classe, sexo, idade, raça, culturas, etc, presentes na vida da escola e pensar (e repensar) os currículos e os conteúdos escolares a partir dessa realidade tão diversa. (GOMES, 2001, p. 87).

Em especial atenção à construção de um aprendizado que envolve a comunidade escolar e preocupado com a aprendizagem “pelas diferenças”, Miskolci (2017, p. 5) defende que “uma escola que não discute sexualidade e gênero em uma perspectiva de respeito às diferenças e promoção dos direitos humanos pode se tornar um espaço do medo, da discriminação e da violência.”

A instituição de ensino, se não trabalhar com a inclusão dos estudantes gera diversos conflitos e ainda cria sentimentos de inferioridade, sendo que a legislação prevê seus direitos garantidos, como o Art. 3 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

> […] A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes a pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.[…] (BRASIL, 1990, p. 19).

Embora as leis garantam certos direitos, infelizmente há muito preconceito no ambiente escolar e, deficientes de formação, os profissionais da educação tem muita

dificuldade em fazer cumprir as leis que protegem a integridade física e psíquica dos estudantes, tanto quanto para contribuir na construção de uma sociedade livre de preconceito. O ECA, Art. 54, ainda observa que: “A criança e o jovem tem direito à educação, assegurando-se igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

Em meio a dúvidas sobre como começar a abordagem deste tema no processo educativo temos o que dizem os PCN:

> Orientação na escola é entendida como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A orientação sexual não-diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual do tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. (BRASIL, 2001, p. 299).

Todavia, para que um assunto tão sério seja adequadamente trabalhado nas escolas, são necessários profissionais de educação éticos e sem concepções preconceituosas. É necessário que o educador tenha acesso a formação específica para que ele se sinta confortável com os estudantes.

Nas palavras de Freire (1987, p. 24), “a busca pelo conhecimento transforma vidas que se libertam, que tomam consciência crítica e agem diante das adversidades. Neste caso, a educação pode ser utilizada como poderoso instrumento na busca da superação dos conflitos sexuais.”

Ainda na perspectiva pedagógica de Gomes (2001), Louro (2014) contribui, quando afirma que a escola produz sujeitos com identidades étnicas, de gênero, de classe, e que deve estar comprometida com a mudança da sociedade e não com o sistema de manutenção de uma sociedade dividida, dada nossa participação ou omissão. Louro lembra que não somente há as desigualdades econômicas, as desigualdades sociais e culturais exigem sensibilidade e respeito.

Não que a escola seja o único fator de mudança social, mas é um dos fatores que pode contribuir muito para isso, partindo do pressuposto que podemos nos aliar às famílias para tentar educar os jovens, livres de preconceitos de todos os tipos, compreendendo que as relações humanas são possíveis e prazerosas vivendo com responsabilidade.

Lins, Machado e Escoura (2016) mostram que ações para a superação das desigualdades de gênero não podem faltar no projeto político pedagógico. E, ainda,

> Uma escola acolhedora das diferenças e que lute para combater as desigualdades de gênero precisa mostrar claramente essa intenção pedagógica. E ações afirmativas e intervenções para garantir o direito à educação da população LGBT devem ser desenhadas e colocadas em prática a partir de um trabalho conjunto de toda equipe escolar. (LINS, MACHADO E ESCOURA , 2016, p. 79).

A partir disso, nós pensamos que a escola não só pode mas deve desempenhar um papel de informar e agir neste sentido que será muito importante no fortalecimento de atitudes e comportamentos que repudiem qualquer tipo de preconceito, não só em relação a identidade sexual, mas especialmente desta.

4.2.1 Formação de professores

Finalidade primária da Educação Sexual:
Não é a de "ensinar" muita coisa, mas de permitir
que se pense sobre o tema.
– José Ângelo Gaiarsa (1986)

Os professores e professoras no Brasil ainda lutam por uma igualdade de gênero na profissão. Segundo Relatório Nacional de pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem - TALIS 2018 (tradução de Teaching and Learning International Survey) , o percentual de professores do sexo feminino na composição das escolas brasileiras dos anos finais do ensino fundamental é de 69%. Nesse contexto, ainda se está evoluindo para uma equidade em relação ao gênero.

A Educação, no contexto mundial, tem se encaminhado pelo paradigma da inclusão. Cada vez mais os professores são desafiados para atender a diversidade de alunos, permitindo que permaneçam na escola e que, definitivamente, aprendam o possível dentro de suas limitações. Qual o significado disso? Que as escolas, professores e toda a comunidade escolar estejam preparados para recebê-los, reconhecê-los e integrá-los de forma que seja construído um currículo que atenda essa diversidade. Diante disso, destaca-se o fato de que a questão da diversidade sexual deve fazer parte da formação de recursos humanos, na tentativa de vencer preconceitos 'arraigados' na sociedade.

Figueiró (2009) ainda observa, entretanto, que muitos profissionais das áreas da saúde e da educação precisam vencer seus próprios preconceitos para melhor

atender a gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e transgêneros, ou seja, a população LGBTT.

Freire (1993) sugere que as questões relacionadas à sexualidade devem ser tratadas de forma interdisciplinar, ou seja, todos os educadores devem estar capacitados para tratar do assunto, sem que ocorra a concentração desse saber em uma única disciplina.

Desse modo, pode-se observar que há uma grande preocupação no sentido de propor discussões além do sexo em si. Fatores como o estupro, a violência sexual, a violência doméstica, são situações que acontecem com mais frequência do que se tem em estatísticas e as pessoas convivem com essa realidade silenciosamente dentro das famílias, na sociedade em geral, destruindo crianças, jovens e adultos. Além do que, a discussão que deverá perpassar gênero, precisa ser constituída nas escolas de maneira determinante e profunda, visando o conhecimento pessoal do educando e, principalmente, de posse deste conhecimento, aprender a respeitar as diferenças, levando para casa e para a sociedade valores que fortaleçam os laços de respeitabilidade e aceitação social em todas as suas diferenças e, neste caso, especificamente, as de gênero.

Para Adorno (1995), a educação deve ter o papel de buscar a emancipação humana. Crítico da educação autoritária, individualista e meramente adaptativa ao sistema social, tem como referencial uma educação emancipadora no sentido de autonomia, racionalidade e possibilidade de ir além da mera adaptação, chegando à emancipação.

O autor lembra ainda, da importância da educação em não ser um instrumento disciplinador de condutas através da repreensão, costume que sempre predominou durante muitos anos de forma explícita através de castigos físicos e morais, e hoje de maneira disfarçada através de uma repressão psicológica.

> A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia [de H. Becker – NV], se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO,1995, p.141-142).

A expectativa do mesmo em promover uma educação emancipadora é no sentido de estabelecer ao indivíduo uma autorreflexão, demonstrando sua importância numa coletividade para o bem comum da humanização (ADORNO, 1995). Nesse sentido, a educação deve contribuir para o processo de formação do indivíduo para conviver socialmente respeitando todas as igualdades e diferenças sociais, morais, comportamentais, etc.

Na perspectiva de realizar uma aprendizagem dinâmica e significativa na formação individual e social do estudante, tem-se, em especial, a contribuição do professor.

Para realizar seu trabalho com resultados significativos, o professor requer habilidades relevantes; entre elas, a de ser um aprendiz diário, considerando as rápidas mudanças na sociedade atual que exigem da escola, agilidade para perceber o novo e a capacidade para agir diante de estudantes cada vez mais integrados em outros sistemas com os quais podem interagir mais dinamicamente.

O professor tem que ter também consciência do seu papel formativo, que o mesmo é intencional, ou seja, ele escolhe ou não formar o aluno e que tipo de ensino, de prática pedagógica ele vai utilizar para o tipo de formação que ele quer. O professor tem que ter clareza do que ele vai ensinar e porque ele vai ensinar.

Cabe à sociedade e ao sistema escolar, refletir conjuntamente nas prioridades educacionais hoje. Dá-se muita relevância ao fator conteudista em detrimento de outros conhecimentos. E nesse contexto de preocupação, apenas com a matéria, ou seja, com o conteúdo das disciplinas não sobrando, às vezes, tempo para a formação geral e de cidadania, cabe perguntar, como fica o profissional em sala de aula quando ocorrem outras demandas?

Qual seria o papel do professor, principalmente da área de Ciências e/ou Biologia quando surge o tema da sexualidade? Qual a expectativa desse profissional quanto à sua formação? E, se o assunto surgir em outras disciplinas? De acordo com os PCNs, a abordagem deve ser interdisciplinar e transversal, dando a entender que todos devem ter conhecimentos básicos para esclarecer e refletir com os estudantes. Há grandes divergências quanto à abordagem da educação sexual nas escolas. Muitos são os motivos de tal preocupação, entre eles, o que cita Figueiró:

> (...) Alguns pais preocupam-se, justamente, por temer que os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das

> vezes), temem que professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento. O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham lhes incutir idéias de pecado. Teriam direito, os professores, de influenciar seus alunos com seus valores pessoais (FIGUEIRÓ, 2009, p. 143).

De acordo com Werebe (1998) não se trata de ter profundos conhecimentos científicos para trabalhar com educação sexual, mas estar preparado e se sentir à vontade para tratar de questões sexuais com os alunos. Segundo ela, “o educador que não se sente à vontade quando fala de sexo, embora possa dominar os conhecimentos que transmite, reflete nas suas atitudes o seu mal-estar.”(p. 195)

Considerando que é necessário que haja uma formação inicial e continuada no âmbito geral educacional que prepare os futuros professores com competência e segurança para abordar os mais diversos temas necessários a uma inclusão real dentro das escolas e, consequentemente da sociedade, iremos ensaiar com alguns autores conceituados.

Libâneo (2010) reconhece que houve um grande impacto tecnológico na sociedade, ao qual ainda estamos nos adaptando como escola.

> Não há uma crise de formação; há um contexto concreto de transformações sociais, econômicas, políticas que tendem a privar a humanidade e, portanto, os processos formativos, de perspectiva de existência individual e social. (LIBÂNEO, 2010, p. 45).

Obviamente, para Libâneo (2011, p. 43), “atender à diversidade cultural implica, pois, reduzir a defasagem entre o mundo vivido do professor e o mundo vivido dos alunos, bem como promover, efetivamente, a igualdade de condições e oportunidades de escolarização a todos.”

Pensar numa formação sob a perspectiva de atender a especificidade da educação, é pensar na construção contínua de um professor pesquisador e reflexivo, com todas as suas dificuldades, limites e expectativas da profissão. Tal construção epistemológica tem se baseado principalmente nos trabalhos de Schön (1992), Zeichner (1993), Alarcão (2011), Nóvoa (1992) e Pimenta (2012).

A principal característica de seus trabalhos é oferecer aporte teórico para formar professores como profissionais reflexivos e/ou que pudessem ter a pesquisa como prática recorrente em seu trabalho docente. Antonio Nóvoa, sob o título de *Os professores e a sua formação* (1992), discute a necessidade da pesquisa educacional para atingir as demandas de ensino. Para Nóvoa,

> A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1992).

Nóvoa ainda cita o triplo movimento sugerido por Schön (1992) - conhecimento na acção, reflexão na acção e reflexão sobre a acção e sobre a reflexão na acção – e ganha uma pertinência acrescida no quadro do desenvolvimento pessoal dos professores e remete para a consolidação no terreno profissional de espaços de (auto)formação participada.

Donald Schön (1992) contribuiu de forma fundamental para o campo da formação de professores quando trata de sua perspectiva de ser reflexivo. Para ele,

> Um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo que o aluno faz. Num segundo momento, reflete sobre esse fato, ou seja, pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez e, simultaneamente, procura compreender a razão por que foi surpreendido. (1992, p. 84, *apud* Nóvoa).

A partir desse contexto, ganhou força a formação continuada nas escolas, partindo da necessidade dos professores de se capacitar para resolver os conflitos em sala de aula.

Pimenta (2012) faz parte dos profissionais que pesquisam e problematizam sobre o professor reflexivo. Diferente da proposta de Schön, que valorizava essencialmente a prática, novos pesquisadores como alguns dos citados, tem entendido que essa prática reflexiva nas escolas é significativa, mas também tem-se que preparar o profissional para isso. Segundo a autora,

> O saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais. (PIMENTA, 2012, p. 28).

Nessas condições, o professor precisa ser investigador para reconhecer sua prática e modificá-la. Para Nóvoa, a formação do professor pesquisador reflexivo, não se dá por formação individual, tem que ser um processo interativo, dinâmico e contínuo.

> O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. Mas a criação de redes colectivas

> de trabalho constitui, também, um factor decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente. (NÓVOA, 1992, p. 14).

Na mesma linha de pensamento, Zeichner (1993) aborda a prática do ensino reflexivo e da formação do professor reflexivo como um recurso precioso na construção do conhecimento, não sendo possível uma tendência individualista.

> Uma grande parte do discurso sobre o ensino reflexivo faz pouco sentido, pois fala-se pouco da reflexão enquanto prática social, através da qual grupos de professores podem apoiar e sustentar o crescimento uns dos outros. A definição de desenvolvimento de professor, como uma actividade que deve ser levada a cabo individualmente, limita muito a capacidade de crescimento do professor. (ZEICHNER, 1993, p. 23).

De acordo com Zeichner (1993), este tipo de formação reflexiva também dá oportunidade de conhecer os alunos e suas condições sociais que também influenciam em sala de aula. Ou seja, desenvolver as atitudes, os saberes e as capacidades essenciais para o desenvolvimento de um trabalho mais eficiente com relação a diversidade. Interessante que o autor chama a atenção para as universidades que continuam formando professores para ensinar em classes homogêneas. Segundo Zeichner, é imprescindível ser sensível às diferenças para obter resultados positivos na educação.

A noção de professor reflexivo também é compartilhada com Alarcão (2011). Para a autora, o professor não pode agir isoladamente na sua escola. É nesse local, o seu local de trabalho, que ele, com os outros, seus colegas, constroem a profissionalidade docente. Nesse sentido, segundo ela, a escola também tem que ser reflexiva.

Para Pimenta (2012), a velocidade com que chegam as informações hoje para os jovens e as crianças poderia dispensar o professor, caso ele fosse apenas um transmissor de informação. Reconhecer que a escola produz conhecimento faz toda a diferença. Ou seja:

> Analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social. Trabalhar as informações na perspectiva de transformá-las em conhecimento é uma tarefa primordialmente da escola. Realizar o trabalho de análise crítica da informação relacionada à constituição da sociedade e seus valores é trabalho para *professor* e não para *monitor*. Ou seja, para um profissional preparado científica, técnica, tecnológica, pedagógica, cultural e humanamente. Um profissional que *reflete* sobre o seu fazer,

> pesquisando-o nos contextos nos quais ocorre. (PIMENTA, 2012, p. 46).

Esta temática talvez nunca estivesse muito presente nos currículos, na formação inicial e continuada, de um modo geral, dos diversos cursos de licenciatura e, portanto, os professores não saiam e não saem preparados para discutir questões relacionadas ao iniciar sua prática pedagógica.

Conforme Nóvoa (2009, p. 27), “a educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo.” Ainda, segundo ele, a formação de professores precisa ser melhorada e mais ligada à realidade das escolas. A formação inicial também precisa ser mais assídua quanto ao fato do compromisso social desta profissão.

Assim, a realidade obriga-nos a ir além da escola, retomando o papel social dos educadores até mesmo para melhorar a visibilidade da profissão dentro da sociedade.

Tem-se então, que conduzir a construção conjunta do currículo escolar, de forma que ele seja o reflexo do que a escola espera na formação de seus educandos. No currículo se organiza os saberes, os objetivos, metodologia e recursos necessários para servir a um modelo de aprendizagem e de formação humana que se procura definir. O mesmo precisa estar articulado com o documento maior da instituição educacional que é o projeto político pedagógico. Segundo Vasconcelos,

> o desafio, portanto, é a articulação efetiva entre o Projeto Político Pedagógico e a Proposta Curricular, qual seja, ter um *curriculum* que de fato seja um caminho, um percurso para a concretização dos ideais colocados no PPP, viabilizando o encontro dos currículos pessoais dos vários sujeitos em torno desse projeto. (VASCONCELOS, 2009, p. 15)

Não basta planejar cuidadosamente um currículo se a própria escola não forma os professores para que ele funcione, atinja os objetivos aos quais ele se propõe. Junte-se a isso a capacidade de gestão, política e de colaboração entre a equipe executora do projeto. A solidez de uma equipe escolar pode transformar o processo de ensino e de aprendizagem.

Considerando que o PPP é o planejamento macro da instituição, e que se constrói de forma participativa e constante para aperfeiçoamento de suas ações, Vasconcelos o define como,

> um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade

> prática da instituição nesse processo de transformação. (VASCONCELOS, 2009, p. 169)

Cabe ressaltar que nossa proposta de pesquisa inclui a análise dos projetos políticos pedagógicos das escolas para obter respostas sobre a inclusão ou não da educação sexual e quais as propostas que ele apresenta sobre o tema, pois para nós esta análise seria, como de fato foi, fundamental para compreender a dinâmica das escolas, e consequentemente, um olhar mais apurado dos professores que buscamos neste trabalho em suas ações pedagógicas.

O professor é autor da história da escola, ele tem que ter consciência que seu papel é formativo e clareza sobre o que ele quer ensinar e que tipo de cidadão ele quer ajudar a formar. Para tanto, o currículo da sua formação inicial é muito importante para sua profissão, além de considerar a formação continuada significativa para melhorar suas práticas pedagógicas e seus conhecimentos.

4.3 “Gritos no silêncio”

Parece que existe um abismo interminável na relação de gênero, quando abordamos sexo masculino e feminino, mas a abrangência da violência é tão grande que dedicamos aqui um capítulo especial a ela.

> *A maior e pior violência de gênero está no discurso – nas histórias que contamos e que “nos” contam (nos dois sentidos de “para nós” ou “sobre nós”) sejam elas da literatura, da ciência ou da mídia. O que fica de uma vida é, na ciência ou fora dela, determinado por uma implacável “lente de gênero”. [...] Banalizada pela mídia, combatida por organismos sociais e legais, e investigada pela academia, essa violência se incorpora a nosso cotidiano. Há, no entanto, um paradoxo: quanto mais visível ela se torna, mais ela se naturaliza, com a indesejável conseqüência de que a metáfora da “guerra dos sexos” adquire um capital simbólico cada vez maior e mais violento*. (TORNQUIST et al., p. 20).

Assim como para Foucault (2018), Lins, Machado e Escoura também associam a violência ao poder.

> Dito de outra forma, está ligada à possibilidade de alguém impor sua vontade, sem consentimento, sobre a vontade do outro. Isso pode ser feito de diversas formas: por meio de agressão física, chantagem, pressão psicológica ou ataque moral – ou ainda impedindo que outro exerça seus direitos. (LINS, MACHADO, ESCOURA, 2016, p. 54).

Discutir sobre violência em geral, já é difícil, no entanto, mais difícil ainda é falar

da violência contra crianças, adolescentes, a mulher e contra os homossexuais. Que acontece com a sociedade atual, a qual fazemos parte inclusive, que maltratamos tanto uns aos outros? Que não o reconhecemos para próximo o mesmo daquilo que muitas vezes queremos para nós enquanto direito a ter direitos? A que ponto chegamos onde se não somos nós a violentar, seremos nós a causar violência dentro de nossas casas às pessoas a quem deveríamos amar e cuidar?

Há na história relatos, embora não seja objeto de nossa pesquisa, que a violência sempre aconteceu, em tempos mais ou menos sombrios, por motivos de relações de poder, dinheiro, territórios, religiões, entre outros. Não é, disso sabemos, uma particularidade da atualidade a violência a que assistimos e nos sentimos atônitos. O que nos causa perplexidade é como, em um status cibernético que vivemos numa dita 'modernidade', com acessos diversos inclusive de uma 'informação' sobre as coisas, qual é a motivação humana que leva a comportamentos ainda tão excludentes e porque não dizer, massacrantes no sentido social, de tamanha continuidade da violência, seja em ação, palavras ou emocional, que ainda vivemos?

Essas perguntas parecem não ter respostas, e é quase certo que aqui também não as teremos. Mas talvez compartilhar dessas questões e refletir aqui, ou iniciar uma caminhada que possa tornar a escola um lugar de reflexão juntamente com os alunos e prepará-los para, quem sabe, resultar em uma sociedade mais respeitosa, mais humana, é nosso objetivo.

O papel do professor em nosso entendimento também é fundamental. Para isso avaliamos como isso se dá (ou não) quanto a essa responsabilidade, ou seja, quanto o professor e a escola atuam como participantes do processo de formação do aluno, por compreender que o aluno ou a aluna não podem se proteger daquilo que não conhecem em relação as questões do assunto específico, objeto de nossa pesquisa, que é a educação sexual dentro da sala de aula, e a partir disso, como se comportam em suas vivências afetivas/sexuais. A intenção não é levantar a questão de quem é a responsabilidade de educar, mas de comprometermos com a parte que nos cabe e talvez, ir um pouco além, uma vez que muitas de nossas famílias passam por problemas e não têm condições de fazer o que seria sua obrigação que é a informação sobre este tema.

Criado em 1991 pela Lei nº 8.242, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) foi previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente

como principal órgão do sistema de garantia de direitos. Governo e sociedade civil juntos definem, no âmbito do Conselho, as diretrizes para a Política Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes. Além disso, também fiscaliza as ações do poder público no atendimento da população infanto-juvenil.

Os organismos públicos, inclusive as escolas, têm o dever de garantir a proteção dos cidadãos, especialmente crianças e adolescentes. A violência institucional é decorrente do não cumprimento dessa condição. Outro tipo de violência contra crianças e adolescentes bastante preocupante é o *bullying*: uma prática que compreende comportamentos com diversos níveis de violência que vão desde chateações inoportunas como colocar apelidos, discriminar e ignorar os colegas, até ações altamente agressivas, sob formas verbal ou física, que ocorrem intencionalmente e sem motivação aparente, provocadas por alguns alunos direcionadas a outros da mesma escola ou sala de aula.

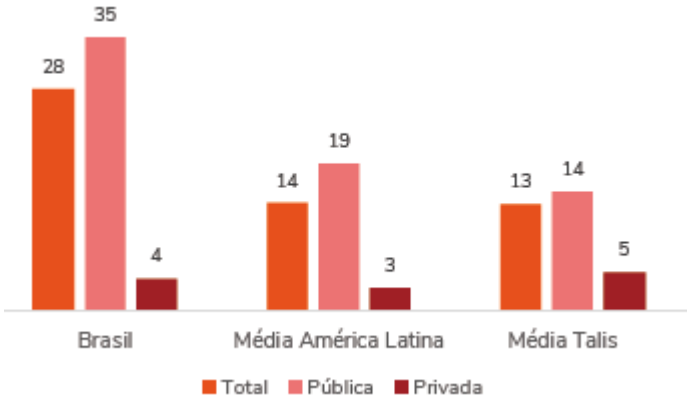
Um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de *bullying* – anglicismo que se refere a atos de intimidação e violência física ou psicológica, geralmente em ambiente escolar. O dado foi divulgado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015.

Uma das práticas de *bullying* mais comum nos dias atuais é a discriminação de gênero. Esta prática, segundo estudos, tem resultado em muitos suicídios, principalmente de meninos homossexuais e vem sendo praticada em casa e nas escolas, além de outros locais.

A gravidade dessa situação se confirma por meio de estudos recentes como *Diagnóstico Participativo da Violência nas Escolas*, realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em 2015, com apoio do MEC, que revelou que 69,7% dos estudantes declaram ter presenciado alguma situação de violência dentro da escola.

Conforme dados da pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem – Talis 2019 (tradução de Teaching and Learning International Survey), cerca de 28% dos diretores das escolas brasileiras dos anos finais do ensino fundamental apontaram a intimidação ou o *bullying* entre os alunos como uma situação que ocorre semanal ou diariamente. Um percentual alto, comparado com a média da América Latina e com a média Talis 2018, de 13%.

Figura 3 – Talis: Relatório Nacional



Fonte: Inep, 2019.

O Guia do Professor – programa de prevenção ao *bullying* e do *ciberbullying*, distribuído pela OAB de São Paulo, apresenta seis diferentes formas de praticar o *bullying*: 1. o *bullying* verbal: que inclui o ato de afrontar, atacar com ofensas, falar mal, caçoar, colocar apelidos depreciativos ou fazer piadas ofensivas; 2. o *bullying* físico ou material: que inclui o ato de espancar, chutar, empurrar, bater, golpear e roubar objetos da vítima; 3. o *bullying* psicológico: que implica o ato de irritar, depreciar, desrespeitar, excluir do grupo, isolar, desprezar, perseguir, desonrar, provocar desavenças ou fofocas; 4. o *bullying* moral: que inclui difamar, caluniar e discriminar; 5. o *bullying* sexual: inclui estuprar, assediar ou insinuar; 6. o *cyberbullying*: quando tais ações ou comportamentos negativos são desenvolvidos por meio de redes virtuais e do uso de outras tecnologias da informação e da comunicação.

Através das explicações e orientações, espera-se que o professor consiga identificar e agir imediatamente após qualquer surgimento de situação real. A proposta também inclui as penas a que estão sujeitos os causadores da situação. Além disso, a Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, que classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação, e veio para contribuir com as vítimas e também para intimidar os comportamentos negativos.

Outro tipo de violência que não para de crescer é a violência sexual contra crianças e adolescentes menores. Apesar do Código Penal Brasileiro considerar crime, o sistema jurídico muitas vezes é conivente com as infrações. O mesmo ocorre com a violência doméstica. Mulheres sendo agredidas constantemente por seus parceiros e continuando submissas a seus agressores pelos mais variados motivos.

Quanto as estatísticas de assassinato relacionados à identidade de gênero, o Brasil registrou 445 casos de assassinatos de homossexuais em 2017, segundo o levantamento do Grupo Gay da Bahia. De acordo com a ONG Transgender Europe, entre 2008 e junho de 2016, 868 travestis e transexuais perderam a vida de forma violenta.

Pesquisas revelam que 20 milhões de jovens não estudam e nem trabalham na América Latina. As pesquisadoras do Ipea, Enid Rocha e Joana Costa, destacam que, no Brasil, há cerca de 33 milhões de jovens com idade entre 15 e 24 anos, o que corresponde a mais de 17% da população. Segundo dados dessa mesma pesquisa, a gravidez precoce, muito alta em nosso país, faz com que a maioria das meninas pare de estudar e nem trabalhe nessa idade.

Segundo dados do Fundo de População das Nações Unidas –UNFPA (United Nations Population Fund, 2012), nos países em desenvolvimento, diariamente 20 mil meninas dão à luz e 200, pelo menos, morrem em decorrência do parto. A gravidez na adolescência traz consequências para a saúde, educação, emprego, e um obstáculo para seu sucesso escolar e profissional.

Analisando estes dados, é possível observar que a orientação sexual na escola não pode esperar o aluno chegar no ensino médio. É preciso iniciá-la antecipadamente para informar, discutir as vantagens e desvantagens de certas situações, da gravidez e do aborto, das doenças sexualmente transmissíveis e suas consequências. “As meninas precisam ter acesso aos serviços de saúde sexual e reprodutiva e à informação. Elas precisam ser liberadas das pressões econômicas e sociais que muitas vezes se traduzem em uma gravidez, bem como da pobreza, da falta de saúde e da não realização do potencial humano que acompanham a gravidez”, afirma o resumo do estudo em português. (UNFPA, 2012)

Ainda no que compete aos deveres da família e da escola, vale lembrar que Orientação Sexual é uma ferramenta fortíssima para orientar as crianças e adolescentes na prevenção do abuso sexual que perpassa hoje as famílias e a sociedade em geral.

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) continua exercendo um poder devastador na vida de jovens e adolescentes pelo mundo. Em dados encontrados, verificamos que o índice de contaminação ainda é muito alto. Mais um

motivo, a nosso ver, que justifica o empenho da escola na orientação e reflexão com os jovens.

Figura 4 – Estatísticas globais sobre HIV (2002-2017).

Dados Globais

	2000	2005	2010	2012	2013	2014	2015	2016*Junho 2017
Pessoas vivendo com HIV	27,7 milhões [23,2milhões–32,3 milhões]	31,0 milhões [26,0milhões–36,3 milhões]	33,2 milhões [27,6 milhões–39,2 milhões]	34,3 milhões [28,5 milhões–40,3 milhões]	34,9 milhões [29,0 milhões–40,9 milhões]	35,5 milhões [29,5 milhões–41,6 milhões]	36,1 milhões [30,2 milhões–42,2 milhões]	36,7 milhões [30.8 milhões–42.9 milhões]
Novas infecções por HIV (total)	3,0 milhões [2,6 milhões–3,4 milhões]	2,5 milhões [2,2 milhões–2,8 milhões]	2,2 milhões [1,9 milhão–2,4 milhões]	2,1 milhões [1,8 milhão–2,3 milhões]	2,0 milhões [1,7 milhão–2,3 milhões]	2,1 milhões [1,9 milhão–2,4 milhões]	1,9 milhão [1,6 milhão–2,2 milhões]	1,8 milhão [1,6 milhão–2,1 milhões]
Novas infecções por HIV (com idade 15+)	2,5 milhões [2,2 milhões–2,9 milhões]	2,1 milhões [1,8 milhão–2,3 milhões]	1,9 milhão [1,6 milhão–2,1 milhões]	1,8 milhão [1,6 milhão–2,0 milhões]	1,8 milhão [1,5 milhão–2,0 milhões]	1,7 milhão [1,5 milhão–2,20 milhões]	1,7 milhão [1,5 milhão–2,0 milhões]	1,7 milhão [1,4 milhão–1,9 milhão]
Novas infecções por HIV (com idade 0–14)	460 000 [370 000–540 000]	430 000 [340 000–510 000]	300 000 [230 000–370 000]	270 000 [250 000–190 000]	220 000 [160 000–260 000]	190 000 [130 000–260 000]	170 000 [110 000–240 000]	160 000 [100 000–220 000]
Mortes relacionadas à AIDS	1,5 milhão [1,2 milhão–1,8 milhão]	1,9 milhão [1,7 milhão–2,2 milhões]	1,5 milhão [1,3 milhão–1,7 milhão]	1,3 milhão [1,1 milhão–1,5 milhão]	1,2 milhão [1,0 milhão–1,4 milhão]	1,1 milhão [940 000–1,3 milhão]	1,1 milhão [860 000–1,3 milhão]	1,0 milhão [830 000–1,2 milhão]
Pessoas com acesso à terapia antirretroviral	685 000 [600 000–710 000]	2,056 milhões [1,8 milhão – 2,1 milhões]	7,7 milhões [6,8 milhões–8,0 milhões]	11,2 milhões [9,8 milhões–11,5 milhões]	13,1 milhões [11,6milhões–13,7 milhões]	15,1 milhões [13,3 milhões–15,7 milhões]	17,1 milhões [15,1 milhões–17,8 milhões]	19,5 milhões [17,2 milhões–20,3 milhões] / *20,9 milhões [18,4 milhões–21,7 milhões]
Recursos disponíveis para HIV (países de baixa - e média - renda)	US$ 4,8 bilhões*	US$ 9,4 bilhões*	US$ 15,9 bilhões*	US$ 18,8 bilhões*	US$ 19,5 bilhões**	US$ 19,2 bilhões**	US$ 19,0 bilhões**	US$ 19,1 bilhões**

* Inclui países classificados como de baixa - e média - renda pelo Banco Mundial na classificação de 2012.
** Inclui países classificados como de baixa - e média - renda pelo Banco Mundial na classificação de 2013.

Fonte: UNAIDS – Resumo Informativo, 2017.

Importante salientar que esse quadro está relacionado apenas a AIDS, pois o que se sabe é que outras doenças sexualmente transmissíveis também tem voltado com altos índices de contágios nos últimos anos, como por exemplo, a sífilis.

A infância, a adolescência e a juventude normalmente determinam o presente e o futuro da pessoa. Decisões importantes nessa etapa da vida contribuem para o melhor e para obstáculos dificilmente superáveis. O direito ao exercício da sexualidade, seja ela qual for, principalmente na adolescência, precisa ser exercido de modo responsável para que diversos sonhos não tenham que ser desfeitos drasticamente. A gravidez, nesta fase da vida, pode ser um deles.

De acordo com dados oficiais:

> Muitas gravidezes de adolescentes e jovens não foram planejadas e são indesejadas; inúmeros casos decorrem de abusos e violência sexual ou resultam de uniões conjugais precoces, geralmente com homens mais velhos. Ao engravidar, voluntária ou involuntariamente, essas adolescentes têm seus projetos de vida alterados, o que pode

> contribuir para o abandono escolar e a perpetuação dos ciclos de pobreza, desigualdade e exclusão. (UNFPA, 2012).

Mais uma vez podemos observar que é preciso garantir, de alguma forma, o acesso dos adolescentes e jovens a informações corretas, claras, objetivas, a partir da ciência e em linguagem adequada para uma melhor compreensão, levando em conta a faixa etária dos mesmos, e assim, como consequência a uma orientação integral em sexualidade. Acreditamos que nesse caso, provavelmente se refletiria numa diminuição de estupro e de violência infantil dentro de casa, além de outros desdobramentos anteriormente relatados quanto as consequências sérias e muitas vezes, não reversíveis especialmente relacionada a saúde na ausência dessas informações.

De acordo com o IPEA (2016), no Brasil, no período de 2011-2013, estima-se que ocorreram 17.581 óbitos de mulheres por agressões, o que corresponde a uma taxa corrigida de mortalidade anual de 5,87 óbitos por 100 mil mulheres. No triênio ocorreram, em média, 5.860 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, 488 a cada mês, 16,06 a cada dia, ou uma a cada uma hora e trinta minutos. O estudo confirmou que a mortalidade de mulheres por agressões é elevada no Brasil e atinge mulheres de todas as faixas etárias, etnias e níveis de escolaridade. As principais vítimas foram mulheres adolescentes e jovens (45% na faixa etária de 10 a 29 anos), negras (64%) e residentes nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte. O perfil dos óbitos, com elevada ocorrência nos domicílios (28,1%) e em finais de semana (35,7%), sugere relação com situações de violência doméstica e familiar contra a mulher.

Depois de muita luta, a violência contra a mulher já é passível de punição, desde que haja a denúncia, a qual, na maioria das vezes não é realizada também por ameaças. Quando a mulher tem coragem de denunciar, o acusado pode ser condenado através da Lei Maria da Penha, aprovada em 2006, cuja função é para proteger as mulheres de agressões. Mas, a dizer dos fatos, a lei não está sensibilizando os agressores, pois a cada dia aumenta o número de feminicídios no Brasil. A Lei no 13.104, de 9 de março de 2015 (Brasil, 2015), que tipificou o crime do feminicídio como qualificador do homicídio e o incluiu no rol dos crimes hediondos, também veio para contribuir na tentativa de evitar as agressões e homicídios de mulheres, mas, ainda timidamente servindo de exemplo aos agressores. Estes, não

se intimidam diante da legislação e continuam cometendo barbáries com suas famílias.

Além dos crimes contra as mulheres, o resultado de uma fraca ou nenhuma educação e/ou orientação sexual formal ou informal leva aos abusos sexuais domésticos contra crianças e adolescentes. Estão muitas vezes ligados a isso, os próprios pais que cometem incesto, avós, tios, irmãos, cunhados e padrastos. Neste caso, todos praticantes de pedofilia. Não temos aqui dados oficiais quanto a isso, mas basta olhar algumas chamadas mesmo que em redes sociais, oficias (jornais digitais) ou não, que quase todos os dias há notícias de pessoas de convívio próximo em sua maioria (mas não necessariamente só estes), que trazem esta temática, onde crianças as vezes ainda com poucos meses de idade, também passam por essa violência sexual.

Depois de tantos dados, fatos e discursos, faz-se necessário compreender a importância do ensino reflexivo de educação e/ou orientação sexual nas escolas, juntamente com uma aproximação das famílias para todos juntos trabalharem na perspectiva de formação de um cidadão e uma cidadã de bem, saudável fisicamente e psicologicamente, e principalmente feliz.

> Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes (ALTMAN, 2001, p. 576).

Isso é no que acreditamos. Isso é o que nos motivou nesta pesquisa. Isso é o que nos propomos a fazer enquanto profissional da área de educação. Esse é nosso compromisso.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

> *[...] mas é tarefa da escola, que se coaduna com a educação para a cidadania, o compromisso com os direitos de crianças, adolescentes e jovens e sua autonomia moral, reconhecendo e respeitando a realidade, a diversidade e a singularidade de experiências e vivências.* (FIGUEIRÓ, 2009, p. 167).

Iniciamos a trajetória deste capítulo recorrendo a citação dessa autora que esclarece que vivemos de conhecimentos e saberes diversos e que numa sociedade justa, o compromisso com a educação em seus diversos aspectos torna a escola um diferencial.

No presente capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos no sentido de responder aos problemas de pesquisa formulados, iniciando com a análise e discussão dos PPPs das escolas, os procedimentos da coleta de dados das entrevistas e a análise e discussão das mesmas em seguida.

5.1 Dados Documentais (PPP)

Um dos objetivos de nossa pesquisa é analisar os projetos político pedagógicos das escolas pesquisadas para verificar a inclusão da abordagem do tema educação sexual no currículo.

Trata-se dos documentos oficiais das escolas, construídos a partir da realidade social e local, onde são especificados os conteúdos e a abordagem pedagógica dada aos mesmos para a execução do ensino e da aprendizagem. Conforme modelo de pedido de autorização aos gestores (anexo), solicitamos acesso ao Projeto Político Pedagógico, conhecido no meio educacional como PPP, com o intuito de observar se o mesmo contempla a abordagem da Educação Sexual ou Orientação Sexual (tema transversal trazido pelo PCN), procurando identificar os anos do ensino fundamental que trazem o tema; além disso, verificar se o PPP contempla a formação continuada dos professores sobre o referido tema.

Os Projetos Político Pedagógicos foram gentilmente cedidos por e-mail ou em pendrive para que pudéssemos nos dedicar à sua análise. Os documentos foram solicitados nas mesmas escolas onde recebemos autorização para a pesquisa de campo com os professores, o que fizemos pessoalmente em encontros marcados, tendo como instrumento de coleta através da entrevista semiestruturada.

Em um primeiro momento iremos trazer as análises em relação aos PPP das escolas que conseguimos coletar. No quadro abaixo temos o seguinte:

Quadro 1 – Projetos Político Pedagógicos analisados

Nº	Escola/Rótulo	PPP
1	EA	Cedido
2	EB	Cedido
3	EC	Cedido
4	ED	Cedido
5	EE	Cedido
6	EF	Cedido
7	EG	Não Cedido

Fonte: Elaborado pela Autora

Antes de analisarmos os projetos político pedagógicos, trouxemos o quadro acima para especificar o número de escolas participantes e se as mesmas forneceram o PPP.

Assim como as identidades dos professores foram preservadas, achamos pertinente fazer o mesmo com as escolas. Para tanto, usaremos siglas para representá-las, assim como apresentado no quadro acima.

Como podemos observar no quadro, contactamos 7 escolas para que as mesmas pudessem nos fornecer os PPP das mesmas. Obtivemos 6 dos 7 solicitados. A escola que não forneceu usou de argumentos tais como: que o ppp está somente disponível no sistema e não poderiam fornecer acesso, e que a escola não tem cópia impressa. Enfim, trabalhamos a análise com os que foram gentilmente disponibilizados, até porque como documento público deveria estar acessível.

Na análise do PPP da escola EA, a primeira da lista acima, destacamos que como objetivo geral, há a referência em ser uma escola inclusiva, “e ofertar uma Educação que inclua as diferenças” (p. 23).

Podemos verificar que desde o sexto ano até o nono consta Educação Sexual no currículo. Mesmo o PPP estando desatualizado em algumas partes, percebemos que continua atual na abordagem quanto ao tema em questão. Também observamos que na disciplina de Educação Física, especificamente nos oitavos e nonos anos, faz parte do currículo o estudo das DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis. Ainda em referência a este PPP, cabe-nos relatar que mesmo diante da abordagem do

conteúdo nos anos finais do ensino fundamental, na disciplina de Ciências, o PPP ainda propõe projetos complementares em todos os anos, com ênfase à prevenção das DSTs e gravidez na adolescência. Cabe aqui ressaltar que neste quesito seria a nosso ver interessante a escola mudar o termo DST para ISTs e assim atualizar quanto a sigla e talvez alguns conceitos dessas doenças também.

O documento da escola EB propõe a construção do conhecimento científico embasado na realidade social, sendo que deverá haver práticas educacionais voltadas para a formação humana do discente através da interdisciplinaridade, principalmente entre as áreas afins. Não conseguimos realizar uma análise mais específica, pois o PPP se limita a inserir no currículo do oitavo ano sobre sexualidade, reprodução, DSTs e métodos anticoncepcionais de forma bem direta e com poucas descrições de ações. Ainda de acordo com o PPP, o currículo deve abordar além do conteúdo, questões raciais, étnicas e de gênero, temas pertinentes à conscientização ética e social, pois, na sociedade brasileira ainda perdura muito racismo e exclusão.(PPP EB, 2019)

O projeto político pedagógico da escola é o documento onde se especificam as realidades escolares, os objetivos e o processo metodológico de construção da aprendizagem e da formação. Nesse sentido, encontramos no PPP da escola EC, um currículo coerente com a proposta pedagógica, implementando a matriz curricular com práticas pedagógicas inclusivas e voltadas para sua realidade social. O PPP procura deixar claro que serão trabalhados os temas transversais em todas as turmas, como ética, meio ambiente, cidadania, educação sexual e pluralidade cultural. Para isso será utilizado o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, que englobam todas as turmas e modalidades de ensino da escola. Corroborando com a proposta pedagógica, dentre os valores citados na proposta do PPP consta o “respeito às diferenças”, tema que encaixa, por exemplo, a sexualidade. O texto traz a necessidade da inclusão e que é necessária a formação continuada de gestores e professores para fortalecer a atuação, porém, encontra dificuldades para sua realização devido a localização da escola, por não poder oferecer aos mesmos palestras com pessoas qualificadas para isso.

Ainda para complementar a análise, trazemos um excerto para demonstrar a preocupação da escola com as práticas pedagógicas.

> “O trabalho educativo da educação sexual será através dos conteúdos elencados nas Diretrizes Curriculares vigentes. Assim, procura-se

> subsidiar, por meio do conhecimento científico, e não por valores e crenças pessoais. Incluímos a temática no cotidiano escolar através de artigos, filmes, documentários e leitura de livros."(PPP - EC, p. 22)

Observa-se, nesse sentido, a preocupação da instituição de ensino com a qualidade da formação dos professores, com a dificuldade de acesso de pessoas qualificadas para ministrar palestras, e com isso, a necessidade de que os professores tenham conhecimento e segurança suficientes para um bom trabalho. Se preocupam que o professor, quando tratar de educação sexual, não o faça pelo senso comum, mas com dados científicos que realmente traga aos alunos o conhecimento que os faça pessoas melhores, como preza o objetivo do PPP. Com o PPP atualizado pela Base Nacional Comum Curricular, encontramos na página 291, na disciplina de ciências, conteúdos que especificam o tema da educação sexual em termos bem amplos, como a discussão da sexualidade em suas múltiplas apresentações, dentre outros.

Um PPP bem planejado, construído e aplicado em sua plenitude dentro dos conceitos, primordialmente em seus objetivos, proposta pedagógica, metodologia, avaliação e toda a estrutura de atividades, provavelmente fará com que o estabelecimento de ensino tenha sucesso em suas metas.

Não podemos partir do pressuposto de que as escolas constroem seu PPP com base na mesma estrutura e postura diante das circunstâncias. É o que iremos observar a seguir no PPP da próxima escola. A escola ED propõe em seus objetivos desenvolver atividades interdisciplinares que possibilitem intervenções pedagógicas para refazer os conhecimentos básicos necessários à formação do aluno. Também se propõe a capacitar seus docentes através da formação continuada e realizar palestras educativas (sem especificar os temas). Na proposta do PPP não há referência sobre educação sexual especificamente, cita sutilmente os parâmetros curriculares nacionais e faz uma pequena referência sobre sexualidade quando diz que o ensino fundamental propõe uma articulação entre a vida cidadã e vários dos seus aspectos inclusive a sexualidade.

Na perspectiva de encontrar o tema da educação sexual nos projetos pedagógicos trazemos nossa próxima escola. Na escola EE percebemos um destaque importante no capítulo que trata da organização curricular onde diz que "Os Temas Transversais estão integrados a todas as disciplinas curriculares". Ainda conforme o PPP, "o currículo não pode ser separado do contexto", no que podemos compreender

que a escola segue uma linha de trabalho fundamentada na teoria construtivista e sócio-interacionista também referenciada no documento. Quanto ao que procuramos, a abordagem sobre o tema da orientação e/ou educação sexual felizmente perpassa todos os anos principalmente na disciplina de ciências, mas também bastante encontrado em educação física. Mesmo os anos iniciais não sendo objetos de nossa pesquisa, encontramos nos anexos, já nos conteúdos dos terceiros anos na disciplina de ciências, as temáticas expressas como: Sexualidade: informações e consciência sobre os valores. Observamos que no 5º ano já é abordado na disciplina de ciências como educação sexual. Nos anos finais do ensino fundamental é proposto na disciplina de educação física que ela deve "oportunizar o debate dos temas transversais". E na disciplina de ciências, especificamente nos sétimos e oitavos anos, está proposto como Educação sexual (prevenção, doenças e métodos contraceptivos). No final do ppp, onde trata sobre projetos que a escola oportuniza, cita a formação continuada, mas sem especificar nada a respeito de carga horária e conteúdo.

O projeto político pedagógico deve corresponder a um desejo, as necessidades do contexto onde a escola está inserida e, nesse sentido, deve ser construído coletivamente e aplicado da mesma forma. No contato com o PPP da EF, conseguimos localizar muito sutilmente citações quanto à abordagem dos temas transversais, sendo inicialmente descrito que a escola procura trabalhar com conteúdos transversais e pertinentes conforme a realidade de cada turma, sem referência especial à educação e/ou orientação sexual. No quesito de formação continuada de professores, cita o documento que ela será desenvolvida por meio de palestras, estudos em grupos, debates e demonstração das práticas em relação às diversas temáticas definidas pelo grupo de professores envolvidos no processo da formação continuada e de ensino-aprendizagem. Portanto, a formação continuada na proposta desta escola parece ser baseada no conjunto de profissionais que estudam e refletem sobre suas próprias ações.

Para além de uma simples análise dos PPP das escolas, com mais de trinta anos de experiência como professora, e agora também como pesquisadora, nos permitimos tecer algumas considerações a respeito do material coletado por nós: observamos que muitos deles são em nosso entendimento incompletos, excluindo de suas bases que deveriam fundamentar melhor a proposta pedagógica de ensino, a metodologia facilitadora do processo de aprendizagem e, especialmente, definir que

pessoa humana querem construir no processo de formação. Talvez ainda, uma elaboração concreta diagnóstica da comunidade onde está inserida a escola e especificada no projeto, daria uma valorização mais eficaz sobre o que contém a maioria dos ppp, no que se refere a mudança social, e a preparar para ser agente dessa mudança. Mas que tipo de sociedade temos e que mudança queremos? Será que todos os estudantes corroboram com a mesma premissa? Será que o conhecimento que a escola se propõe a construir gera atitudes que caminham nesse sentido?

Nessa perspectiva de ação, uma formação constante dentro da comunidade escolar e com a comunidade local, pode gerar condições de compreensão tanto por parte dos professores, de qual realmente é seu papel intelectual e social, quanto para os alunos que, participantes de todo um processo reflexivo de conhecimento de mundo, podem ser a diferença verdadeiramente humana “no mundo do hoje e do amanhã.”

É preciso que nossas escolas sejam atuantes na luta contra os fatores que geram exclusão de todas as suas formas, e naquilo a que diz respeito a nossa pesquisa e preocupação, também para não dizer especialmente a exclusão de gênero e orientações sexuais. Pensamos que em um Projeto Político Pedagógico deve incluir a formação continuada dos professores e um currículo que permita as atividades, debates e reflexões que oportunizam o conhecimento científico, ético e o respeito a diversidade, desde as primeiras disciplinas para essa quem sabe, construir uma nova perspectiva de sociedade mais tolerante e justa.

Para uma melhor visualização dos dados coletados, resumimos no quadro 2 um panorama do que encontramos em nossa análise:

Quadro 2 – Análise dos Projetos Político Pedagógicos

Escola	**Registro de Formação Continuada**	**Inclusão de Tema sobre Educação Sexual**	**Observações**
EA	Sim	Do sexto ao nono ano: Educação Sexual (Doenças, Métodos contraceptivos, Prevenção as DSTs Gravidez na adolescência.	Projetos interdisciplinares, palestras e conteúdo curricular.
EB	Sim	Sexualidade, reprodução, DSTs e métodos	Formação humana do discente através da interdisciplinaridade

		anticoncepcionais (8º ano)	
EC	Sim	Corpo humano; Respeito à diversidade (1º ano); Mecanismos reprodutivos e Sexualidade (8º ano)	Atualizado pela BNCC Uso de projetos interdisciplinares
ED	Sim	O ensino fundamental propõe uma articulação entre a vida cidadã e vários dos seus aspectos como: (...) sexualidade e outros;	Formação interdisciplinar
EE	Sim	Educação sexual à partir dos terceiros anos.	Faz parte do currículo.
EF	Sim	Os alunos devem aprender a conviver com as múltiplas diversidades existentes, dentre as quais está incluída a religiosa, cultural, sexual, social.	Formação continuada contemplada com muita clareza.
EG			Não recebido

Fonte: Elaborado pela autora.

5.2 Dados de Campo

Começamos nossa pesquisa de campo levando para os gestores das escolas um pedido de autorização, conforme citado anteriormente. Nesse sentido, cabe-nos dizer que fomos gentilmente recepcionados em todos os locais que nos propomos a pesquisar, sendo que os gestores e professores se colocaram à disposição para maiores informações e demonstrando que tem interesse no nosso trabalho e na possibilidade de contribuírmos com esse conhecimento na área de formação continuada docente, tendo em vista a demanda cada vez mais presente no cotidiano escolar, necessitando do conhecimento e de práticas pedagógicas específicas que envolvam esse assunto.

A coleta de dados aconteceu nas escolas, com autorização tanto dos gestores quanto o aceite por parte dos professores da disciplina de ciências, com agendamento prévio. As entrevistas foram feitas individualmente em lugares adequados para evitar interrupções com duração que variou entre 30 minutos a 1 hora. Utilizamos gravador

digital para gravar as falas e para posterior descrição das mesmas. O roteiro de entrevista tinha 15 perguntas, pensadas dentro de uma estratégia que chamamos de palavras chaves ou pré categorias, como o objetivo de alcançar respostas as questões sobre o tema que nos propusemos a pesquisar. Feito a transcrição das falas coletadas, demos o início das análises dos conteúdos.

Importante salientar que antes de todas as entrevistas, os professores foram informados de nossa pesquisa, e a partir do aceite verbal em participar, foi dado a cada um um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo III), onde assinaram espontaneamente. Foi acordado com todos que por questões éticas, nomes ou qualquer referência de identificação dos mesmos não seria feita, e assim tranquilizamos a todos em relação a suas identidades. A coleta das informações ocorreu entre os meses de maio a outubro de 2019.

A partir então dos dados transcritos, demos início a leitura, organização e classificação dos dados buscando levantar as categorias que apresentaram uma consistência conceitual, dentro de uma metodologia qualitativa, a partir da numa abordagem de análise de conteúdo de Bardin (2016). A análise aconteceu de maneira detalhada, com o objetivo de destacar o que respondia de forma mais direta às perguntas da pesquisa.

Referenciando-nos na proposta de Bardin (2016), elaboramos um esquema para apresentar os passos da análise com os dados coletados, construindo então as categorias de análise. Estas foram criadas conforme se apresentaram as falas dos entrevistados quanto aos significados e/ou sentidos, suas propostas ou suas percepções sobre a questão central de nossa pesquisa que foi a de conhecer a prática pedagógica dos professores sobre o tema da educação sexual.

5.3 Orientação sexual: (in)certezas sobre o que se sabe ou o que se pensa saber.

Aqui se inicia a análise de nossa pesquisa. Para um melhor entendimento, classificamos o roteiro da entrevista em duas partes. Na Parte I, através de questões fechadas, foram levantados dados de caracterização dos colaboradores envolvidos na pesquisa, tais como formação, tempo de docência e sexo. O resultado dos dados obtidos consta no quadro a seguir. Na 2ª parte, teremos outro quadro com a análise do conteúdo das falas propriamente dita, com o objetivo de melhor visualizar as

categorias encontradas. As análises serão feitas posteriormente aos quadros.

5.3.1 – Perfil dos Entrevistados

Quadro 3 – Dados do perfil e sigla atribuído a cada um dos participantes

Entrevistado	Formação profissional	Tempo de serviço na educação	Sexo	Disciplinas que ministra
E1	Ciências Biológicas, especialização em Biologia Geral	Dezoito anos	F	Ciências e Biologia
E2	Ciências Biológicas, especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional	Sete anos	F	Ciências e Biologia
E3	Ciências Biológicas e mestrado em Recursos Genéticos Vegetais	Mais de trinta anos.	F	Ciências
E4	Ciências Biológicas, especialização em Psicopedagogia com ênfase na Educação Infantil	Vinte e nove anos	M	Ciências e Biologia
E5	Ciências Biológicas, especialização em Gestão Escolar	Vinte e quatro anos	F	Ciências
E6	Ciências Biológicas, especialização em Gestão em Educação Ambiental	Oito anos	F	Ciências
E7	Ciências Biológicas, especialização em Gestão em Educação Ambiental	Dez anos	F	Ciências e Biologia
E8	Ciências Biológicas, especialização em Matemática	Três anos	F	Ciências, Biologia e Física
E9	Ciências Biológicas, mestrado em genética e melhoramento de plantas	Dez anos	F	Ciências

Fonte: Dados da entrevista semi estruturada.

A partir da análise do quadro 3, podemos caracterizar os participantes como sendo todos qualificados quanto à formação na graduação e/ou pós graduação, para ministrar as disciplinas relacionadas e podemos perceber que a maioria deles possui muitos anos dedicados à docência variando de 3 anos a mais de 30 anos de profissão. Desses participantes, todos possuem graduação em Ciências Biológicas sendo que desses professores, sete com especialização na área de atuação e dois possuem mestrado. Quando observamos o sexo dos participantes é notável que apenas um

seja do sexo masculino, o que nos leva a reflexão de que em pleno século XXI ainda temos grandes resquícios do período em que a docência era apenas destinada a pessoas do sexo feminino.

5.3.2 – Ouvindo para compreender, compreender para melhor ouvir

Para realizar a análise das falas dos nossos entrevistados, seguimos alguns passos sempre baseando-nos em Bardin, que trata análise de conteúdo como “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’... extremamente diversificados.” (BARDIN, 2016, p.15).

Para que pudéssemos analisar os dados obtidos organizamos o material, fizemos leituras, para conseguir chegar na interpretação dos dados, pois

> As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. (BARDIN, 2016, p.125).

A análise dos dados constitui parte fundamental dessa pesquisa para tentar compreender melhor e assim desenvolver um olhar crítico sobre as percepções dos professores sobre a inserção da educação sexual no currículo escolar e nas práticas pedagógicas.

No intuito de analisar as respostas dos educadores na entrevista semiestruturada, organizamos categorias para este procedimento. Elas não foram pré-estabelecidas (por dedução) mas criadas a partir do processamento dos dados, de forma indutiva, isto é, conforme dados coletados a partir das falas dos professores (durante o processo de tratamento dos dados).

Durante a análise é possível ter percepções sobre o entrevistado e ao mesmo tempo conseguimos entender, algumas vezes de maneira sutil, outras não, ideias ou até maneiras de como o mesmo expressa-se, conforme o assunto discutido, “[...] o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio...” (BARDIN, 2016, p.45).

A partir de agora daremos voz aos entrevistados no sentido de entender suas percepções, desde as mais sutis até as mais amplas, tentando analisar suas

experiências pedagógicas. O quadro abaixo, explicitará a análise relatada acima, onde colocamos: a pergunta a partir do roteiro da entrevista (anexo II); o texto original (fala do entrevistado na íntegra), e as reduções das falas possivelmente em 3 momentos, a partir da percepção baseada na análise de conteúdo de Bardin. Vamos ao quadro.

Quadro 4 – Análise das Experiências Pedagógicas

Questão 1 - O que você compreende enquanto conceito do que vem a ser educação sexual?			
Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E1- “Pra mim a educação sexual seria aquele conhecimento a respeito da sexualidade, de como agir, diante daquela situação.”	Conhecimento a respeito da sexualidade, de como agir.	Conhecimento a respeito da sexualidade.	Conhecimento sobre Sexualidade.
E2- “Pra mim a educação sexual... ahhh, é uma... como posso dizer: um ramo né, da educação em geral, principalmente no ensino de Ciências e Biologia onde eu vou orientar, gosto de usar mais o termo orientação, onde eu vou orientar os meus alunos a..., a aprender ou aperfeiçoar os conceitos que ele tem no que diz respeito a sexualidade. Mais é orientação, com respeito aos alunos que buscam uma orientação mesmo, um conhecimento, respeito a sua sexualidade, a descoberta do seu corpo né, (...)”.	Orientar os meus alunos a...a aprender ou aperfeiçoar os conceitos que ele tem no que diz respeito a sexualidade.	Orientar os meus alunos a aprender ou aperfeiçoar os conceitos.	Orientação .
E3- “A educação sexual... não sei se só por parte da escola, acho que tem que começar com um trabalho familiar, pra não ficar de uma forma... de uma barreira que não se fala desse assunto, que descobre só através das mídias, de uma forma errônea... então eu sempre acreditei que esses trabalhos tem que partir da escola e família pra ele ter um sucesso.”	Esses trabalhos tem que partir da escola e família.	Escola e família	Parceria.
E4- “Orientação sexual... Todas as formas, vamos dizer assim, possíveis de você se explicar pra eles em sala de aula pra mim é orientação sexual. Deixo eles livre. Quando se trata desse assunto, deixo o mais livre possível.”	Todas as formas, vamos dizer assim, possíveis, de vc se explicar pra eles.	Todas as formas de explicar.	Orientação
E5- “Eu acho que orientação ou educação sexual é quando eu falo pro meu aluno em relação ao sexo, né, não o ato sexual, mas o sexo em si, esclareço ele e respondo dúvidas que eles tem ou venham a ter em relação ao sexo desde como se precaver quando chegar a hora do, do ato sexual como as doenças, que acho que é a coisa eu mais, que a gente tem que foca mais em relação as doenças, que são consequência do sexo mal feito. (...).”	Dúvidas que eles tem ou venham a ter em relação ao sexo desde como se precaver quando chegar a hora do, do ato sexual	Dúvidas em relação ao sexo	Orientação

	como as doenças.		
E6- “Eu entendo que é mais a relação sobre doenças, um pouco sobre o sexo, no caso o sistema genital, sistema genital feminino, sistema genital masculino, mais essa parte da sexualidade: você descobrir o corpo, né? Corpo de menina, corpo de menino, quais os órgãos, né, do sistema genital masculino, quais são os órgãos do sistema genital feminino, e deixando um pouco de lado essa diversidade, esse gênero, de sexo, a questão da sexualidade quanto a gênero.”	Relação sobre doenças, um pouco sobre o sexo,(...)mais essa parte da sexualidade: vc descobrir o corpo, né?	Doenças e mais essa parte da sexualidade: vc descobrir o corpo, né?	Conhecimento sobre sexualidade.
E7- “Então eu vejo essa questão da, da, da educação sexual, é, como uma forma de orientação né, que esses jovens não tem, esses adolescentes não tem em casa sobre o sexo, né, sobre o sexo, a gente fala bem explicito sexo né.	Uma forma de orientação.		Orientação.
E8- “Pra mim é, desde a distinção entre morfologia feminina e masculina, até o papel social e evolutivo biológico do sexo. E eu também trabalho sobre o papel da mulher na sociedade, antes e agora, que tem a ver com sexualidade, e o do homem também, antes e agora, que tem a ver com sexualidade.”	Distinção entre morfologia feminina e masculina, até o papel social e evolutivo biológico do sexo	Morfologia e o papel social e evolutivo biológico do sexo	Conhecimento sobre sexualidade
E9- “Eu acredito que a educação sexual nas escolas não é basicamente aquilo que tem no livro. A gente precisa ter esclarecimento com os alunos, saber o que eles tem de conhecimento, o que a família também traz pra eles, a idade com que eles iniciam o sexo, também em relação ao descobrimento deles... Acho que tem vários fatores que influenciam a educação sexual. Só que nos livros ela vem abordada bem sucintamente, só o que é e como você previne.”	Tem vários fatores que influenciam a educação sexual.	Fatores que influenciam a educação sexual.	Educação sexual

Questão 2- Você enquanto professora(a), consegue ministrar assuntos relacionados à sexualidade em sala de aula? Poderia explicar como isso acontece?			
Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E1- “(...)eu, eu, em relação a esse assunto, falo sim, sem nenhum problema, até porque tem muitas crianças, muitos alunos que em casa eles não são conversados é, em parte, talvez porque os pais não tenham assim, tido esse tipo de conversa quando eram jovens, e em parte, talvez porque não sejam preparados, é, é um assunto que não sabe lidar com a situação. Eu sempre coloco com eles o seguinte: que, é... , às vezes a família não tem	Falo sim, sem nenhum problema.		Fala abertamente.

esse tipo de conversa, de diálogo, e aí a escola entra nesse complemento.			
E3- “Não trabalho especificamente a educação sexual enquanto a disciplina... Quando vem alguma pergunta de aluno eu me sinto tranquila, à vontade porque eu respondo profissionalmente.”	Me sinto tranquila, à vontade.		Fala abertamente
E4- “(...) eles trazem, trazem curiosidades diversas e eu procuro falar, como diz o outro, o mais aberto possível, e sempre procuro pra ver o que que os pais ensinam em casa, pra ver se eles tem a liberdade de perguntar pros pais ou não. Muitos tem.”	Eu procuro falar, como diz o outro, o mais aberto possível.		Fala abertamente
E5- “Não, hoje eu não tenho nenhuma dificuldade, eu sou bem franca e aberta em relação a esse assunto. Não tem nada que me deixe constrangida, entendeu? E lembrando que cada idade vc tem que ter uma maneira de explicar a pergunta feita pelo aluno.”	Eu não tenho nenhuma dificuldade, eu sou bem franca e aberta em relação a esse assunto.	.	Fala abertamente
E6- “Hoje abordando os assuntos em sala de aula, eu entendo que é mais a relação sobre doenças, um pouco sobre o sexo, no caso o sistema genital, sistema genital feminino, sistema genital masculino, mais essa parte da sexualidade: vc descobrir o corpo, né? Corpo de menina, corpo de menino, quais os órgãos, né, do sistema genital masculino, quais são os órgãos do sistema genital feminino, e deixando um pouco de lado essa diversidade, esse gênero, de sexo, a questão da sexualidade quanto a gênero.”	Mais essa parte da sexualidade: vc descobrir o corpo, né?	Descobrir o corpo.	Conhecimento sobre sexualidade
E7- “Tranquilo...Nossa! A forma mais natural possível, é como se eu tivesse falando com meus filhos né. (...)”	A forma mais natural possível.		Fala abertamente
E8- “Sim, eu tenho muita tranquilidade pra falar desse assunto sim, nunca foi um tabu na minha família, na minha formação, e pra mim trabalhar em sala também não. Eu procuro levar esse assunto como um assunto natural, pelo lado da biologia mesmo, a sexualidade é um assunto natural, (...),e eles fazem muitas perguntas. Muitas, muitas dúvidas, muitas perguntas, perguntas que não cabem na aula de educação sexual, que não é sobre o assunto, que é sobre outro universo da sexualidade que não cabe na escola e perguntas muito coerentes também...”	Sim, eu tenho muita tranquilidade pra falar desse assunto sim		Fala abertamente
E9- “Sim. Sempre que eu inicio a educação sexual, eu faço uma relação de perguntas que eles podem fazer sem colocar o nome. Eu coloco numa caixinha, daí eu leio as perguntas e respondo bem aleatório, ninguém fica sabendo...perguntas bem avançadas às vezes	É o conteúdo que eles param pra escutar, do início ao fim, mas eu consigo trabalhar	Consigo trabalhar tranquilamente.	Fala abertamente.

mas eu tento colocar exatamente como é. É o conteúdo que eles param pra escutar, do início ao fim, mas eu consigo trabalhar tranquilamente a parte de educação sexual com eles.”	tranquilamente a parte de educação sexual com eles.		

Questão 3- Você se considera preparado(a) para ensinar sobre esse tema em sala de aula? Quais seriam as razões de seu preparo ou despreparo?			
Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E1- “Tranquilo, tranquilo, sem problema. Por que..., ah... acho que com a vida a gente tem que, e... já passou por muitas situações, então você tem condição de vc fala a respeito, né, por exemplo. Como é que eu ia falar a respeito da maternidade se eu tivesse só a teoria, então, tendo uma filha, principalmente, aí não tem como.”	Tranquilo, tranquilo, sem problema.		Fala abertamente
E2- “Então, em alguns momentos eu posso dizer que eu consigo responder as dúvidas, mas em alguns momentos eles fazem perguntas muito específicas e só um médico, um ginecologista vai pode explica realmente(...)O que eu acho que falta é a própria formação específica para os professores da área.”	Falta é a própria formação específica para os professores da área.	formação específica para os professores	formação continuada.
E3- “(...)então a gente tem que saber o que vai fala, né. Tem alguns pais que às vezes vem questionar. Então, a escola tem que tá muito bem fundamentada pra sabe o que que vai aborda de uma forma profissional, educativa, mas que a gente sabe que tem muitas famílias que são muito fechadas a esse tipo de assunto.”	A escola tem que tá muito bem fundamentada pra sabe o que que vai aborda de uma forma profissional, educativa.	A escola tem que tá muito bem fundamentada	formação continuada.
E5- “Então, o livro didático mesmo, não traz muita coisa em relação a isso, né? (...)Aí eu pesquiso, vou na internet e pesquiso, e como diz o outro, agora com essa história do transgênero, tem muito assunto novo em relação a isso.”	O livro didático mesmo, não traz muita coisa.		Livro didático.
E6- “Então... eu, eu...tento relacionar um pouco meu preparo com os conteúdos deles porque sei que na hora que eles tiverem alguma dúvida, eles vão procurar no conteúdo, livro, internet, então tento aprofundar nas perguntas deles.	Tento relacionar um pouco meu preparo com os conteúdos deles.	Relação preparo com conteúdo.	formação continuada
E7- “Preparada, preparada não, por que preparado mesmo nos deveríamos ter né. Na verdade seria algum recurso, ou até mesmo algum curso de, uma orientação lá de cima entendeu, pra gente, de como a gente poderia	Sempre há esse preconceito essa polemica em relação a	Então se tivesse uma orientação, um recurso a mais pra	formação continuada

realmente trabalhar, por que ainda existe uma polêmica em relação a isso, eu ainda não me deparei com nenhum pai nenhuma mãe, mas já tive colegas que se depararam com pais e mães que vieram questionar o porquê que estava ensinando isso, até mesmo alunos em sala de aula questionar os meus colegas né, alguns colegas em relação a isso, então sempre há esse preconceito essa polemica em relação a isso, então se tivesse uma orientação, um recurso a mais pra gente seria melhor, seria mais fácil né, do que a gente pegar simplesmente, a gente tenta seguir o, a didática do livro né, mas a gente sempre acha que a gente tem que distorcer um pouquinho a mais né, pela realidade que nos se encontramos hoje né, pela realidade.”	isso, então se tivesse uma orientação, um recurso a mais pra gente seria melhor.	gente seria melhor.	
E8- “Eu me acho sim, por que eu tenho uma formação dupla, em licenciatura e em biologia em bacharel e a minha área da licenciatura foi com esse tema, educação sexual, então eu fiz estágio sobre educação sexual, estudos, artigos, li, estudei, fiz palestras e ainda faço sobre esse assunto, dês da época da faculdade, é a área da minha formação na área da licenciatura.”	É a área da minha formação na área da licenciatura.		formação continuada
E9- “Sim. Eu acredito que eu tenho conhecimento, porém eu preciso ter mais ainda de auxílio para trazer o conhecimento para os alunos porque assim, eu trouxe no início do ano letivo para a escola a ideia de trabalhar educação sexual e eu tive, assim uma resposta, por exemplo, de que os pais não gostassem de abordar o tema, mas se eu tenho adolescente de 13 anos grávida em sala de aula então tá faltando sim, abordar o tema com certeza.”	Eu acredito que eu tenho conhecimento, porém eu preciso ter mais ainda de auxílio para trazer o conhecimento para os alunos	Auxílio para trazer o conhecimento para os alunos.	formação continuada

Questão 4 - Você em algum momento sentiu (ou sente) dificuldades para ministrar esse conteúdo em sala de aula? Esses motivos são de ordem profissional, pessoal, institucional, enfim, quais seriam as causas das dificuldades para ensinar sobre sexualidade?

Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E1- “Em relação a todas as escolas que trabalhei, por exemplo, no fundamental, é..., nenhuma delas não teve nenhum problema.”	Não teve nenhum problema.		Tranquilidade
E2- “Em todas as escolas em que eu trabalhei eu sempre tive apoio, né, pra trabalha abertamente com os alunos. Inclusive, numa escola que eu trabalhei nós fizemos um projeto com todas as turmas pra trabalha isso. A gente percebeu, nós percebemos que os alunos estavam com a sexualidade muito aflorada e comentando sobre isso em todas as disciplinas, nas conversas paralelas, né, então	Uma coisa que impedia, as vezes, é o material didático.		material didático

eu sempre tive abertura pra trabalhar, mas..., uma coisa que impedia, as vezes, é o material didático mesmo.”			
E3- “Quando a gente precisa de um trabalho voltada à educação sexual a gente acaba fazendo parcerias com outras secretarias para que eles venham numa equipe e vão fazendo num linguajar. Aqui eu não tenho problemas de vergonha, de não ter o conhecimento, eu posso ir atrás, buscar, mas quando a gente vê que o assunto pode abranger um grupo maior a gente sempre procura enquanto instituição fazer a parceria.”	Fazendo parcerias com outras secretarias para que eles venham numa equipe	Fazendo parcerias.	Parceria
E4- “Não. Eu, assim, eu não tenho. Igual eu falo pra eles: assim, existe muito pudor em falar da questão do sexo em si. Só que não vamos trabalhar sexo, vamos trabalhar educação sexual duma forma que eles entendam que não é simplesmente sexo por sexo.”	Trabalhar educação sexual duma forma que eles entendam que não é simplesmente sexo por sexo.	Trabalhar educação sexual.	Educação sexual.
E5- “Então, o livro didático mesmo, não traz muita coisa em relação a isso,né? (...)Aí eu pesquiso, vou na internet e pesquiso, e como diz o outro, agora com essa história do transgênero, tem muito assunto novo em relação a isso. Qualificações, né. Dependendo como a pessoa se porta, ele leva um nome, né. Não é o gay e a lésbica hoje em dia somente. Então, isso aí, tipo assim, eu ainda não domino todas as classificações, né, porque é muito novo pra mim, pra mim é muito novo. Mas eu tento dizer que existe classificações diferenciadas de acordo com a manifestação do menino ou da menina, ou do rapaz ou da moça em relação ao, ao expressar sua vontade sexual, digamos assim, né.”	O livro didático mesmo, não traz muita coisa.		Livro didático.
E6- “Se eu já tive algum problema em relação a isso? Ainda não. Eu tenho um pouco...digamos assim, não sei se é um pouco de receio em relação a alguns pais, não querer que fala abertamente, claramente, ao invés, tipo assim que vc tá orientando, explicando e pra eles, às vezes, pode ser um incentivo, vc tá mostrando, vc tá ensinando. Sempre antes do assunto eu procuro perguntar pra eles ‘como é esse diálogo deles com os pais, se os pais conversam com eles, se os pais já mostraram isso pra eles, ou se os pais acham que isso é um dever, uma obrigação do professor, que vai chegar a hora deles aprenderem isso, que esse momento será na escola’... eu sempre pergunto isso.”	Eu tenho um pouco...digamos assim, não sei se é um pouco de receio em relação a alguns pais, não querer que fala abertamente.		Medo
E7- “Não, a questão da escola com esses anos todos nunca foi barrada, nunca teve a escola	Sempre eu tive a liberdade de	Sempre eu tive a	Tranquilidade

chegar e chamar 'professora isso aqui a senhora ta falando isso, isso, não seria viável...' Não. Sempre eu tive a liberdade de falar sim, agora mais a questão o medo assim que eu sinto até muita das vezes em falar é mais a questão religiosa né.(...) Então a gente tem esse cuidado, e a escola não, a escola nunca barrou a gente, sempre tive né, liberdade pra falar, tudo tranquilo, com esse receio apenas..."	falar sim, agora mais a questão o medo assim que eu sinto até muita das vezes em falar é mais a questão religiosa.	liberdade de falar sim.	
E8- "Não, não barra, inclusive a gente tem em novembro marcado uma palestra... duas palestras que eu vou fazer e vou ver se eu consigo arrumar parceria que você falou, sobre relacionamento abusivo e outra sobre masculinidade toxica, que tem a ver com as coisas mas eu quero destrinchar muito bem então eu separei em dois dias, então a escola incentiva inclusive. O tabu religioso não tem da minha parte, eu sinto um bloqueio em relação a alguns alunos sobre isso, e eu tenho que falar de uma dificuldade que eu encontro, não sei como categorizar ela, mas aqui a gente tem aluno indígena né?! Muitos, então eu tenho dificuldade quando se trata de alunos indígenas pra falar do assunto. Mas eu não consegui ainda decifrar e nem entender muito bem qual é esse bloqueio, se é uma barreira da língua ou o que que é, mas eu não consigo acessar eles nessas aulas, não consigo... mas não é um problema institucional, um problema meu, eu não consigo acessar eles, eles só estão lá... você sabe quando você vê que não está chegando até eles, possivelmente eles não tão nem entendo o que tá acontecendo, é isso..."	Então a escola incentiva.		Tranquilidade
E9- "Eu consigo trabalhar, porém o auxílio seria bom, por exemplo: os recursos que deveriam ser utilizados para evitar a gravidez, os métodos contraceptivos, então a gente tem que ir na regulação, pedir lá na assistência da saúde pra ver se a gente consegue o material lá no posto, então... acaba que passa o período de a gente trabalhar e vc não consegue ter o material em mãos, fazer ofício, a gente não consegue ter o material aqui na escola. Porque como tem laboratório de ciências, eu acredito que deveria ter toda essa parte disponibilizada pra gente conseguir mostrar pro aluno. Até mesmo a parte tipo...que tem que ser inserido tipo o aborto, muitas coisas tem que ser trabalhadas. Em relação a impedimento, tenho alunos que a religião... eles não tem nem instrução quanto a menstruação, (...)"	A gente não consegue ter o material aqui na escola.	.	Material didático

Questão 5 - Esse tema, na sua opinião, é relevante para ser tratado em sala de aula, ou deveria acontecer em outros lugares para além da escola? Por favor, justifique.

Texto original	Redução 1	Redução 2	Categoria
E1- “Ahhh..., como é que eu vou dizer, porque assim... tratar desse assunto..., por exemplo, na igreja e tal. É um assunto que é meio complicado, né. Mas assim, né... eu acho que tinha que começar mesmo é na família, porque assim, porque assim se a família hoje a gente tá, tá vendo que há muito tempo a família perdeu seu papel, é... principal, né, que é de da a educação pro indivíduo, a formação, os valores e tudo mais. Então, por exemplo, você chegá e ..., a pessoa não, não, não, não tem aquilo que seria básico né, da questão do afeto, da educação, valores e tal, a escola faz o papel dela e acho que ela faz até demais porque faz um papel que não é dela, né?”	Hoje a gente tá, tá vendo que há muito tempo a família perdeu seu papel, é... principal, né, que é de da a educação pro indivíduo, a formação, os valores e tudo mais.	A família perdeu seu papel.	Família
E2- “Falam. Muitas vezes em casa eles não tem apoio nenhum. As meninas, mais as meninas vem conversar, mas durante a conversa os meninos entram também. Que em casa não pode conversa com o pai ou a mãe, é proibido, na igreja muito menos. Então eles conversam nas rodinhas de amigos e na escola que eles tem uma abertura com o professor, ou quando chega o conteúdo ou quando o professor dá uma abertura. Então, eu acho de extrema importância de trabalhar assim na escola porque a gente, aqui na escola tem alguns casos que a gente percebe que é muito importante. Eles estão sofrendo algum tipo de violência em casa, ou com o namoradinho, geralmente não é pai e mãe, mora com uma outra família. Já tivemos muito casos de abuso, e que o único refúgio que eles tem é na escola.”	Já tivemos muito casos de abuso, e que o único refúgio que eles tem é na escola.		Escola
E4- “Enfim, boa parte dos pais, os jovens já vem sido informados, e o que é muito estranho..., que hoje com a questão da internet seria fácil de se... de certa forma deles se... de pesquisarem, verem, mas normalmente não fazem, eles vem tirar as dúvidas em sala de aula.”	Eles vem tirar as dúvidas em sala de aula.		Escola
E5- “Principalmente com as famílias, porque se a família não tá preparada pra, pra conversar em casa sobre isso quando percebe que a criança ou adolescente ele é, ele tem, esse, esse jeitinho diferente, não vai ter mudança nenhuma porque só a escola, como eu digo sempre, quatro horas aqui na escola a gente não faz milagre. Eles ficam vinte em casa ou no mundo por aí, né, e quatro aqui, então eu acho que nós temos que trabalhar a família também em relação a isso, e eu acho também que a escola envolve a família, mas a gente não consegue trazer a família toda, todo mês na escola, né. Então eu acho, vamos dizer que a	Eu acho que a igreja tinha que trabalhar mais isso. Que fosse a igreja, então, porque não é? Tirando a escola e igreja que trabalham a grande massa, outro lugar eu não sei.		Parceria.

igreja, ou a instituição religiosa consegue levar as pessoas toda semana, né, os adultos toda semana pra lá ou quase toda, né, então eu acho que a igreja tinha que trabalhar mais isso. Que fosse a igreja, então, porque não é? Tirando a escola e igreja que trabalham a grande massa, outro lugar eu não sei, não vejo muita luz."			
E7- "Não, se tivesse o apoio da família seria mais fácil, muito mais fácil... muito mais fácil. Por que eu vejo que hoje as coisas estão assim, nessa desordem, andando fora da realidade, fora do normal, é que nós, por exemplo, nós temos aqui crianças aqui de onze, doze anos grávida entendeu, grávida."	Se tivesse o apoio da família seria mais fácil, muito mais fácil...	Apoio da família.	Família.
E8- "Acho... eu acho inclusive que a gente trata dele na fase errada, por que na nossa diretriz curricular a gente trata da educação sexual no oitavo ano, (...)eu acho que ele tem que ser tratado antes até, por que a educação sexual no meu ponto de vista e acredito que não seja só o ato do sexo em si envolve todo o universo de outras coisas. Então trabalhar só ali no oitavo ano não é eficaz."	Eu acho inclusive que a gente trata dele na fase errada, por que na nossa diretriz curricular a gente trata da educação sexual no oitavo ano	Nossa diretriz curricular a gente trata da educação sexual no oitavo ano.	Educação sexual.
E9- "A escola sozinha não consegue, tem que ter o apoio dos pais. Os pais tem que ser com certeza o primeiro incentivador em relação a esse assunto. A sociedade também, porque são os nossos jovens que estão ficando grávidas cedo, adquirindo doenças... Agora em relação a igreja acho que dificilmente a gente consegue ter esse incentivo da igreja trabalhar junto com a gente em relação a educação sexual."	A escola sozinha não consegue, tem que ter o apoio dos pais.	O apoio dos pais.	Família

Questão 6 - Em suas aulas, os alunos se mostram interessados nesse tema e trazem dúvidas a respeito de outros assuntos e conceitos para além do que você havia preparado? Qual é a sua atitude diante dessa situação?

Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E2- "Principalmente no oitavo ano que é corpo humano é muita coisa que eles querem saber."	É muita coisa que eles querem saber.		Curiosidade.
E3- "Dentro do currículo normal das disciplinas que tenho trabalhado, tem alguns assuntos que acabam, por exemplo, sétimo ano que é uma turma específica que eu tenho todas as turmas o assunto é sobre os seres vivos, mas quando chega pra tratar sobre vírus, bactérias, tem as doenças sexualmente transmissíveis que eu tenho que explicar. Então, profissionalmente eu tenho que falar explicando dentro da idade deles esclarecendo porque está dentro do contexto. E, se eles fazem outras perguntas,	E, se eles fazem outras perguntas, naturalmente a gente tem que ir esclarecendo, né?"		Curiosidade.

naturalmente a gente tem que ir esclarecendo, né?"			
E4 – "Olha, a curiosidade, ela vai de acordo com a idade , de acordo com que esse aluno vê, o que essa criança está vendo, o convívio. Tanto lá fora e com os colegas também, isso dá pra ver, mas como eu disse antes aí eu vou moldando, por exemplo: sexto ano de vez em quando surge algumas conversas, naturalmente eles vão ter dúvida "como que eu nasci?", e se eles perguntam pros pais, nessa idade ainda os pais vão podar um pouco, né, e aí na escola, eles vão entender um pouquinho de como eles nasceram, que eles vieram do encontro de um espermatozoide e um óvulo(...)"	A curiosidade, ela vai de acordo com a idade, de acordo com que esse aluno vê, o que essa criança está vendo, o convívio.		Curiosidade.
E5- "Então é..., surge...no caso dos oitavos anos a gente tem muita, muita pergunta em relação a isso porque a gente acaba induzindo, ás vezes durante as aulas para que se debata sobre isso. Então, nos oitavos anos a gente tá fazendo agora um circuito de trabalho, onde em algumas salas entra o tema transgênero justamente para eles pesquisarem sobre, né, porque tá na televisão, tá na mídia, tá em novela e a gente não..., né, não é um tema assim que eu costumava colocar na minha lista de trabalhos e esse ano eu coloquei, e assim óh, é interessante porque eu acabo escutando o depoimento deles em relação a família deles. Eles acabam trazendo assim, né, pra, pra sala."	A gente tem muita, muita pergunta em relação a isso porque a gente acaba induzindo, ás vezes durante as aulas para que se debata sobre isso.	Muita pergunta.	Curiosidade
E6- "Então, eu tiro a dúvida, aí assim: para não interromper o conteúdo, aí eu falo assim: "próxima aula, nós podemos dar continuidade ou até mesmo voltar nesse assunto".	Eu tiro a dúvida.		Orientação
E7- "Muito... Paro, paro minha aula, aproveito aquele momento né, aproveito aquele momento, se é algo durante a aula que a gente vê que é importante peço pra ele esperar um pouquinho e dou minha aula e depois a gente nos minutinhos finais da aula a gente vai discutir sobre aquilo ali, por que a dúvida dele é a dúvida dos outros também, entendeu.(...)"	Depois a gente nos minutinhos finais da aula a gente vai discutir sobre aquilo ali, por que a dúvida dele é a dúvida dos outros também, entendeu.		Orientação
E8- "Eu posso adiar outros dias né o meu conteúdo pra não adiar perguntas né, eu acho importante as perguntas, qualquer que seja o conteúdo que eu to trabalhando eu paro pra ouvir as discussões deles, as perguntas, eu prefiro da forma mais dinâmica do que da forma unilateral né, que eu to falando aqui e você fica quieto ai e depois você fala, eles podem me interromper a qualquer momento pra falar do	Eles podem me interromper a qualquer momento pra falar do assunto, é nosso combinado, a		Orientação

assunto, é nosso combinado, a qualquer momento...”	qualquer momento.		
E9- “Não. Eu tento abordar. Se eu tenho conhecimento e surgir dúvidas e eles estão interessados, eu paro e discuto o assunto com eles.”			Orientação

Questão 7- Há interesse da escola ou dos colegas em tratar desse tema em outras disciplinas a partir por exemplo, da interdisciplinaridade, ou você percebe que esse assunto acontece apenas em suas aulas? Quais seriam os motivos para isso na sua opinião?

Texto original	Redução 1	Redução 2	Categoria
E1- “ Eu, assim, cada, cada professor aqui na escola sempre que há algum questionamento à respeito acho que nenhum deles “Ahh, isso é assunto de ciências”. Não. Eu acho que todos eles se posicionam e tenta, éeee..., esclarecer a dúvida que, de repente o aluno tem.”	Eu acho que todos eles se posicionam e tenta, éeee..., esclarecer a dúvida que, de repente o aluno tem.		formação continuada
E2- “Então, pelo que nós conversamos no conselho de classe, além das aulas de ciências e biologia, né, e... a professora que tem mais abertura com eles é a professora de educação física.”	a professora que tem mais abertura com eles é a professora de educação física.		formação continuada
E3- “Hoje isso é tão grave ... e, às vezes fica tão voltado assim...deixado um pouquinho de lado, que aqui na escola não só a disciplina de ciências, existe aqui uma parceria, existe a interdisciplinaridade de outras áreas que trabalham esses temas aí. Então, a gente não pode ficar de fora, mas a gente tem que procurar, porque vc não sabe como que os alunos vão frequentar, quando ele está fora, então a gente faz enquanto o papel da escola num contexto interdisciplinar, com outras disciplinas, porque as vezes ele não vai perguntar só para o professor de ciências. Ele vai perguntar onde ele tem liberdade e todos nós temos que tá ali preparados para direcionar, pra orientar de uma forma que, se for uma coisa mais profunda, busca-se a parceria. Agora, outras instituições com certeza que tem que participar. Eles são jovens que estão inseridos na sociedade e..., por estarem inseridos, vc não sabe, vc não vai acompanha-los durante vinte e quatro horas por dia, não é verdade? Então, deve ter esse espaço para o diálogo, sim.”	Existe aqui uma parceria, existe a interdisciplinaridade de outras áreas que trabalham esses temas aí.		Parceria
E4 – “Sim, já teve, já teve algumas situações sobre violência sexual, já teve projetos na escola, já teve pessoas vindo fazer palestras, por exemplo, de orientação sexual, mas..., não agora atual, mas já teve sim.”	Já teve projetos na escola, já teve pessoas vindo fazer palestras.		Projetos e palestras.

E5- “Eu acho que já foi assim, no passado já era mais assim, tipo assim, era mais higiene em sala.(...) Hoje em dia , eu vejo que cada um tenta porque as coisas estão cada vez mais próximas de nós. O professor tá aprendendo a lidar com esse dilema, digamos assim porque , às vezes né, como diz o outro “qual família que não tem alguém que é diferente em algum ponto, ou seja, ou seja em convívio, ou seja com depressão, ou seja com uso de alguma coisa, ou seja com uso de drogas, então, né, as sexualidade também, então eu falo assim, as pessoas, eu vejo que hoje elas estão menos, sabe, menos empurrando pras disciplinas afins, né, porque uma vez era assim e hoje em dia eu vejo que cada um faz a sua parte.”	O professor tá aprendendo a lidar com esse dilema.		formação continuada
E6- “Eu acredito que sim, que fica mais pras minhas aulas. Eu já ouvi professor que veio me falar que aluno perguntou tal coisa e ele falou “tem que perguntar pra professora de ciências, ela vai saber explicar melhor”. Então, ou assim “Ahh, isso não faz parte da nossa disciplina, nosso conteúdo”, então, né...acaba ficando mais..., e aí é que acaba ficando pra traz. Às vezes, ele tá com aquela dúvida ali, é naquele momento, então, até acho que falei naquele dia, tem que parar pra pensar, e tem que ficar pra todas as disciplinas.”	Eu acredito que sim, que fica mais pras minhas aulas. Eu já ouvi professor que veio me falar que aluno perguntou tal coisa e ele falou “tem que perguntar pra professora de ciências, ela vai saber explicar melhor.	Eu acredito que sim, que fica mais pras minhas aulas.	Ciências
E7- “Não, todas as aulas, todas as disciplinas a gente trabalha, inclusive a gente ta fazendo agora, é, o curso que a gente faz assim de intervenção que vem lá do estado, a gente sempre faz, tem que fazer na quarta e quinta, é os projetos, então a gente sempre tenta trabalhar da melhor forma, porque todos eles, preconceito, sexualidade, tudo, e mais a questão da saúde também, a saúde todo ano vem dar uma palestra sobre isso ai pra gente, gravidez na adolescência, sobre sexo em si, e sobre as doenças, tudo, eles vem pra gente então ajuda a gente a esclarecer, pega um gancho ali sabe...”	A gente sempre tenta trabalhar da melhor forma, porque todos eles, preconceito, sexualidade, tudo, e mais a questão da saúde também.	Todas as disciplinas a gente trabalha.	Parceria
E8- “Só pro professor de ciências, inclusive institucionalmente a gente não tem nenhuma barreira né?! Tipo a gestão e a coordenação não barra, inclusive se a gente precisa de material eles tão prontos para fornecer e tal, mas colegas que pensam diferente, tem um outro tipo de ideologia e que não acha que é certo falar disso na escola, infelizmente ainda tem, acredite, um professor que pense isso, e ai essa questão multidisciplinar não acontece, não acontece... é só eu e *** mesmo e pronto. É só nos duas, e a biologia também né, mas que é assim né, a biologia a	Colegas que pensam diferente, tem um outro tipo de ideologia e que não acha que é certo falar disso na escola.	Essa questão multidisciplinar não acontece.	Ciências

gente não trata isso, a gente trata mais parte de genética né, (...)".			
E9- "Fica somente pro professor de ciências, eu não vejo interação nenhuma e muito menos interesse de outras áreas participando junto. A gente tem sim essa barreira de áreas separadas."	Fica somente pro professor de ciências.		Ciências

Questão 8 - Você trabalha algum conteúdo específico sobre gênero? Você acha que pode ajudar a prevenir a violência que vem aumentando nas escolas?

Texto original	Redução 1	Redução 2	Categoria
E1- "Não... o livro, na verdade, por exemplo, o que a gente tem usado ele já foi muito bom, mas ele tá assim, cada vez diminuindo assim, é..., o..., (eu: as informações?) É, tá muito ruinzinho. Mas assim, eu, eu, eu pego outros materiais, a gente trabalha com slides mostrando assim, imagens, né, imagens das doenças sexualmente transmissíveis, né, aquela coisa perebenta lá."	O livro, na verdade, por exemplo, o que a gente tem usado ele já foi muito bom.		Livro didático
E2- "Não. O livro didático, em relação ao isso não traz nada, não traz praticamente nada. Em relação a orientação sexual mesmo nada. É só questão do corpo mesmo né. Questão hormonal na fase da puberdade, né, que que acontece: com relação a feminicídio, bullying, alguma coisinha traz, mas orientação sexual não traz nada. Então nós vamos através de sites mesmo. Nós vamos no wikipédia e alguns sites que não vou lembrar agora.(...)"	O livro didático, em relação ao isso não traz nada, não traz praticamente nada	Orientação sexual não traz nada.	Livro didático
E3- "Ele direciona porque na realidade você não fica só naquilo, você entra dentro do assunto e dentro do seu tempo você pode, e dentro do interesse das crianças, você pode ampliar, não conseguimos fazer em detalhes porque aqui a gente está numa faixa etária que você vai matando as curiosidades, né. Mas ele nos permite nos direcionar porque, como eu disse anteriormente, específico nessas turmas que tava trabalhando sobre vírus e bactérias você vai abrir um leque ampliando isso dependendo da curiosidade das crianças, né?"	Ele direciona porque na realidade você não fica só naquilo.		Livro didático
E5- "Eu não vejo muito, muita necessidade, sabe, de formação sobre isso porque vejo que o interesse também não é muito grande, é, dos demais. Eu acho assim que é um assunto que tem pessoas que não se envolvem, não querem se envolver com essa... com a sexualidade do outro. É, respeitam, mas tipo assim, não me afeta. Não é todo mundo que tem vontade de... Sabe... Esclarecer mais sobre isso, eu ainda não vejo assim."	Eu não vejo muito, muita necessidade, sabe, de formação sobre isso porque vejo que o interesse também não é muito grande.	O interesse também não é muito grande.	formação continuada

E6- “Então, assim. Eu sempre procuro em livros, né? Eu tento procurar em livros, como eu falei, slides que eu levo pra eles com imagens, eu levo muito vídeos pra eles também, de gravidez precoce, de... cartilhas sobre gravidez na adolescência, e peço pra eles que todas as atividades que eles responderem, pra eles não se identificarem com as atividades, que ali eles podem expor toda a opinião deles, o que eles acham... Então, assim...textos, depoimentos, e reportagens, assim...Nós estudamos sobre essa diversidade de gênero sexual, foi na formação continuada. Veio pra educação do campo, educação especial, “ a educação, a diversidade, diversidade de gênero e sexual”. Veio pela seduc. Eu mesma li ali coisas que eu não sabia e nem imaginava que eu pudesse levar pra eles em sala de aula com essa questão da diversidade sexual, né, a questão da violência, é..., a questão do preconceito, do bullying, do nome social, dos direitos que eles tem, até mesmo assim, por a gente achar que, que não temos esses casos. Achar que não temos. Pode até ter, mas ainda não foi revelado, né? Então, assim, nunca foi abordado. Lá na escola, assim nunca foi abordado. Só que depois dessa visão de estudo que nós tivemos, eu já pensei né, e vou elaborar uma aula pra falar sobre isso com eles(...)”	Nós estudamos sobre essa diversidade de gênero sexual, foi na formação continuada.		formação continuada.
E7- “Então, sobre gênero eu nunca trabalhei, específico ali, mas a gente sempre tenta, por que a aqui na escola a gente observa não tem muito, por incrível que pareça, a gente não percebe muito essa questão do preconceito, do bulling em relação a isso, entendeu?”	Então, sobre gênero eu nunca trabalhei, específico ali,		Gênero.
E8- “Eu trabalho sim, trabalho muito inclusive, esse ano eu to trabalhando muito, antes eu trabalhava a questão do gênero homem e mulher só, ai eu vi ano passado no fim do ano só que eu pecava em falar só homem e mulher por que a gente tem aluno trans aqui né?! em transição, tem um que ta já em transição completa, e a gente presenciou uma cena muito triste de um preconceito muito absurdo com ela, essa aluna trans, ela é do noturno, com um colega, e ai eu vi que trabalhar o gênero homem e mulher não tava sendo suficiente né, não atende mais a necessidade da sociedade. Então sim, por isso até que a gente preparou que eu pensei na palestra sobre relacionamento abusivo e masculinidade toxica, por que é muito importante né, por que eles estão crescendo com o exemplo que se tem na sociedade ainda, se a gente que uma sociedade diferente onde que os gêneros são respeitados as escolhas sexuais, as pre destinações sexuais também a gente não pode	Antes eu trabalhava a questão do gênero homem e mulher só, ai eu vi ano passado no fim do ano só que eu pecava em falar só homem e mulher por que a gente tem aluno trans aqui né?!	Eu pecava em falar só homem e mulher por que a gente tem aluno trans aqui.	Gênero

continuar trabalhando só homem e mulher, que não tem só homem e mulher né. Tem o sexo biológico e tem o gênero, então sim, eu trabalho isso.”			
E9- “Não. Nunca trabalhei especificamente nenhum conteúdo sobre isso, mas eu tenho alunos que identificam, vejo a dificuldade que eles tem...eu explico o que é basicamente, como ocorre, a maioria a gente percebe que tem o interesse deles mas a gente tem dificuldade de trabalhar esse tipo de tema.”	A maioria a gente percebe que tem o interesse deles mas a gente tem dificuldade de trabalhar esse tipo de tema.		formação continuada
Questão 9 – Orientação sexual: qual seu conceito a respeito, onde busca as informações?			
Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E3- “Leio um pouco. Não é o tema que atualmente a gente fica...estudando..., mas eu preciso estudar mais por quê? Pra falar a verdade é tanta mudança ... é tão complexo que eu acho assim... a gente tenta esclarecer de uma forma mais natural pra não parecer que é uma coisa assim... gravíssima, porque vc não sabe como que a família do aluno tá reagindo... como que vc enquanto escola vai já criar... Muito cuidado! Eu tenho que ter muito cuidado ao falar. Então, se eu te falar que eu sei tudo? Não sei não. (risos) Infelizmente eu estou construindo, porque são tantas formas e, às vezes, são perguntas que vão surgindo que aí que eu vou indo atrás pra tentar esclarecer. E volto a dizer: sempre de uma forma profissional. Nem pra assustar uma sala inteira e às vezes, um aluno que está precisando de um esclarecimento e nem pra achar que é tão simples. Então, a gente vai tentando mostrar caminhos e aí eu te afirmo que eu preciso de apoio sim, profissional mas competente nesse assunto porque é um assunto delicadíssimo.”	Infelizmente eu estou construindo, porque são tantas formas e, às vezes, são perguntas que vão surgindo que aí que eu vou indo atrás pra tentar esclarecer. E aí eu te afirmo que eu preciso de apoio sim, profissional mas competente nesse assunto porque é um assunto delicadíssimo.	E aí eu te afirmo que eu preciso de apoio sim, profissional mas competente.	formação continuada
E5- “Então, esse foi um assunto que sempre me chamou muita atenção, sabe? Desde os primórdios, como diz o outro, quando eu via alguém sofrendo ou passando por isso, foi um assunto que muito me chamou a atenção e, nunca peguei livro e fui do início ao fim lendo ele, mas é pelos próprios relatos que às vezes eu escuto, né? De alguém da minha família ou filhos dos meus amigos que passam por isso... Eu acabo fazendo a minha, criando a minha concepção em relação a isso, só isso, entendeu? Não é uma coisa tirada de algum site, nada. São informações que a gente recebe de um, recebe de outro, da mídia e eu vou fazendo meus, como diz o outro, meus pré-conceitos em relação ao que eu devo ou não devo comentar.”	Não é uma coisa tirada de algum site, nada. São informações que a gente recebe de um, recebe de outro, da mídia e eu vou fazendo meus, como diz o outro, meus pré-conceitos em relação ao que eu devo ou não devo comentar.	Criando os conceitos através de informações.	formação continuada

E8- “Artigos científicos de psicologia, de medicina, de biologia, num livro também que trata muito isso, que eu to *** de ler que chama Sapiens: breve história da humanidade, tem dois capítulos inteiros relacionados a isso. O livro didático não tem nada, o livro didático tem uma foto do sistema reprodutor masculino, uma foto do sistema reprodutor feminino e no final disso umas fotinhas de pílulas anticoncepcionais e camisinhas, só.”	Artigos científicos de psicologia, de medicina, de biologia.	O livro didático não tem nada.	Livro didático

Questão 10 - Os conceitos: orientação sexual e identidade de gênero são conceitos diferentes ou iguais? Por favor, explique.

Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E2- “A questão de identidade de gênero, que nós trabalhamos, que nós começamos a trabalhar o ano passado, só que aí a gente trabalhou... era pra ser uma semana, a gente trabalhou duas. Mas essa professora, a gente fez um projeto especificamente sobre isso, mas ela não ficou na escola esse ano. Vou ver se pego o projeto dela pra gente trabalhar e..., mas essa questão de identidade de gênero ... o que eu posso te dizer. Como que eu trabalho? O que eu entendo disso? “	O que eu posso te dizer. Como que eu trabalho? O que eu entendo disso?	. Como que eu trabalho? O que eu entendo disso?	formação continuada
E4 – “Olha! O que eu procuro ver... assim... pra gente que já tem uma certa idade não é fácil, às vezes, tratar sobre isso, mas eu procuro ser o mais natural possível, não gerar polêmica sobre isso, até porque eu acho que por isso que está dessa forma, porque as pessoas geram polêmica. Então pra mim, eu vou procurar, mesmo que eu discorde ou não concorde com certas situações, mas eu não posso passar isso pra eles. Então eu vou fazer o mais natural possível e fazer com que as coisas caminhem e não sejam desencaminhadas. Que as coisas, que eles entendam que cada um tem o seu direito de ser como é, e vamos viver, porque vivemos em sociedade.(...)”	Pra gente que já tem uma certa idade não é fácil, às vezes, tratar sobre isso.	Pra gente que já tem uma certa idade não é fácil, às vezes, tratar sobre isso.	Preconceito
E6- “Então, até agora, o assunto anterior... eu lembro que uma vez assim, eu tava bem despreparada para o assunto e uma aluna me perguntou o que que era masturbação. Então, assim, aquilo pra mim, eu fiquei meio assim...Como eu vou explicar isso pra ela, o que que é masturbação, daí eu expliquei, enfim pra ela. Essa questão, eles tem muita dúvida do conhecimento do corpo deles, da sensação que o corpo deles transmite pra eles. Eles tem muita dúvida em relação a isso. A orientação	A orientação sexual, sim, é você orientar ele e ele saber dos conhecimentos, que se ele mais adiante o que vier a acontecer com eles para	A orientação sexual, sim, é você orientar.	Orientação

sexual, sim, é você orientar ele e ele saber dos conhecimentos, que se ele mais adiante o que vier a acontecer com eles para eles ter essa orientação. Até mesmo para eles poderem ajudar outras pessoas que tem essa dúvida. Então, assim, eu tento passar toda essa orientação pra eles. Deixar eles verem, tocarem, eu levo pra eles camisinha, camisinha feminina, masculina, por exemplo, mostro as doenças pra eles. Igual eu falei: que que muda na vida de uma adolescente com gravidez precoce, os riscos que correm. Antes, esse tema de sexualidade era mais pra orientar isso, né, as doenças e a gravidez. Hoje não né, hoje ela vem, vem, igual eu falei, vem, tantas coisas vem vindo que nem nós mesmos sabemos a metade, porque cada dia vai se descobrindo novos gêneros.”	eles ter essa orientação.		
E7- “Eu já li algumas coisas, já conversei com alguns colegas, e assim, colegas mesmo a gente tem bastante aqui na escola, né, professores tal, inclusive tive até uma ‘aulinha’ com a professora ( ) né. Então assim, é, mas assim, dita, por que assim, é uma coisa assim, como se fosse mais comum aqui, na escola que a gente tá estudando e aprofundando isso ai, eu poderia até te dizer assim mais aprofundado né, mas a gente não tem muito isso ai, com a gente é mais a questão da gravidez e das drogas, do abuso, isso a gente tem bastante aqui, mas em relação a gênero nós não temos muito, nós não temos... Agora o abuso é demais, se serve pra você. O abuso sexual de nossas aluninhas, aluninhos, eu tive assim de chocar.”	Com a gente é mais a questão da gravidez e das drogas, do abuso, isso a gente tem bastante aqui, mas em relação a gênero nós não temos muito, nós não temos... Agora o abuso é demais, se serve pra você.	Mais a questão da gravidez e das drogas, do abuso, isso a gente tem bastante aqui	Abuso sexual
E8- “Identidade de gênero é complicado, é complicado, confuso, complexo, não tenho propriedade pra falar dele não. Se existem perguntas eu tento responder com o que eu conheço, mas a identidade de gênero ela ainda é confusa né, pra todo mundo, não é so pra gente professor, é confuso pra psicologia é confuso pra todo mundo ainda. Se vê que a identidade de gênero faz essa sigla LGBT que mais etc aumentar todo dia né, por que é um negócio confuso né. “mãe” Ela ta acontecendo agora, a gente ta presenciando o acontecimento dela né, por exemplo a homossexualidade ela existe des dos tempos antigos a gente sabe né?! Então, é mais simples de entender a homossexualidade, a identidade de gênero ela ta acontecendo nesse momento, então realmente até ficar claro isso, ta bem confuso.”	Identidade de gênero é complicado, é complicado, confuso, complexo, não tenho propriedade pra falar dele não.	Não tenho propriedade pra falar dele não.	formação continuada
E9- “Conceito orientação sexual, identidade de gênero...Eu não tenho nenhum conceito ainda formado sobre isso, to ainda naquela	Conceito orientação sexual,	Eu não tenho nenhum conceito ainda	formação continuada

de...buscando o que ocorre, como a gente consegue trabalhar sobre esse assunto, então eu tenho um pouco de dificuldade de ministrar, geralmente quando a gente começa a falar desse tema a gente tem um pouco de...os alunos tem um pouco de ...uma barreira, né? Eles tem barreira e os outros alunos sempre riem e então acaba não tendo assim uma... na verdade faz oito anos que eu não trabalhava com o fundamental. Esse é o primeiro ano que eu voltei, então assim, ...não tenho uma ideia formada e não sei se quero continuar com o fundamental, apesar de que eu tenho gostado bastante.”	identidade de gênero...Eu não tenho nenhum conceito ainda formado sobre isso, to ainda naquela de...buscando o que ocorre, como a gente consegue trabalhar sobre esse assunto.	formado sobre isso.	

Questão 11 - Você enquanto professor da área de Ciências, procura se atualizar de que maneira quanto a assuntos relacionados à sexualidade, como por exemplo, novos conceitos sobre a diversidade sexual, identidade de gênero, orientação sexual, entre outros? Você acha isso importante para sua prática pedagógica (ou não), por quais motivos?

Texto original	Redução 1	Redução 2	Categoria
E2- “Vou te falar que não me aprofundo muito, por exemplo assim: é só quando eu vou fazer um projeto que daí eu pesquiso e trago material pras crianças. Mas é importante trabalhar, o que seria identidade de gênero... aqui na escola, talvez seja um erro meu por na escola ainda não termos nenhum caso, né, assim... pra gente ter que realmente ta na ponta da língua pra gente trabalhá. Acaba se acomodando mesmo, mas se acaso aparecesse um caso desse aqui eu teria que me aprofundar mais né, pra poder orientá. É muito importante nós estarmos atualizados pra em algum momento poder transmitir isso ao aluno. Eu busco geralmente... a fonte é a internet mesmo, sites específicos, queria lembrar a ong e não lembro. Tem uma ong que fala muito a respeito disso, orienta mesmo ahhh..., não só professores, quem tiver interesse em como trabalhar pode abordar esse assunto. Que esses dias... antigamente a sigla era LGBT, agora é LGBTs. Aí, pessoal, vamos fazer uma pesquisa: o que é isso? As mudanças, o que que acontece, então mais seria a internet mesmo que eu mais procuro.”	É muito importante nós estarmos atualizados pra em algum momento poder transmitir isso ao aluno. Eu busco geralmente... a fonte é a internet mesmo, sites específicos.	É muito importante nós estarmos atualizados.	formação continuada
E3- “Olha! Livros, internet, profissionais de outras universidades que tem o conhecimento, né. Já fiz cursos, já tive oportunidade de acompanhar trabalho de orientação de educação sexual pra ver até aonde a gente pode esclarecer. Então, éee... trabalho numa unidade que não é ainda um problema	Livros, internet, profissionais de outras universidades que tem o conhecimento. É um trabalho interdisciplinar.	É um trabalho interdisciplinar.	Parceria

maior.(...). Agora, como eu já disse: aqui ainda é uma escola ... A gente, é muito discreto, né? A questão da violência sexual, dessa questão de gênero. É tudo muito discreto. Tem outras instituições que eu acho que é mais grave. Talvez eu teria uma postura diferente em função da necessidade de colaborar um pouco mais. Nós fazemos toda terça-feira formação continuada sim. Nesse assunto específico, quando surge algum problema na escola a gente acaba se reunindo porque, como eu disse anteriormente, não é só trabalho de uma disciplina. É um trabalho interdisciplinar.”			
E4- “Eu acho que não é só a questão de ser sobre esses assuntos. É qualquer assunto relacionado a minha área ou a outras áreas, porque eu, como professor de ciências biológicas, trabalhando geografia ou trabalhando outras áreas eu vou ter que sempre me atualizar e não tem como fugir disso. Eu sempre leio, leio, leio, e procuro ficar sabendo de novidades porque o aluno chega com certas situações que você precisa...de certa forma, estra informado pra poder... ou contestar aquela informação, porque , às vezes ele traz uma informação achando que é essa ou afirma que é aquilo, ou que alguém falou. Você precisa tá informado, e se não tiver? Vamos pesquisar. Ver pra onde vai, se é realmente verdade ou não. Mas eu procuro estar atualizado sobre esses assuntos, não só esses, vários assuntos.”	Eu sempre leio, leio, leio, e procuro ficar sabendo de novidades porque o aluno chega com certas situações que você precisa...de certa forma, estar informado pra poder... ou contestar aquela informação.	Você precisa...de certa forma, estar informado.	formação continuada
E5- “Eu acho, é. Eu acho. Todo professor devia ter uma... tá sempre se informando em relação a isso e pensando assim que é algo que a gente tem que abordar...semanalmente é um assunto que deveria ser abordado.”	Todo professor devia ter uma... tá sempre se informando em relação a isso.	Todo professor devia ter uma... tá sempre se informando em relação a isso.	formação continuada
E6- “Eu acho que deveria, todos né, em conjunto trabalhar esse tema. Não deixar que esse dever seja só do professor, na escola. Porque todos os dias eles vão ter dúvidas, todos os dias eles vão ter curiosidades, né? E, às vezes, possam ter outras pessoas lá fora que tenham mais afinidade pra estar conversando...Então, assim, tem que ser abordado isso em casa, né?	Então, assim, tem que ser abordado isso em casa, né? Em outros ambientes também que não seja só na escola, só naquele momento ali.	Em outros ambientes também que não seja só na escola	Parceria

Em outros ambientes também que não seja só na escola, só naquele momento ali. Sexualidade se fala todos os dias, outras disciplinas também...pode ser que os alunos tenham afinidade com outros professores de outras disciplinas.”			
E7 -. “Não, é importante sim,(...). Então eu tenho que sempre buscar isso ai, sempre ta a parte né, lê alguma coisa, que eles vem atrás, eles procuram, os maiores, os menores não... né, sempre os maiores, então a gente questiona muito, discute muito sobre isso, muitos não acreditam do que que é, que aquilo é verdade, então você traz um pouco já da genética, vai mostrando, entendeu?! o que que é, como que acontece isso ai, mas mesmo assim ainda fica aquela interrogaçãozinha na cabeça deles...”	Então a gente questiona muito, discute muito sobre isso, muitos não acreditam do que que é, que aquilo é verdade, então você traz um pouco já da genética, vai mostrando, entendeu?!	Então a gente questiona muito, discute muito sobre isso.	Orientação
E8- “Acho. É artigo cientifico que eu leio sobre os assuntos todos que me perguntam. “quais os motivos que te levam a estudar sobre isso?” A vida. A minha forma de viver, de pensar o mundo me leva estudar isso lá fora e eu acabo trazendo isso pra escola, não é uma necessidade da disciplina que me faz ir buscar, é eu buscar pela minha vida ai eu trago por que eu tive o conhecimento lá fora.”	Eu acabo trazendo isso pra escola, não é uma necessidade da disciplina que me faz ir buscar, é eu buscar pela minha vida ai eu trago por que eu tive o conhecimento lá fora.	Eu trago por que eu tive o conhecimento lá fora.	formação continuada
E9- “Fontes de pesquisa: Eu sempre procuro no google acadêmico: artigos, eu tenho biblioteca digital da faculdade que tem os livros online, eu sempre busco em fontes que sei que são seguras. Não gosto de buscar aleatoriamente no google, wikipedia, esses sites eu não utilizo e nem gosto que meus alunos de fundamental e médio utilizem também.”	Eu sempre busco em fontes que sei que são seguras.	Eu sempre busco em fontes seguras.	formação continuada

Questão 12- Do seu ponto de vista enquanto professor, debater e refletir em sala de aula sobre as questões destes temas, podem vir a contribuir para a diminuição do preconceito e de agressões diversas nas escolas, podendo promover o respeito as diferenças entre seus alunos? Justifique.

Texto original	Redução 1	Redução 2	Categoria
E1- “Sem dúvida que é bom, porque assim, orientação nunca é demais e considerando que, às vezes tem muita..., aqui na escola por exemplo, né. Onde tem muitas famílias que são carentes, tem muitas famílias que vem de outros estados, onde, falar sobre esse assunto, de jeito nenhum, né? Éeee..., tão,	Sem dúvida que é bom, porque assim, orientação nunca é demais.	Orientação nunca é demais.	Orientação

tanto que o aluno falo pra mim, eu não falo isso com minha mãe de jeito nenhum, oh, ela me quebra no pau, me bate, nunca, de jeito nenhum que eu tenho coragem de conversar sobre isso com minha mãe.”			
E2- “Com certeza. Ano passado nossa formação aqui foi muito sobre bulliyng, afetividade né e vários temas. E nós percebemos que teve uma boa melhora. Nós trabalhávamos né, com a teoria e depois víamos filmes, leituras e depois aplicávamos em uma intervenção em sala. Então nós percebemos que mudou bastante, mas assim, a gente percebe que é um período, depois parece que cai no esquecimento, então tem que ser constante, tem que trabalha isso constante, constante mesmo.”	Tem que ser constante, tem que trabalha isso constante, constante mesmo.	Busca constante.	formação continuada
E3- “Com certeza. O professor é mediador. A forma que você responde, a forma que você direciona, você minimiza muitos conflitos, muitos atritos. A gente tem que mostrar uma forma de respeito entre todos os seres humanos. É fácil? Claro que não. Mas se você já for preconceituosa, já mostrar no seu estilo... vai muito do lado pessoal, do lado de formação do educador. Então, eu sou muito tranquila, e eu acho assim...a base minha familiar nunca me permitiu se A ou B é diferente. A gente sempre tratou as pessoas com respeito. Então, isso pra mim é uma coisa natural. Eu não vejo como “Olha, um problema!” Eu trato de uma forma que as pessoas se sintam à vontade de perguntar. Naturais...De um conhecimento. Se alguém dentro daquele ambiente acha que é engraçado, quer tirar..., eu já puxo o assunto pra normalidade profissional pra que isso não fique fechando mais aquele aluno que está precisando de um apoio. Pra mim isso é tranquilo.”	O professor é mediador. A forma que você responde, a forma que você direciona, você minimiza muitos conflitos, muitos atritos.	Você minimiza muitos conflitos, muitos atritos.	Conflitos
E6- “Sim. Pode, e muito. Tem que ser praticamente todos os dias, vc falar, mostrar, outros professores, outras pessoas que trabalham na escola, mas é difícil, porque acho que também a escola deveria ter um preparamento, reunião com os pais, pra mostrar isso pros pais, pra apoiar.”	A escola deveria ter um preparamento, reunião com os pais, pra mostrar isso pros pais, pra apoiar.	Preparar os professores e envolver os pais	Parceria
E7- “Sim, muito, muito muito, por que isso ai muita das vezes a cabecinha deles é fechadinha, não tem essa abertura, então aquilo que você quer dizer pro seu filho é aquilo que você quer que ele acredite entendeu?! Então assim, a gente as vezes fica observando quando a gente começa a discutir alguma coisa assim que dai vem, que	Então assim, a gente as vezes fica observando quando a gente começa a discutir alguma coisa	Quando a gente começa a discutir alguma coisa...	formação continuada

eles olham na televisão, ai fala assim “ah, professora mas eu vi...” Então tem que ter, é importantíssimo, sim.”	assim que dai vem, que eles olham na televisão, ai fala assim “ah, professora mas eu vi...”		
E8- “É como a gente consegue dizer isso sabia, é através do diálogo, por que assim, o preconceito é uma forma de você não entender aquilo que é diferente e ai você repele né, isso é o preconceito, então abrindo um diálogo onde todo mundo é ouvido, até quem não concorda por algum que seja motivo(...) que é a forma da gente diminuir pro futuro os preconceitos é trabalhando isso agora na escola.”	Então abrindo um diálogo onde todo mundo é ouvido.	Diálogo.	Fala abertamente
E9- “Sim. Com certeza. Tem que ser trabalhado sim porque eles precisam e não conseguem ser aceitos na sociedade. Eles mesmo tem essa dificuldade e se tiver um trabalho no qual ele tem uma concepção que ele tem sim um lugar na sociedade independente do gênero dele, da escolha sexual que ele tem, com certeza vai ter uma melhor adaptação pra vida dele.”	Tem que ser trabalhado sim porque eles precisam e não conseguem ser aceitos na sociedade	Não conseguem ser aceitos na sociedade.	Preconceito

Questão 13- Na sua escola, já aconteceu algum tipo de conflito por parte de alunos, professores, funcionários ou mesmo envolvendo família, relacionados a problemas relacionados as questões de sexualidade? (gravidez não programada, casais homoafetivos, alunos transgêneros, etc.). Quais foram os conflitos e como isso foi ou não resolvido?

Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E2- “Com relação ao conteúdo trabalhado em sala até agora não(...), e um caso que aconteceu com uma aluna foi que, um vazamento de fotos íntimas dela, né.”	Um vazamento de fotos íntimas.	Um vazamento de fotos íntimas.	Conflito
E3- “Como eu falei no início, eu trabalho numa instituição que é mais tranquila. Então, nós, que eu me lembre ...tem vários anos que eu estou aqui, não tivemos ainda esse problema, né. “	Tem vários anos que eu estou aqui, não tivemos ainda esse problema, né.	Não tivemos ainda esse problema.	Tranquilidade
E4- “Conflito sempre há, mas no sentido de que o aluno começa, como diz o outro: “tirar o sarro um do outro” que ele tá se comportando de uma forma que ele acha que é homossexualidade ou algo assim, mas isso, assim... não tem grandes repercussões.(...) Eu não vejo nada que seja assim tão alvoroçado a ponto de que, vai causar uma polêmica, uma coisa muito séria.”	Eu não vejo nada que seja assim tão alvoroçado a ponto de que, vai causar uma polêmica, uma coisa muito séria.”	Polêmica	Conflito
E5- “Em relação a sexualidade, sexo não. Ainda não. Ainda não tivemos essa oportunidade de ter...ajudar alguma criança em	Como é uma coisa assim que tão se	É uma coisa assim que tão	Conflito

relação a isso. Mas em outros assuntos a gente sempre tenta. Então eu imagino que o tempo vai...com o tempo isso vai acontecer, né? Como é uma coisa assim que tão se libertando agora, né? Hoje em dia que a coisa tá mais...tá mais liberta, né? Porque até então..."	libertando agora, né? Hoje em dia que a coisa tá mais...tá mais liberta, né?	se libertando agora.	
E7- "Não, mas um conflito de aluno com professor sim... 2015, esse aluno não ta mais aqui conosco, foi embora, mas eu presenciei mais o menos, nós temos um professor aqui, que ele é homossexual assumido, (...)."	Um conflito de aluno com professor sim.		Conflito.
E8- "Já, já aconteceu um problema comigo de uma professora na aula que eu tava dando, e ela entrou depois da minha aula, e eu tinha distribuído panfleto que eu peguei no posto aquele panfleto né, e aí ela entrou depois da minha aula, e se sabe uma hora de aula quando troca de aula eles ainda estão falando sobre aquilo, e por motivos de religiosidade ela achou descabido o panfleto e fez discursos na sala e aconteceu esse problema comigo né, que ela estava atravessando minha disciplina de uma forma incoerente né?! Isso não é ético. Aconteceu problema por conta de religiosidade também com a nossa aluna transgênero."	Aconteceu problema por conta de religiosidade também com a nossa aluna transgênero."	Religiosidade	Conflito
E9- "O que a gente teve há pouco tempo foi que uma aluna fez uma denúncia que a colega tava grávida de 8 meses. A escola chamou, conversou e ela tava com a barriga bem grande. Ela ficou duas semanas sem vir pra escola e agora voltou sem barriga nenhuma. Foi atrás dos pais para saber o que tinha acontecido, tinha toda uma história que a menina tinha comprado medicamento para fazer aborto... foi muito estranha assim a situação que aconteceu, porém 90% dos professores da sala sabem da mudança que foi muito drástica, que teve assim repentinamente e ela sempre negou. Só falava que tava com problemas de saúde."	O que a gente teve há pouco tempo foi que uma aluna fez uma denúncia que a colega tava grávida de 8 meses.	.	Gravidez.

Questão 14 - Se você pudesse resumir, você diria que:
- ensinar educação sexual na escola **é bom porque** Ou;
- ensinar educação sexual na escola **não é bom. Por quê?**

Texto original	**Redução 1**	**Redução 2**	**Categoria**
E1- "Continuando... ensinar é preciso, então se a família tiver esse papel de ta orientando...de ta informando e falando, olha, a partir de tal situação pode acontecer isso, então você tem que ta precavida e tal, né.(...) tem que orientar, o papel da família seria esse."	Ensinar é preciso, então se a família tiver esse papel de tá orientando...	O papel da família seria esse.	Família

E2- “Ensinar educação sexual é bom. É difícil mas é bom, né. Você tem a oportunidade... eu fico assim... as vezes o aluno vem me perguntar uma coisa simples, né? Aí você responde e ele “é isso professora?” “Ahh, então tá bom”. Eles ficam tão felizes de saber o que que é alguma coisa, uma curiosidade com o corpo, que ta acontecendo ... Então é bom estudar, é difícil, às vezes você aborda quando é um conteúdo muito... ahh... como posso dizer: que não é muito, que não é do livro didático mas que é uma dúvida que eles tem ,mas você não tem o conhecimento , você tem que busca ou trazer alguém pra palestra. Em outras escolas nós já fizemos isso né. Quando viu que tava ... muito... perguntas muito complexas assim, que a gente via que não conseguia resolver. Então trouxemos um profissional. Foi muito bom. Então é bom trabalhar, né? Porque é o que tá acontecendo no corpo, na vida deles... e o único refúgio que eles tem é a escola ...”	Então é bom trabalhar, né? Porque é o que tá acontecendo no corpo, na vida deles... e o único refúgio que eles tem é a escola ...	E o único refúgio que eles tem é a escola ...	Escola
E3- “É importante. Mas a gente tem que ter um conhecimento até onde vc pode ir. Tem que estar tranquila e saber usar os termos corretos porque vc envolve um grupo grande com a diversidade e termos religiosos também. Algumas famílias acham que a gente tem que falar dentro do normal, outras já questionam porque que vc está entrando nesse assunto. Eu acho que é um tema difícil, mas todos os profissionais têm que estar preparados para, no mínimo, responder e procurar ajuda quando o assunto for um pouquinho mais profundo, até aonde a escola pode ir. Com certeza é um assunto que a gente não pode fugir na atualidade.”	É importante. Mas a gente tem que ter um conhecimento até onde vc pode ir. Tem que estar tranquila e saber usar os termos corretos porque vc envolve um grupo grande com a diversidade e termos religiosos também.	Mas a gente tem que ter um conhecimento até onde vc pode ir.	formação continuada.
E4- “É bom, né? É necessário. A gente trabalhar com os alunos é necessário. No sentido de ajuda-lo. Ou pelo menos, tentar ajuda-los e orientar. Porque muitas vezes, igual eu disse antes, esse aluno tem acesso a internet, tem acesso a um monte de coisas, de conteúdo, mas mesmo assim ele parece que não consegue discernir uma situação de...de... compreensão de certas situações que eles poderiam ter dúvidas e tá tirando na leitura, na pesquisa, mas ele sente, às vezes, a necessidade de tá ouvindo alguém. De falar pra ele, ou sei lá, ele não quer também ...”	É bom, né? É necessário. A gente trabalhar com os alunos é necessário. No sentido de ajudá-lo. Ou pelo menos, tentar ajudá-los e orientar.	Pelo menos, tentar ajudá-los e orientar.	Orientação
E5- “Eu acho que é bom. Eu acho que é uma matéria que, como diz o outro, deveria ser inclusa e nós temos nome aqui, deveria ser uma disciplina inclusa, mas claro, eu vejo que	Eu acho que é bom. Hoje ela é incluída na disciplina de	Hoje ela é incluída na disciplina de ciências e os	Ciências/ parceria

vai demorar muito, então ela pode ser como um assunto que vai ser incluído, hoje ela é incluída na disciplina de ciências e os outros professores tem a liberdade de trabalhar quando eles... é em forma de redação ou em forma de texto, ou em forma de, às vezes, de peça teatral em Arte, né. Por exemplo, fazendo peças teatrais. Mas eu acho que tem que ser trabalhado, é..., né...deveria ser assim uma...quase que obrigatório, sabe.”	ciências e os outros professores tem a liberdade de trabalhar quando eles... é em forma de redação ou em forma de texto, ou em forma de, às vezes, de peça teatral em Arte, né.	outros professores tem a liberdade de trabalhar.	
E6- “É bom. A escola pode e deve fazer esse papel com relação a tudo isso que eles podem sofrer no futuro: o preconceito, a violência com relação ao gênero, o conhecimento de doenças, de gravidez. É um papel muito importante pra escola, melhor ainda se a escola pudesse ter todo o material pra isso, mostra pra eles o corpo. Eu acho que até a família poderia participar, saber que a família ta ali participando, apoiando, saber que a família muitas vezes não tem o conhecimento, então como ela vai ensinar algo pros filhos se ela não aprendeu isso, se ela não sabe.”	É bom. A escola pode e deve fazer esse papel.		Escola
E7- “Eu acho interessante, eu gosto, eu gosto muito muito muito, por que eu acho que eu tô contribuindo, contribuindo no crescimento, contribuindo pra eles a enxergar né, conhecimento, a enxergar a vida um pouquinho mais além do que aquilo que eles... apenas sexo, entendeu?! Então eu acho isso importantíssimo, eu adoro trabalhar com eles, tanto que só peguei oitavo esse ano entendeu, que eu gosto muito muito muito. A gente trabalha de uma forma assim, bem gratificante, de ver o aluno chegar tirar dúvida, e até os maiores também, “professora a aconteceu isso e isso comigo, a menstruação atrasou, professora de que jeito, que forma que eu posso fazer, será se eu tô grávida...” você precisa de ver, parece que é uma mãe entendeu?! Eu adoro, se eu pudesse trabalhar só oitavo ano eu trabalharia, adoro...”	Eu acho interessante, eu gosto, eu gosto muito muito muito, por que eu acho que eu tô contribuindo, contribuindo no crescimento, contribuindo pra eles a enxergar né, conhecimento, a enxergar a vida um pouquinho mais além do que aquilo que eles... apenas sexo, entendeu?!	Contribuindo pra eles a enxergar né, conhecimento, a enxergar a vida um pouquinho mais além do que aquilo que eles... apenas sexo, entendeu?!	Educação sexual
E8- “Na sociedade que a gente vive é bom e é necessário, é preciso, mas existe o fato de ser ruim por que a gente percebe que se nossa sociedade fosse preparada não seria o papel da escola né?! Então sim, pra onde a gente vive é bom, é importante e necessário, mas pra sociedade top que a gente precisa, almeja e quer não seria necessário ter que ensinar isso na escola. Não deveria ser a escola ensinar isso. Eu acho que bem importante esse assunto sim, e é muito ruim quando a gente tem	Infelizmente a escola é o único lugar que acontecesse educação sexual e ainda temos profissionais que não conseguem trabalhar o	Temos profissionais que não conseguem trabalhar o assunto, não estão preparados	Escola/ formação continuada

na escola um profissional da área que passa por isso, por algum problema ou outro. Eu na escola minha professora passou por isso, pulou o capítulo sabe, por que é sempre.. não posso generalizar mas é sempre, no meu ponto de vista, é sempre motivo de religião o tabu envolvendo educação sexual, então assim, eu não tive na escola, eu tive em casa mas por que minha professora não era preparada pro assunto e ela pulou, e eu sei que ainda acontece isso hoje, então eu acho que isso é triste. Infelizmente a escola é o único lugar que acontecesse educação sexual e ainda temos profissionais que não conseguem trabalhar o assunto, não estão preparados ou tem questões pessoais que não trabalham né.”	assunto, não estão preparados ou tem questões pessoais que não trabalham né.		
E9- “Eu acho bom porque é um assunto que eles tem interesse, eles tem motivação, eles tem muitas dúvidas...Eu acredito que a educação sexual é a base para muitos jovens. A falta dela pode ser a decadência de uma juventude. Eles precisam em relação às doenças, a formação do bebê, o que que vem depois, o que tem antes, a menstruação...os hormônios todos, como que eles lidam com esses hormônios...eles não conseguem controlar. Eles não sabem, eles não tem controle. (...) Então eu acredito que fica pra nós na escola, e também não é todo professor que consegue ministrar educação sexual na escola.”	Eu acho bom porque é um assunto que eles tem interesse, eles tem motivação, eles tem muitas dúvidas...Eu acredito que a educação sexual é a base para muitos jovens.	Eu acredito que a educação sexual é a base para muitos jovens.	Educação sexual

Questão 15 - Você gostaria de acrescentar alguma coisa mais sobre este tema que não foi contemplado nestas questões?

Texto original	Redução 1	Redução 2	Categoria
E2... eu só acho assim que deveria haver umas políticas públicas mais específicas nas escolas, haver recursos, né ou pra trazer palestrante ou modelos pra trabalha, eu confecciono bastante modelos pra trabalha, né, quem nem o útero feminino, o que ta acontecendo, o período gestacional, né. Sistema genital masculino. Eu gosto de trabalha com modelos né, prático, no concreto. Às vezes a escola tem até boa vontade mas o material...	Deveria haver umas políticas públicas mais específicas nas escolas, haver recursos	Políticas públicas mais específicas nas escolas.	Políticas públicas

Abaixo, as categorias e suas frequências encontradas no conteúdo das entrevistas, a partir das quais fizemos as análises e discussão dos resultados.

Quadro 5 - Categorias encontradas e sua frequência

Nº	Categoria	Frequência
1	Conhecimento sobre sexualidade	3

2	Orientação	12
3	Parceria	9
4	Fala abertamente/diálogo	9
5	Formação continuada	26
6	Medo	1
7	Livro didático/material didático	8
8	Tranquilidade	4
9	Educação sexual	4
10	Família	4
11	Escola	5
12	Curiosidade	4
13	Projetos e palestras	1
14	Gravidez	1
15	Gênero	2
16	Preconceito	2
17	Abuso sexual	1
18	Ciências	3
19	Conflitos	6
20	Políticas públicas	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o quadro produzido com os excertos de falas de nossos entrevistados e das categorias que contruímos a partir dos mesmos, nos propomos agora a analisar detalhadamente esses dados. Conforme Sampieri (2013, p. 463), devemos lembrar que na análise qualitativa temos que mostrar o que dizem as pessoas estudadas usando suas “próprias palavras”.

Diante da importância do nosso tema, vamos iniciar tentando mostrar que os professores têm comprometimento com a formação humana, neste caso, voltada para a sexualidade, observando-se algumas narrativas, dentre as quais, onde o E1 afirma que constantemente em suas falas na sala de aula, preocupado com o resultado se sexo sem preservativo que “*se pega uma aids, se pega uma sífilis e a pessoa de repente não percebe que ela tá com a doença porque ela não aparece, não tem sintoma, não tem dor, né, aí volta, depois continua, volta. Aí, depois, na fase terciária, anos depois a pessoa acaba morrendo e nesse meio tempo não teve cuidado e acabou transmitindo para outras pessoa.”*

Egypto (2012, p. 14), afirma que certamente a sexualidade está na escola, e se a escola se omite, está deixando esta sexualidade ser tratada informalmente, pelo que acontece em casa, na rua e na mídia, o que pode não dar conta de suas expectativas.

Na categoria *Conhecimento sobre sexualidade,* podemos constatar o fato de que os professores fazem uso de seu conhecimento empírico para dialogar com os estudantes como na fala do E1 *"Como é que eu ia falar a respeito da maternidade se eu tivesse só a teoria (...)".* Apesar disso, observa-se que há uma boa interação entre professores e estudantes no que se refere as conversas em sala de aula sobre o assunto. Em relação a apresentação desta categoria podemos verificar que ela aparece poucas vezes nas situações registradas como na fala do E2 *"mais é uma orientação, com respeito aos alunos que buscam uma orientação mesmo, um conhecimento a respeito de sua sexualidade, a descoberta de seu corpo né",* ou na fala do E6 "*mais essa parte da sexualidade: você descobrir o corpo, né?"*

Para os professores, conforme resultado da categoria *Orientação,* a percepção da educação sexual tem a ver com "orientação". Essa categoria foi citada inúmeras vezes pelos entrevistados, como podemos verificar adiante. O E5 tem a percepção de que *"Eu acho que orientação ou educação sexual é quando eu falo pro meu aluno em relação ao sexo (...)".* Um conceito bastante consciente é do professor E2 no sentido de que realmente compreende a importância da educação sexual. Segundo ele, orientação seria o termo mais apropriado porque é "*onde eu vou orientar os meus alunos a..., a aprender ou aperfeiçoar os conceitos que ele tem no que diz respeito a sexualidade*". O E9 parece ter muita preocupação quanto a ajudar os alunos na busca do conhecimento sobre o assunto da sexualidade. Para isso ele diz que "*se eu tenho conhecimento e surgir dúvidas e eles estão interessados, eu paro e discuto o assunto com eles*". Ainda no que se refere ao tema, para E9 "*existem muitos fatores que influenciam a educação sexual*", entre eles o que a família traz de conhecimento aos filhos e a idade que eles tem contato direto com a relação sexual.

Podemos afirmar que o sucesso da educação sexual se torna possível quando há uma parceria, necessariamente entre escola e família, no sentido de apoio.

A categoria *Parceria* foi criada por ter sua importância nessa discussão. O professor E3 confirma essa visão quando afirma que *"esses trabalhos tem que partir da escola e família para ele ter um sucesso."* Os professores não veem somente a família como parceira de trabalho, como sugere E3 que "acaba fazendo parcerias com outras secretarias", porque assim, segundo ele vem pessoas qualificadas para construir esse conhecimento com os alunos como médicos, enfermeiros que tem habilidades específicas para tratar determinados temas. E termina dizendo que "*outras instituições, com certeza tem que participar*", no sentido de que os jovens estão

inseridos na sociedade e todos são responsáveis pela educação. A parceria da qual estamos falando é abordada pelo professor E7, na concepção de que ela deve acontecer dentro da escola, entre professores, entre disciplinas, conforme sua fala: "*todas as aulas, todas as disciplinas a gente trabalha*", numa referência de que todos são responsáveis pela educação sexual, e não somente um ou outro professor, principalmente o de ciências, que acaba, muitas vezes, ficando sobrecarregado. Além do que, pode ser que não tenha conhecimento e formação para desempenhar com eficiência esse papel.

O que chama bastante atenção no processo de categorização é que a maioria dos professores diz que fala abertamente com os alunos sobre a sexualidade. Que o diálogo surge nas aulas com espontaneidade e segue com naturalidade. Por isso, a categoria *Fala abertamente* foi criada. Muito citada pelos professores indica que, apesar de todas as dificuldades que possam existir, estão dispostos a conversar, a orientar, como dizem os professores mesmo. Param qualquer conteúdo para tirar dúvidas, atender curiosidades que venham a ter sobre a sexualidade, o corpo. Para o professor E9 "*é o conteúdo que eles param para escutar, do início ao fim*". Numa referência clara de como o diálogo é importante o E8 "*É como a gente consegue dizer isso, sabia, é através do diálogo, porque assim, o preconceito é uma forma de você não entender aquilo que é diferente e aí você repele, né? Isso é o preconceito, então abrindo o diálogo, todo mundo é ouvido.*"

As percepções docentes nos demonstram o quanto a categoria *Formação Continuada* é relevante. A mais citada entre elas permite compreender o quanto a atividade docente se prende a ela. Nessa categoria temos muitas reflexões possíveis de serem realizadas e que são profundamente importantes no contexto que estamos vivenciando. Como ensinar corretamente só com o conhecimento empírico, informal? De acordo com Pimenta (2012, p. 30),

> os saberes pedagógicos podem colaborar com a prática. Sobretudo se forem mobilizados a partir dos problemas que a prática coloca, entendendo, pois, a dependência da teoria em relação à prática, pois esta lhe é anterior.

No pensar de Pimenta (1997), "repensar a formação inicial e contínua, a partir das práticas pedagógicas e docentes" é contribuir para a formação da identidade do professor. Conforme ele reflete sobre sua prática e a reconstrói a partir dos resultados para tornar sua didática mais aprimorada. Nesse sentido, construir uma identidade profissional voltada para a construção do conhecimento e contextualização deste na

sala de aula torna-se uma tarefa complexa mas, ao mesmo tempo, oportuniza os alunos a se inserir no contexto social e compreendê-lo.

Dessa forma, considerando a categoria formação continuada, espera-se que os professores ampliem suas informações e seus conhecimentos para construir um olhar mais sensível e consciente sobre a educação sexual. Apesar dos professores confirmarem que tem facilidade para falar abertamente em relação a questões de sexualidade, assim como disseram que tem muita tranquilidade para abordar o tema, chama a atenção a frequência com que é utilizada a expressão “formação”, aqui expressa como formação continuada no sentido da educação sexual que neste caso, é abordada em sala de aula pelos professores de ciências, nossos parceiros de pesquisa. Vamos tentar compreender aqui qual o sentido de tantas falas sobre formação, em que sentido seria essa formação, se ela se faz necessária na perspectiva da sexualidade, educação sexual. A preocupação do E3 se justifica na resposta quando demonstra sua preocupação *“a escola tem que tá muito bem fundamentada pra sabe o que vai abordar”,* indicando que tem que haver o compromisso com a formação e com a verdade. O profissional tem que estar seguro diante da responsabilidade de dialogar sobre esse conhecimento tão específico e pessoal. A formação também vem no sentido de completar as necessidades profissionais como desse professor que diz que “ eu tenho conhecimento, porém eu preciso ainda ter mais ainda de auxílio para trazer o conhecimento para os alunos”. Nesse sentido, compreendemos que este professor, provavelmente, precise de orientações quanto às práticas pedagógicas que ele poderá utilizar para uma melhor aprendizagem. Uma boa aula depende de uma boa metodologia de ensino. Diante da preocupação da maioria dos professores de buscar na formação, apoio para dialogar com mais segurança com os alunos sobre a temática, temos também opinões que divergem da situação proposta, como a desse professor em seu depoimento. Segundo E5,

> “Eu não vejo muito, muita necessidade, sabe, de formação sobre isso porque vejo que o interesse também não é muito grande, é, dos demais. Eu acho assim que é um assunto que tem pessoas que não se envolvem, não querem se envolver com essa... com a sexualidade do outro. É, respeitam, mas tipo assim, não me afeta. Não é todo mundo que tem vontade de... Sabe... Esclarecer mais sobre isso, eu ainda não vejo assim.” (E5, 2019).

No entanto, esse parece não ser o pensamento da maioria que, como vemos

adiante, tem buscado formas de melhorar seu conhecimento para intervir positivamente quando perguntados sobre o assunto.

Lembramos que o professor de ciências tem especialmente um conteúdo através do qual ele pode abordar a educação sexual, ou então no sentido de que os alunos se sentem com maior liberdade de resolver suas dúvidas na disciplina que já apresenta a base do conteúdo que é o corpo humano. Através dele pode-se trabalhar uma infinidade de assuntos pertinentes que tem relação direta com a sexualidade.

O professor E6, por exemplo, relatou que estudou sobre a diversidade sexual na formação continuada e que foi muito importante ter esse conhecimento. Demonstrou satisfação por ter aprendido coisas novas.

> "Eu mesma li ali coisas que eu não sabia e nem imaginava que eu pudesse levar para eles em sala de aula com essa questão da diversidade sexual, né, a questão da violência, é..., a questão do preconceito, do bulliyng, do nome social, do direito que eles tem, até mesmo assim, por achar que, que não temos esses casos." (E6, 2019)

A partir dessa nova visão o E6 nos relatou que passou a preparar aulas para falar sobre isso. Nesse aspecto temos que concordar que a partir de uma boa formação pedagógica o professor passa a ter segurança para preparar boas aulas e ter na sequência bons diálogos esclarecedores com os alunos.

O E9 diz *"nunca trabalhei nenhum conteúdo específico sobre isso*" e complementa sua fala dizendo que *"a gente tem dificuldade de trabalhar esse tipo de tema".*

Observamos esta fala como algo preocupante, e por isso temos que nos posicionar quanto ao fato de que são professores de ciências, formados especificamente nessa área e que por isso, deveriam ter segurança e conhecimento para dialogar franca e eficazmente com os alunos sobre educação sexual no sentido completo de sexo, doenças, consequências e outros fatores. O que a formação inicial não completou, a formação continuada deveria cumprir o seu papel, mas em ambos os casos, há falhas que se refletem na educação de forma geral. Assim, temos pais sem conhecimento específico e professores com ou sem conhecimento e habilidade para tratar esse tema. Como traz a fala do E3 "*a gente vai tentando mostrar caminhos e aí eu te afirmo que eu preciso de apoio sim, profissional mas competente nesse assunto porque é um assunto delicadíssimo."*

Desta forma, a formação continuada ter sido citada tantas vezes, leva a reflexão

de que algo está desconectado.

Ressaltamos mais uma vez a necessidade do professor construir seu conhecimento sobre o tema em seus diversos aspectos e contextos. A segurança epistemológica do professor quanto ao assunto é que possibilita as práticas pedagógicas melhoradas juntamente com seus saberes já constituídos.

Apesar da categoria *Medo* não ter sido expressa por muitas vezes, existe a possibilidade de alguém ter deixado de se manifestar, justamente por medo. O medo expresso na entrevista é o medo dos colegas, medo do que os pais podem pensar quando o assunto for abordado de forma clara na sala de aula, até medo de si mesmo, conforme expresso na fala do E6: "*Eu tenho um pouco..., digamos assim, não sei se é um pouco de receio em relação a alguns pais, não querer que fala abertamente,(...)".*

A categoria *livro didático/material didático* surgiu devido ao uso intenso pelos professores.

O professor E1 não se intimida com a falta de material didático. Para responder a pergunta de uma aluna sobre como era um exame ginecológico, simplesmente *"eu peguei duas cadeiras, aí deitei no chão e mostrei pra eles como era um exame ginecológico."* Ainda, no que se refere ao material, o E1 observa:

> "o livro, na verdade, por exemplo, o que a gente tem usado já foi muito bom, mas ele tá assim, cada vez diminuindo assim, é. É. Tá muito ruinzinho. Mas assim, eu, eu pego outros materiais, a gente trabalha com slides mostrando assim imagens, né. Imagens das doenças sexualmente transmissíveis, né, aquela coisa perebenta, lá." E complementa sua fala: "(...)normalmente, as escolas assim, não dispõe de tanto recurso e material pedagógico." *(* E1, 2019)

A categoria *material didático/ livro didático* nos proporciona a possibilidade de reflexão no sentido de entender o que é material pedagógico e que tipo de material é necessário como apoio para aulas de educação sexual. Filmes, artigos, pesquisas de campo podem render amplas e variadas aulas científicas. A reclamação dos professores quanto a falta de material e sobre a falta do conteúdo no livro não deveria ser empecilho, o que se observa em algumas práticas dos professores.

A categoria *Tranquilidade* talvez não seja o reflexo da fala do E3, por exemplo. Segundo E3 "*eu trabalho numa instituição que é mais tranquila. Então, nós, que eu me lembre...tem vários anos que eu estou aqui, não tivemos ainda esse problema, né."* Esta fala pode nos levar a muitas reflexões, no sentido de compreender o que é tranquilidade e o que é problema para o E3. Em outro aspecto interpretativo temos a tranquilidade descrita no sentido da escola não intervir no trabalho do professor

quando esse tem por característica tratar desse assunto. Isso podemos certificar nas falas de E7 e E8 que, segundo eles, a escola incentiva essa abertura juntamente com parcerias para atividades e palestras.

Educação sexual, provavelmente seja a categoria mais visada dentro dessa análise de conteúdo porque trata especificamente do tema da dissertação. As poucas vezes que a educação sexual é citada pelos entrevistados nos parece querer dizer algo. Talvez o tema ainda não esteja tão em evidência nas escolas? Talvez o termo seja desconhecido dos entrevistados? Que outra expressão eles usam para falar da educação sexual?

Mas ainda nessa categoria encontramos a seguinte definição para educação sexual do E8, que demonstra que tem conhecimento científico a respeito: "*Pra mim, é desde a distinção entre morfologia feminina e masculina, até o papel social e evolutivo do sexo."* Temos aqui um conceito adequado de alguém com boa formação e que conhece seu trabalho.

Sobre a categoria descrita E4 tem sua proposta descrita em sua fala: "*Só que não vamos trabalhar sexo, vamos trabalhar educação sexual duma forma que eles entendam que não é simplesmente sexo por sexo."* Muito pertinente também a relação que o E8 faz do currículo com a educação sexual.

> "Acho... eu acho inclusive que a gente trata dele na fase errada, por que na nossa diretriz curricular a gente trata da educação sexual no oitavo ano, (...)eu acho que ele tem que ser tratado antes até, por que a educação sexual no meu ponto de vista e acredito que não seja só o ato do sexo em si envolve todo o universo de outras coisas. Então trabalhar só ali no oitavo ano não é eficaz."(E8, 2019)

O E7 fala do prazer de trabalhar a educação sexual com seus alunos se referindo a gratificação de estar contribuindo no crescimento deles. Para ele é importantíssimo ser essa ponte entre os alunos e a informação.

Um dos aspectos mais citados na entrevista foi sobre a participação ou não dos pais na orientação de seus filhos. Podemos compreender nas falas, a seguir, que as famílias e a sociedade em geral não assumem esse papel. Parece que o silêncio ainda permite que tragédias aconteçam dentro dos lares. Enquanto isso, espera-se da escola o papel de construir a informação e a formação para a vida. Werebe (1998) diria que as crianças e jovens se sentem à vontade para falar sobre sexo com seus pares, e esses encontros geralmente ocorrem nas escolas, por isso, ser um local oportuno.

A categoria *Família* vai traduzir um pouco o pensamento dos entrevistados quanto a participação desta na educação sexual dos filhos.

O E1 diz que os alunos comentam que *"em casa esses assuntos não são conversados"* e entende que isso acontece *"em parte, talvez porque não sejam preparados, é..., é..., um assunto que não sabe lidar com a situação."* Ainda nesse sentido, *"tem uns menino que fala: credo professora, minha mãe, Deus me livre falar dessas coisas, minha mãe é muito ignorante, ela não fala sobre isso, não."*

Mas quando questionado sobre o fato da escola assumir sozinha esse papel, o E1 responde como pensa: "*É um assunto meio complicado, né. Mas, assim, né... eu acho que tinha que começar mesmo é na família, porque assim, porque assim se a família hoje a gente tá, tá vendo que há muito tempo a família perdeu o seu papel, é..., principal, né? Que é de dar educação pro indivíduo, a formação, os valores e tudo mais."*

Percebemos que o Professor E1 tem uma preocupação com a desigualdade social no que concebe a questão de gênero. Em suas palavras: "*Então assim, né..., você fala a respeito dessa questão de gênero, acho que tem que deixar claro né, porque assim, o mesmo espaço que o heterossexual tem para conviver, o homossexual também tem"*, ele faz uma crítica ao comportamento da sociedade que não aceita as diferenças.

A declaração do E1, "*eu acho que tinha que começar mesmo é na família",* se traduz no que a maioria pensa. Egypto (2012, p. 15) confirma, quando diz que "o papel da família será sempre primordial em relação à educação sexual dos filhos" e que a primeira infância é prioridade, mas que se a escola não participar pode deixar muitas lacunas na formação.

Nota-se que os professores gostariam do apoio dos pais em fazer o papel que na verdade seria deles para com os filhos. Nesse sentido E9 faz um desabafo.

"A escola sozinha não consegue, tem que ter o apoio dos pais. Os pais tem que ser, com certeza, o primeiro incentivador em relação a esse assunto. A sociedade também, porque são os nossos jovens que estão ficando grávidas cedo, adquirindo doenças(...). (E9, 2019)

Ainda no papel da família de educar, orientar, informar, muitos professores concordam que ela não está preparada e até, não se preocupa com isso.

De acordo com E1, sobre ensinar sexualidade na escola, ele diz que "*a escola faz o papel dela e ela faz até demais porque faz um papel que não é dela, né?"* Ainda

no que diz respeito a esta questão, o E1 afirma que "*em relação a todas as escolas que trabalhei, por exemplo, no fundamental, é..., nenhuma delas não teve nenhum problema."* Na perspectiva de Figueiró (2009),

> é imprescindível analisar com alunos e alunas as atribuições de gênero e sexualidades dominantes e excludentes, e nomear os sentimentos e os desejos de todos e todas, para que possam ser discutidos e debatidos no ambiente escolar.

Dadas as considerações sobre a família e seu papel como educadores, e considerando que a mesma tem dificuldades de executar sua função, cabe a escola contribuir, já que, conforme relatos dos próprios entrevistados, outros setores da sociedade como igrejas e grupos variados não se preocupam em orientar definitivamente os seus perante as consequências da desinformação na vida das pessoas, principalmente jovens e crianças. Na categoria *Escola* vamos registrar algumas preocupações como do E2 que faz menção às dificuldades que os próprios alunos encontram de conversar abertamente com seus pais sobre suas dúvidas e sobre suas preocupações em relação aos adolescentes, fato esse comum entre os professores, a preocupação que eles tenham acesso a informações corretas para evitar cair em "armadilhas". Questionado sobre a importância de tratar esse tema na escola, E2 diz o seguinte:

> "Falam. Muitas vezes em casa eles não tem apoio nenhum. As meninas, mais as meninas vem conversar, mas durante a conversa os meninos entram também. Que em casa não pode conversa com o pai ou a mãe, é proibido, na igreja muito menos. Então eles conversam nas rodinhas de amigos e na escola que eles tem uma abertura com o professor, ou quando chega o conteúdo ou quando o professor dá uma abertura. Então, eu acho de extrema importância de trabalhar assim na escola porque a gente, aqui na escola tem alguns casos que a gente percebe que é muito importante. Eles estão sofrendo algum tipo de violência em casa, ou com o namoradinho, geralmente não é pai e mãe, mora com uma outra família. Já tivemos muito casos de abuso, e que o único refúgio que eles tem é na escola."(E2, 2019)

Na sequência dessa ideia, E6 aprova que a escola deva participar ativamente do processo de formação da sexualidade através da educação sexual contribuindo com as informações e orientações possíveis, conforme indica seu relato:

> "É bom. A escola pode e deve fazer esse papel com relação a tudo isso que eles podem sofrer no futuro: o preconceito, a violência com relação ao gênero, o conhecimento de doenças, de gravidez. É um papel muito importante pra escola, melhor ainda se a escola pudesse ter todo o material pra isso, mostra pra eles o corpo. Eu acho que até a família poderia participar, saber que a família ta ali participando, apoiando, saber que a família muitas vezes não tem o conhecimento,

> então como ela vai ensinar algo pros filhos se ela não aprendeu isso, se ela não sabe."(E6, 2019)

Portanto, sendo a escola um local de conhecimento, pode-se considerá-la um local extremamente apropriado para a construção do respeito às diferenças. Trata-se aqui inclusive das diferenças de conhecimento que a escola tem a mais que a família. Mas deixemos claro que o desconhecimento científico dos pais não impede de dar uma boa educação para os filhos. E que, definitivamente, educar é papel fundamental dos pais. Diante disso, lembramos que a categoria *Parceria* surgiu da iniciativa dos entrevistados de que a escola tem que ser parceira da família e vice versa. A escola pode ser a continuidade da educação da família e não, a única referência nesse sentido. O que nos preocupa é que foi citado várias vezes pelos entrevistados que compreendem a escola como seu "refúgio". Devemos refletir quando ele encontra nesse "único refúgio" professores doentes, cansados, sem qualificação, com escolas sem estrutura adequada e com material didático incompatível ou indisponível... Outros chegam com problemas familiares impossíveis de resolver... Como motivar esses sujeitos a estudar?

Juntamente com a categoria *Curiosidade,* surgem algumas inquietações. Talvez sejam apenas nossas, mas percebemos nos relatos que a preocupação dos entrevistados é com as dúvidas e/ou curiosidades. Fica muito clara a preocupação em responder as dúvidas dos alunos, seja de que forma for, pelo conhecimento informal ou pelo conhecimento científico, formal. Planejamentos específicos sobre temas relacionados a sexualidade raramente foram abordados. Na fala do E2 "*principalmente no oitavo ano que é corpo humano é muita coisa que eles querem saber."* Ou então se referem a assuntos que estão na mídia e por curiosodade, abordam em sala de aula. O professor, nesses casos, precisa saber organizar uma aula, um debate, dentro de um planejamento condizente com o currículo.

A categoria *Projetos e palestras* faz referência as escolas que, preocupadas com algumas situações, especialmente violência, bulliyng e outras, desenvolveram projetos de ação através dos quais abordam temas específicos e organizam palestras com o que consideram "pessoas qualificadas". Pensamos que tudo o que vem para contribuir no esclarecimento e na formação humana dos nossos educandos deve ser considerado mas precisa ser avaliado.

O fato da *Gravidez* estar como categoria já acende um alerta. Não importa quantas vezes o assunto foi citado formalmente, mas sabe-se que a gravidez na

adolescência é um fato que não deixa de preocupar nossos educadores. Nas conversas informais há uma relação das escolas periféricas com a gravidez precoce.

A categoria *Gênero* nos reflete ainda a distância dos professores com o tema. O fato é que uma das bases do nosso trabalho foi pouquíssimas vezes referenciado. Quando perguntados se trabalhavam conteúdo específico sobre gênero, a maioria citou o livro didático como o responsável por não trazer esse assunto, como na resposta do E2: *"Não. O livro didático, em relação a isso não traz nada, não traz praticamente nada."* Mas complementa dizendo que não deixa de abordar o tema e que procura em sites. Ainda sobre essa categoria E7 confirma: *"Então, sobre gênero eu nunca trabalhei, específico ali, mas a gente sempre tenta, porque a qui na escola a gente observa não tem muito, por incrível que pareça, a gente não percebe muito essa questão do preconceito, do bulliyng em relação a isso, entendeu?"* Contudo, o E8 demonstra ter profundo conhecimento de educação sexual e todas as suas peculiaridades. Em sua fala disse que faz algum tempo que acrescenta o termo "trans" quando trabalha o conteúdo, até porque já teve e tem alunos trans na sala de aula. Disse que já preparou palestras sobre relacionamento abusivo e masculinidade tóxica e completou *"se a gente quer uma sociedade diferente onde que os gêneros são respeitados, as escolhas sexuais, as predestinações sexuais também a gente não pode continuar trabalhando só homem e mulher, que não tem só homem e mulher, né. Tem o sexo biológico e tem o gênero, então sim, eu trabalho isso." (E8, 2019)*

O *Preconceito* está como categoria porque muitas vezes tem sido citado "entrelinhas", como no caso do entrevistado que se diz que na sua idade não é fácil tratar sobre isso. Ou em outros momentos em que talvez, para se eximir de abordar os temas se utiliza do subterfúgio de que "na minha escola não tem esses problemas".

Fica aqui nossa reflexão...

A categoria *Abuso Sexual* não poderia deixar de ser citada aqui. Apesar de pouca referência, normalmente até por desconhecimento ou descuido da escola com esse tema que, na atualidade, é um dos casos mais sensíveis às famílias. É muito difícil haver famílias que não tenham sido vítimas, principalmente crianças. Mas os professores vem despertando para esse crime e tentando descobrir formas de proteger as crianças. Prestemos atenção em parte do relato do E7 quanto a esse tema: "*Agora o abuso é demais, se serve pra você. O abuso sexual de nossas aluninhas, aluninhos, eu tive assim de chocar*." As expressões aluninhas e aluninhos são carinhosamente dirigidas aos alunos de anos finais do ensino fundamental onde

E7 atua. Os professores precisam aprender a identificar quando os alunos(as) estão sendo vítimas de abuso, violência sexual. Assim, poderão orientar de forma adequada e com certa segurança nas ações para conter esse crime e ajuda-los a se proteger.

"A idealização que fazemos do grupo familiar não se limita a composição sexual e afetiva, mas se estende à condição de vida." (LINS, MACHADO E ESCOURA, 2016, p. 87). Sabemos que não existe o ideal de família e que muitas vezes, é dentro de casa que as crianças e adolescentes estão mais propensos à violência e, nesse sentido, fortalece ainda mais a necessidade de orientação nas escolas. A violência silenciosa e fatal com a qual muitos convivem dentro de suas casas ainda é bastante desconhecida na escola.

O fator *Ciências* como categoria deve-se ao fato de sua citação no decorrer das entrevistas. Quando questionados se outros professores atuam conjuntamente em aulas, palestras, trabalhos que abordem a educação sexual, a maioria admitiu que apenas os professores de ciências atuam diretamente sobre esse assunto. E ainda assim, há os que prefiram se abster, já que o "livro didático" não menciona o tema. Dentre os entrevistados apenas um concluiu que na escola que atua há trabalho interdisciplinar, já o E9 confirma o que outros já disseram: "*Fica somente pro professor de ciências, eu não vejo interação nenhuma e muito menos interesse de outras áreas participando junto. A gente tem sim essa barreira de áreas separadas."* Identificando essa postura dos professores podemos imaginar que fica difícil somente o professor de ciências abordar temas tão complexos, os quais, por exemplo, renderiam boas pesquisas de campo, peças teatrais e produções de texto em várias disciplinas. Tem professor achando que é um assunto tão importante que *"deveria ser uma disciplina inclusa.*"(E5, 2019)

Observamos uma grande preocupação por parte dos entrevistados em terem conhecimentos sobre a exploração e o abuso sexual, pois sentem no convívio diário com os seus alunos a presença, mesmo que silenciosamente, da existência dessa violência. Demonstram a preocupação de não saber como agir em determinadas situações e, portanto, a necessidade de se implantar nas Unidades Escolares programas de formação continuada em Educação Sexual que esclareçam os professores, os dispem de seus preconceitos sociais e religiosos para que possam conduzir de maneira eficaz a socialização de todos.

Conflitos – penúltima categoria de nossa análise. Os conflitos são considerados normais nas famílias, nas escolas, em todos os grupos sociais. O confito de ideias é

natural e muito produtivo, mas alguns conflitos surgem em sala de aula e os professores não conseguem resolvê-los. O professor precisa adquirir o dom de mediar conflitos de diversas origens, evitando que polêmicas e provocações desnecessárias. Quanto mais esclarecidos estiverem os alunos, provavelmente menos conflitos existirão. Foram citados alguns conflitos entre alunos e professores, entre próprios professores envolvendo preconceitos de diversos tipos.

O E1 relatou que numa de suas intervenções em sala de aula, sugeriu que meninas de doze, treze, catorze anos não deveriam engravidar. Nesse momento, duas saíram correndo da sala e bateram à porta. Foi quando soube que as duas, com doze anos, estavam grávidas. O professor E1 disse que costumava conversar com eles sobre as consequências de fazer sexo sem cuidado. Segundo ele, foi bem difícil contornar a situação.

“A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.” Antônio Nóvoa (1997, p.25).

Algumas falas dos professores sugerem que há colegas desinteressados por esse assunto, que se limitam a “dar sua aula” evitando parcerias e projetos conjuntos. Neste caso, havendo mesmo o desinteresse, ele pode ser motivado por vários aspectos, dentre esses, os preconceitos e tabus sobre sexualidade aos quais foram expostos durante sua vida pessoal, a religiosidade... Neste caso, o diálogo entre os pares, a prática da formação continuada, as reflexões podem amenizar a situação.

É através do currículo que temos a oportunidade de construir o caminho da formação de nossos estudantes. Inserir no currículo a formação continuada, inserir a proposta da educação sexual, e depois tentar executá-lo conforme planejado.

Ainda sobre Currículo temos que,

> “Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender

> o papel do Estado e das políticas públicas (campanhas de vacinação, programas de atendimento à saúde da família e da comunidade, investimento em pesquisa, campanhas de esclarecimento sobre doenças e vetores, entre outros) no desenvolvimento de condições propícias à saúde."(BNCC, E.F., p. 325)

Vamos finalizar nossa análise com uma das "palavras-chave" que, neste contexto se restringe a educação, mas deveria perpassar por diversos meios e ser considerada primordial no planejamento de um país, de uma nação. Essa palavra é a categoria *Políticas públicas.* Dada a importância dela e os efeitos positivos ou negativos que podem surgir a partir de políticas públicas mal planejadas, mal elaboradas e, constantemente criadas e conduzidas por políticos que não entendem da realidade posta, dos fatores envolvidos tem produzido muitos efeitos nocivos e negativos no sistema educacional brasileiro. Apenas um professor se manifestou cobrando nesse sentido. Tem-se como meta na política brasileira, buscar soluções a curto prazo e após a ocorrência dos problemas. São políticas que não geram resultados porque a cada governo mudam-se as regras do jogo. O ideal seria que existisse uma política de Estado definida para a educação e que fosse preservada durante as trocas de governo. Parece que ainda não temos maturidade para construir políticas eficazes que preservem a melhor educação e que se mantenha no decorrer da história oferecendo e construindo um povo mais culto, desenvolvido e com melhor justiça social.

De certa forma, temos observado que existem pontos comuns importantes entre os entrevistados. É que mesmo não tendo a formação ideal tem encontrado, cada um a sua maneira, meios de resolver as situações e conflitos do dia a dia. Poucas divergências permeiam as respostas dos entrevistados, sendo que a maioria converge ao bem comum, que são os estudantes. Falta conteúdo, falta formação, mas nunca falta ao professor a sensibilidade de tentar fazer o melhor que sabe para seus alunos, Talvez seja esse o ponto principal que faz dessa profissão algo tão contagiante.

Vitielo (1994), nos diz que:

> educar, embora possa passar por informar, por orientar e por aconselhar, é a mais do que soma dessas partes isoladas (...) significa "formar", (...) na acepção de que educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. (VITIELO, 1994, p. 203).

Da mesma forma, investir no acesso do aluno a uma educação sexual de qualidade, permeada pelo respeito, pelos conceitos e valores pertinentes a formação de um ser humano capaz de se conhecer, vencer seus medos, viver suas sensações e construir relacionamentos sólidos que permitam um comportamento saudável e respeitoso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ainda haja muito a ser feito para compreender a diversidade e a sexualidade em todos os aspectos, nossa pesquisa apresenta elementos que indicam que apesar de alguma dificuldade de abordagem sobre educação sexual, o assunto não passa despercebido entre os professores pesquisados. Um tema sensível, de entendimentos diversos e até equivocados no que tange a compreensão a partir do senso comum, mas com um ponto convergente extremamente necessário no contexto educacional: há práticas pedagógicas relacionadas ao tema. Ainda conforme os dados, também podemos concluir que através da literatura científica e reflexões na formação continuada muitos medos e mitos podem ser desfeitos.

Orientações sexuais diversas, identidade de gênero, abuso sexual, gravidez na adolescência, bullying e outros assuntos, em meio a tantas dúvidas nesse terreno, os professores tentam orientar os alunos em suas demandas. Para além das dificuldades apresentadas, soma-se a isso os tempos de retrocessos significativos e preocupantes, especialmente quando a informação está baseada em senso comum ou em crenças místicas e religiosas, entre outras formas equivocadas de se pensar, e não em cientificidade.

Para que este trabalho resulte numa reflexão aos e com os docentes, faz-se necessário que os pre-conceitos sejam revistos e o pensamento destes profissionais busquem uma flexibilidade e quem sabe assim, uma abertura a novas aprendizagens. Essa possibilidade a nosso ver só será possível quando houver a compreensão para além das teorias, pois ao se tratar de sexualidade, estamos abordando um tema que envolve pessoas, especialmente nas escolas, adolescentes sedentos de curiosidade.

Pimenta reforça a ideia da importância do professor:

> Tenho investido na formação de professores, entendendo que na sociedade contemporânea cada vez mais se torna necessário o seu trabalho enquanto mediação nos processos constitutivos da cidadania dos alunos, para o que concorre a superação do fracasso e das desigualdades escolares. (PIMENTA, 2012, p. 15)

Entendemos que a escola tem responsabilidade pela re-produção das desigualdades, preconceitos sexuais e de gênero, entre tantas outros conceitos e

preconceitos – não há como negar que isso ocorre nas relações escolares. No entanto, por ser justamente um ambiente escolar, essa reprodução viciada e equivocada deve ser amplamente, estrategicamente, pedagogicamente e cientificamente combatida sem dar trégua, e assim, quem sabe, alcançar as ressignificações necessárias para mudanças profundas, não só imediatistas, mas modificando costumes, culturas, valores e lugares cujo modelos têm sido altamente tóxicos para a tão sonhada tolerância e justiça social. É a escola esse lugar de repensar a sociedade.

Nesse sentido, os professores, como pessoas dotadas ou em constante busca desse conhecimento tem o compromisso de conduzir o processo de construção de novos discursos inclusivos, novas práticas pedagógicas no sentido de que a sexualidade faz parte da pessoa e deve ser compreendida como algo comum a todas as pessoas, e assim, trazer essa sexualidade e as diferentes formas e possibilidades de amar como algo natural, o que significa portanto, que todos tem direito a ter o direito de viver como melhor lhe aprouver sua sexualidade plenamente.

Se não prestarmos atenção a essas questões, corremos o risco enquanto sociedade, da não orientação adequada sobre a sexualidade da população como a proteção, por exemplo, e assim aumentar não só a falta de exercer cidadania plena, mas, neste caso específico, perder o direito de ter as intimidades e orientações sexuais preservadas, correndo riscos e vulnerabilidades desnecessários, não só de gravidez não planejada, doenças sexualmente transmissíveis, etc, mas toda forma de violência, seja física, seja emocional-psíquica, ou social no sentido de exclusão e retiradas de direitos civis.

Atendendo esses desafios, em especial dos projetos políticos pedagógicos, temos a sensação que eles ainda não são considerados os condutores do processo de ensino e aprendizagem como está previsto. Observamos através da análise, que alguns PPPs estavam desatualizados, desalinhados com a proposta pedagógica, com falta de orientações importantes. Compreender que o projeto político pedagógico é a linha estrutural de uma escola, o seu referencial teórico-metodológico e mantê-lo com o currículo apropriado é de responsabilidade de todos. Nas palavras de Vasconcelos (2009, p. 172), “o projeto é justamente o *Méthodos* que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, sistematizada, orgânica, científica e, o que é essencial, participativa.”

Continuando nossas reflexões observamos que a análise dos dados

apresentados através da entrevista semiestruturada nos possibilitou concluir que diante do nosso problema de pesquisa em descobrir quais são as percepções dos professores sobre a abordagem da educação sexual nas práticas pedagógicas do ensino de ciências dos anos finais do ensino fundamental em Campo Novo do Parecis, algumas categorias chamam a atenção pela sua recorrência nas observações dos professores. São elas: formação continuada, orientação, parceria, livro didático, escola, entre outras. Fato esse que nos faz reconhecer e refletir sobre certos aspectos da nossa comunidade escolar.

O fato dos entrevistados terem certa dificuldade em responder as questões ligadas a gênero demonstra talvez a fragilidade do processo de formação profissional, continuada e de busca de informações para melhor conduzir a aprendizagem dos alunos. Falar e ensinar educação sexual restringindo ao conhecimento de senso comum é simples mas ao mesmo tempo pode ser perigoso por trazer conceitos pessoais, religiosos, entre outros. Ao mesmo tempo é preciso compreender que devemos como profissionais da educação nos sustentar na ciência, nos fatos, nas pesquisas, nos relatórios e dados científicos.

O que o aluno precisa é de informações e conhecimentos seguros, esclarecedores obtidos de fontes idôneas que o levem a refletir sobre sua conduta, seu modo de ser e, o mais importante, se defender do que conhece e do que ainda não conhece.

Dentre as dificuldades apontadas pelos docentes entrevistados está a falta parceiros na escola para o trabalho com essa temática. Aqui também, a formação continuada pode ajudar a unir a equipe no sentido de receber a formação necessária para abordar a educação sexual em todos os seus aspectos. Conforme resultados observamos que parece que gênero e diversidade não foram contemplados na formação continuada. Apenas um professor declarou que em sua escola esses temas já haviam sido discutidos e que, inclusive melhorou sua prática pedagógica depois disso. Quanto ao livro didático, observamos que muitos se prendem a ele no sentido de que, como ele não traz esse tema especificamente, não se trabalha. Já alguns entrevistados demonstraram que buscam informações para debater em sala de aula. O fato é que ainda há um entendimento de que é apenas orientação, responder perguntas, tirar dúvidas dos alunos, resultado esse que não evidencia a escola suficientemente como uma das principais fontes seguras de informação e formação humanizada do indivíduo individual e socialmente. A consistência de um

planejamento, de uma aula organizada, reflexiva precisa ser urgentemente aprimorada.

Queremos que nossos colegas professores não vejam isso como uma crítica, mas como um eco de seus prováveis gritos de socorro muitas vezes num silêncio profundo por pensarem que estão sozinhos. É preciso falar, trocar as experiências e angústias, buscar soluções se possível em conjunto. Por outro lado, nossos alunos precisam igualmente ser ouvidos, pois percebemos em nossos anos de prática bem como nas falas de nossos entrevistados, que eles também buscam respostas as suas dúvidas, e muitas vezes, também pensam estar sozinhos em suas questões. Nós podemos dar voz e oportunizar que esses gritos silenciosos ecoem e encontrem abrigo e acolhimento. Temos que nos organizar e nos preparar para eles. Talvez pela ausência desse ouvir, cause em muitos uma sensação de não fazer sentido ir à escola uma vez que não terá acesso a receber conhecimentos específicos e importantes sobre um tema tão sério e delicado, podendo inclusive ser um elemento importante na escolha entre viver ou cometer suicídio, como temos observado tal fato um aumento significativo nos últimos tempos.

Queremos aproveitar esse espaço para refletir um pouco sobre as políticas públicas direcionadas à Educação, nesse caso, as políticas de inclusão ou a falta delas. Criticar de maneira enfática como a educação vem sendo tratada pelos órgãos públicos não é difícil, pois temos visto um descaso infinito nesse sentido. Entre avanços e retrocessos criam-se leis e desfazem-se projetos de maneira que a educação não consegue avançar numa proposta sequencial, de projeto de Estado que a dirija ao posto mais respeitado de um país decente.

Quando se desenham políticas públicas em nosso contexto educacional e social, de maneira geral, geralmente são para amenizar problemas já existentes. As leis são sempre atrasadas e não resolvem os problemas porque ainda são mal executadas. A nova BNCC (2017) evidencia esse descaso no tocante a educação sexual, com a mínima referência sobre o tema, como se realmente fosse insignificante.

Dos governos, em todas as esferas, responsáveis diretos pela diminuição das injustiças sociais espera-se que, urgentemente rompam seus silêncios e sua ineficiência e contribuam para melhorar a vida de todos, pois escola, professores, segmentos sociais isolados não tem a força necessária para tornar a educação um pouco mais acessível e mais justa. O fato é que crianças, adolescentes, jovens e até adultos ainda veem na escola a única forma de encontrar apoio, conhecimento,

solidariedade, afeto, e porque não dizer, alimentação.

Em uma pesquisa básica e aleatória em qualquer site informativo nas redes sociais, ou mesmo nas informações cotidianas televisivas, percebemos atônitos enquanto cidadãos que o país está cheio de violência sexual contra crianças e adolescentes, de violência contra LGBT, de violência contra a mulher, com estatísticas aumentando a cada mês sobre os feminicídios, violências em todas as classes sociais e estados, cidades grandes ou pequenas.

O que impede que reformulemos os projetos político pedagógicos? Que tenhamos a formação continuada? Que busquemos os conhecimentos necessários para atuarmos interdisciplinarmente? Que planejemos aulas atraentes e esclarecedoras? Que mostremos aos pais a responsabilidade que lhes cabe no processo da educação? Será que a educação sexual da forma como está sendo ensinada contribui para que o estudante possa se conhecer melhor e identificar possíveis situações de risco? Quais são os obstáculos que limitam os professores? Obstáculos pessoais, religiosos, culturais, desconhecimento do assunto? Será que essa política da "informação" é suficiente e supre o que os alunos procuram? São sobre questões como essas que devemos refletir.

Nossa pesquisa buscou justamente refletir sobre o que está posto.

A sociedade é sempre reflexo do que somos e do que fazemos. Ter atitude ou não ter, acreditamos que pode fazer toda a diferença.

Isso posto, podemos compreender que a Educação Sexual na escola precisa ir muito além do que informar, ensinar. Mais importante que isso é discutir valores, condutas éticas, responsabilidades pessoais e sociais, respeito ao gênero e a sexualidade do outro, respeitar enfim a diversidade e o jeito de ser de cada um. Pois como já escreveu Caetano Veloso, "cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é".

A pedofilia, a homofobia, o feminicídio, o abuso sexual não tem preferência de nível intelectual, social, portanto, nenhuma escola localizada em bairros privilegiados pode se eximir de discutir este assunto. Toda criança e adolescente tem que saber reconhecer atos de violência para se autoproteger. Também acreditamos que a escola se esquivar de discutir assuntos relacionados à diversidade, ao gênero e outros temas considerados polêmicos, é igualmente equivocado, uma vez que já faz parte do cotidiano social. Deixar de abordar pode incorrer em informações não confiáveis, preconceituosas ou até, completamente tendenciosas.

Miskolci (2017) expõe que "uma escola que não discute sexualidade e gênero

em uma perspectiva de respeito às diferenças e promoção dos direitos humanos pode se tornar um espaço de medo, da discriminação e da violência.”

Aos professores, cabe buscar e/ou receber formação para dirigir e orientar as discussões, as quais são possíveis em diversas disciplinas do currículo escolar. Precisamos de professores protagonistas diante de nossos alunos, que tenham um conhecimento comprometido com a ciência, constituindo-se como grandes colaboradores na formação de pessoas.

Enfim, apesar dos diferentes motivos aqui representados no que tange as dificuldades do trabalhar a educação sexual nas escolas atualmente, acreditamos ser possível reverter esse quadro se houver uma grande parceria entre os profissionais da coordenação, dos dirigentes educacionais e professores. Para tanto, é importante que haja diálogo, reflexão na formação continuada para promover o crescimento do professor melhorando suas intervenções educativas. Cabe lembrar que a educação sexual deveria ser tratada de forma contínua e interdisciplinar, de modo a acompanhar todas as etapas do desenvolvimento humano, atrelada a uma parceria com a família que é, ou pelo menos deveria ser, a maior interessada.

Ações educativas resultantes de uma educação sexual reflexiva pode ter o poder de repercutir nas atitudes e comportamentos responsáveis sem comprometer o bem estar de crianças, adolescentes e jovens.

Para nós, além de esclarecedora, essa pesquisa foi igualmente formativa, não só como professora, mas como pessoa. Ter acesso a teoria mais aprofundada, até então também desconhecida, nos deu a clareza de que, para além de um título de mestre em Ensino, o que nos acrescenta também é a noção da responsabilidade social e profissional, seja na sala de aula, na escola ou em contribuir nas formações continuadas para que os gritos possam ecoar e as ações somadas possam quebrar essa cultura da intolerância.

Como diz Paulo Freire,

> O fato de me perceber no mundo , com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto* , mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p. 54)

Enfim, enquanto mulher, cidadã, mãe, filha, mas também como professora, não vejo outra possibilidade senão a de, para além de refletir sobre esse quadro atual, pensar em estratégias pedagógicas de resistência quanto a isso, mas assumir responsabilidades a partir de ações efetivas na tentativa de mudar essa cultura da tolerância a violência. Afinal, penso como Freire, no sentido de fazer parte do mundo e lutar como sujeito da História. Para isso, acredito que a sala de aula, ou ambiente escolar é um lugar propício para promover essa reflexão crítica e de mudanças para uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar, . Rio de Janeiro, 3ª edição, Editora: Paz e Terra, 1995. Editora Paz e Terra. Disponível em: http://www.verlaine.pro.br/txt/pp5/adorno-educacao.pdf>. Acesso em 15 de jan. De 2019

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. Ed.. São Paulo: Cortez, 2011.

ALTMAN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641> Acesso em 23 de jul de 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: edições 70, 2016.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em 07 de set. de 2018.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação** - PNE/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2001. PNE 2001 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf> Acesso em 11 de fev. de 2019.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação** - PNE/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, PNE 2011 a 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7116-pl-pne-2011-020&Itemid=30192> Acesso em 12 de fev. de 2019

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Pluralidade Cultural: Orientação Sexual. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental. 3ª edição, Brasília, 2001.

BRASIL. **Relatório Nacional : pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem -TALIS 2018.** – Brasília, INEP/MEC, 2019 Disponível em http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/resultados/2018/relatorio_nacional_talis2018.pdf > Acesso em 10 e ago. de 2019.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em 28 de jul de 2019.

BUTLER, Judith P.. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 15ª ed. Tradução de Renato Aguiar, -15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAMPO NOVO DO PARECIS. **Plano Municipal de Educação:** 2015 a 2024. Campo Novo do Parecis: Prefeitura Municipal de Campo Novo do Parecis, 2015.

Declaração Mundial sobre Educação para todos (Tailândia, 1990). Disponível em

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990> Acesso em 10 de ago de 2019.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir,** relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. França, 1996. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por > Acesso em 10 de ago de 2019.

EGYPTO, Antonio Carlos. **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante, (org). 2. Ed.. São Paulo: Cortez, 2012.

FALAFREUD.COM. Identidade de Gênero e Identificação Sexual. Disponível em: <https://www.falafreud.com/blog/terapia/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>. Acesso em: 13 de dez. de 2019.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação sexual**: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. Semina**:** Ci. Sociais/Humanas, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/download/9475/8267>. Acesso em 16 de jan. de 2019.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação sexual:** como ensinar no espaço da escola. Revista Linhas, v. 1. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323. pdf>. Acesso em 09 de mar. De 2020.

FIGUEIRÓ, M.N.D.(org) **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. 190p. Disponível em: <http://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf>. Acesso em 15 de jan de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido***,* São Paulo: Paz e Terra. 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1:** a vontade de saber. 7ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça**: o trato pedagógico da diversidade. Apud: CAVALLEIRO, Eliane (org.) **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola**.** São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 83-96

IPEA – **MORTALIDADE DE MULHERES POR AGRESSÕES NO BRASIL: PERFIL E ESTIMATIVAS CORRIGIDAS (2011-2013),** Brasília, fevereiro de 2016.

Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?

option=com_content&view=article&id=27250&catid=390&Itemid=406>. Acesso em 24 de fev de 2019

KENSKI, V.M.. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Editora Papirus, 2014.

LEI FEDERAL 9394/96 - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** – LDB. Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996.

LEI FEDERAL 8.069/90 - **Estatuto da Criança e Adolescente**. Diário Oficial da União de 16 de julho de 1990.

LEI Nº 10.111, DE 06 DE JUNHO DE 2014. **Plano Estadual de Educação** <http://www2.seduc.mt.gov.br/documents/8501214/0/06.06.14+Lei+1011+Revis%C3%A3o+e+altera%C3%A7%C3%A3o+do+Plano+estadual+de+Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf/23001a76-bf97-de68-c321-6ecbb134ac1d>. Acesso em 12 de fev. de 2019

LEI FEDERAL 11.340/2006 **- Lei Maria da Penha -** 07/08/2006 . Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em 10 de ago. de 2019.

LEI FEDERAL 13.104 DE 9 DE MARÇO DE 2015 - inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm> Acesso em 10 de ago de 2019.

LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko. (orgs) **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 3ªed., 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?**: novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São paulo: Cortez, 2011.

LINS, MACHADO E ESCOURA. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. 1ª ed. São Paulo. Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade (org). Tradução Tomaz Tadeu da Silva, 4. Ed.. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 3 rev. Ampliada, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes **- Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade** Form. Doc., Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.Disponível em http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br> Acesso em 10 de ago de 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Ferreira Suely; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. – 14ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

MATO GROSSO. **Secretaria de Estado de Educação**. Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais. Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3ª ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: _____. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.

NOVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Texto publicado em NÓVOA, António, coord. - "Os professores e a sua formação". Lisboa : Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33 Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

O plano municipal de educação. Caderno de orientações, 2014 http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_pme_caderno_de_orientacoes.pdf acesso em 12 de fev. de 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores: identidade e saberes da docência.** In: Saberes pedagógicos e atividade docente/ Selma Garrido Pimenta (org.) – 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MEC (2008) Plano Nacional de Políticas para as mulheres. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_politicamulheres.pdf> Acesso em 12 de fev. de 2019.

OAB. **O Guia do Professor** – programa de prevenção do bullying e do Ciberbullying, São Paulo. **1ª Edição, outubro 2016.** Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/Livreto_Guia_do_professor.pdf>. Acesso em 20 de fev. de 2019

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro São Paulo: n-1, 2014. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/preciado-paul-b-manifesto-contrassexual.pdf>. Acesso em 22 de jul de 2019.

Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015. Disponível em: (http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487) Acesso em 20/02

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa.** Tradução: Daisy Vaz de Moraes; Revisão técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Júlio. – 5ª ed. – Porto Alegre: Penso, 2013.

SCHÖN, Donald. **Formar professores como profissionais reflexivos**. Apud.: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 77-92. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/keitelima16/formarprofessorescomoprofissionaisreflexivosdonaldschonp>. Acesso em 03 de mar. de 2019

SCOTT, Joan. **Os usos e abusos do gênero**.Tradução Ana Carolina E. C. Soares. *Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, Dez. 2012*

TORNQUIST, Carmen Susana [et al]. **Leituras de resistência: corpo, violência e poder**. Florianópolis :Ed. Mulheres, 2009.

UNESCO. **Razões em favor da educação em sexualidade.** Volume I, Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade. Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf>. Acesso em 10 de jul. de 2018.

UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. Disponível em <https://brazil.unfpa.org/pt-br>. Acesso em 09 de março de 2020.

VASCONCELOS, Celso do Santos. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo, Libertad editora, 19 ed., 2009.

VASCONCELOS, Celso do Santos. **Currículo:** a atividade humana como princípio educativo. São Paulo, Libertad editora, 2009.

VITIELO, Nelson. **Reprodução e sexualidade**: um manual para educadores. 1. Ed. Ceich, São Paulo, 1994.

VIEIRA, José J; RAMALHO, C.C.; VIEIRA, Andreia L. C. **A origem do plano nacional de educação e como ele abordou as questões de gênero** publicado em **RPGE**– Revista on line de Política e Gestão Educacional, v.21, n.1, p.64-80, 2017 <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9746> Acesso em 19 de jan. de 2019.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: SP. Autores associados, 1998.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: O corpo educado: pedagpgoias da sexualidade; Org: Guacira Lopes Louro; Tradução Tomas Tadeu da Silva, 4ª ed. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2018.

ZEICHNER. Kenneth. **A Fomação Reflexiva de Professores**: Ideias e Práticas. Editora Educa, Lisboa, 1993. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3704>. Acesso em 18 de fev. de 2019.

ANEXOS

ANEXO I
Carta de Solicitação

REQUERIMENTO / SOLICITAÇÃO

À Direção da Escola .....

Ilmo(a) Senhor(a) .....

Eu, Rosani Nonenmacher, mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Senso* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT C*ampus* Deputado Estadual Renê Barbour - Barra do Bugres, sou a responsável pelo projeto intitulado "Orientação sexual: desafios atuais e práticas pedagógicas nas séries finais do ensino fundamental", o qual será desenvolvido nas escolas públicas de ensino que atendem o Ensino Fundamental III, no município de Campo Novo do Parecis. A presente pesquisa conta com a orientação da Professora Drª. Isabela Augusta Andrade Souza, docente do PPGECM.

Venho respeitosamente solicitar autorização para realizá-la no âmbito desta unidade escolar, especificamente com professor (a) de ciências. Além disso, faz parte da mesma uma análise sobre o ensino dos Temas Transversais dentro do Projeto Político Pedagógico, caso possa ser gentilmente cedido. Assim como na entrevista o nome da escola não será divulgado.

Certa de que a solicitação será atendida, fique com meus votos de estima e consideração.

Campo Novo do Parecis, ... de 2019.

_____

Rosani Nonenmacher

ANEXO II
Entrevista Semiestruturada

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevistado não identificado.

Formação acadêmica: Graduação _____

Pós graduação _____

Tempo de serviço na área da educação ou não (concursado ou contratado):_____

Quais as disciplinas que ministra (ou), em quais escolas e quais séries escolares?

_____

_____

Questões:

1- O que você compreende enquanto conceito do que vem a ser educação sexual.

2- Você enquanto professora(a), consegue ministrar assuntos relacionados à sexualidade em sala de aula? Poderia explicar como isso acontece?

3- Você se considera preparado(a) para ensinar sobre esse tema em sala de aula? Quais seriam as razões de seu preparo ou despreparo?

4- Você em algum momento sentiu (ou sente) dificuldades para ministrar esse conteúdo em sala de aula? Esses motivos são de ordem profissional, pessoal, institucional, enfim, quais seriam as causas das dificuldades para ensinar sobre sexualidade?

5- Esse tema, na sua opinião, é relevante para ser tratado em sala de aula, ou deveria acontecer em outros lugares para além da escola? Por favor, justifique.

6- Em suas aulas, os alunos se mostram interessados nesse tema e trazem dúvidas a respeito de outros assuntos e conceitos para além do que você havia preparado? Qual é a sua atitude diante dessa situação?

7- Há interesse da escola ou dos colegas em tratar desse tema em outras disciplinas a partir por exemplo, da interdisciplinaridade, ou você percebe que esse assunto acontece apenas em suas aulas? Quais seriam os motivos para isso na sua opinião?

8- Há por parte da escola ou do Estado, cursos específicos ou materiais didáticos especializados ou específicos, que são ofertados para vocês professores do Ensino de Ciências que venham a oferecer suporte para trabalhar com essa temática em sala de aula? Qual é a sua opinião sobre isso?

9- Na sua opinião, quais os assuntos mais relevantes e específicos que são – ou deveriam - ser trabalhados em sua disciplina sobre o tema sexualidade? Isso em sua aula acontece ou não, e quais os motivos para isso?

10- Os conceitos: orientação sexual e identidade de gênero são conceitos diferentes ou iguais? Por favor, explique.

11- Você enquanto professor da área de Ciências, procura se atualizar de que maneira quanto a assuntos relacionados à sexualidade, como por exemplo, novos conceitos sobre a diversidade sexual, identidade de gênero, orientação sexual, entre outros? Você acha isso importante para sua prática pedagógica (ou não), por quais motivos?

12- Do seu ponto de vista enquanto professor, debater e refletir em sala de aula sobre as questões destes temas, podem vir a contribuir para a diminuição do preconceito e de agressões diversas nas escolas, podendo promover o respeito as diferenças entre seus alunos? Justifique.

13- Na sua escola, já aconteceu algum tipo de conflito por parte de alunos, professores, funcionários ou mesmo envolvendo família, relacionados a problemas relacionados as questões de sexualidade? (gravidez não programada, casais homoafetivos, alunos transgêneros, etc.). Quais foram os conflitos e como isso foi ou não resolvido?

14- Se você pudesse resumir, você diria que:

- ensinar educação sexual na escola **é bom porque**

Ou;

- ensinar educação sexual na escola **não é bom porque**

15- Você gostaria de acrescentar alguma coisa mais sobre este tema que não foi contemplado nestas questões?

ANEXO III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - TCLE

Eu, Rosani Nonenmacher, mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Senso* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT *Campus* Deputado Estadual Renê Barbour - Barra do Bugres, sou a responsável pelo projeto intitulado "Orientação sexual: desafios atuais e práticas pedagógicas nas séries finais do ensino fundamental", o qual será desenvolvido nas escolas públicas de ensino, que atendem o Ensino Fundamental III, no município de Campo Novo do Parecis. A presente pesquisa conta com a orientação da Professora Drª. Isabela Augusta Andrade Souza, docente do PPGECM.

- Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora, a qual tem por objetivo, Analisar sob a ótica dos educadores de escolas públicas de Campo Novo do Parecis como o tema transversal "orientação sexual" vem sendo incorporado nas práticas pedagógicas.

-Sua participação é voluntária e sem qualquer identificação e se dará em diferentes momentos. Inicialmente será feita a apresentação do projeto aos professores e estes serão convidados a participar da pesquisa. Em momento posterior será realizado uma entrevista com cada professor de Ciências, sobre a temática a ser pesquisada. Pretende-se, a partir dos resultados, buscar meios para a melhoria do processo de aprendizagem e/ou informação sobre o tema .

A participação dos sujeitos pesquisados será essencial, pois será levado em consideração toda sua experiência e conhecimento do fazer pedagógico. Desse modo a pesquisa torna-se relevante não só para os professores atuantes, mas a todos que de alguma maneira buscam refletir sobre o tema.

Esperamos através da pesquisa e com estudos que serão realizados, contribuir significativamente na discussão da temática "orientação sexual". Acreditamos que o tema proposto para pesquisa é relevante para o meio educacional, e de proporcionar uma possível reflexão da práxis pedagógica.

Diante da pesquisa, podemos nos deparar com benefícios e riscos, os quais serão elencados a seguir. Benefícios: Esperamos através da pesquisa e de seus resultados, contribuir significativamente na discussão da temática sobre sexualidade e para inserção da mesma no contexto escolar. Diante da realidade exposta, acreditamos que o tema proposto para pesquisa

Rosani N.

é relevante para o meio acadêmico, mas, principalmente, para professores/as que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, por acreditarmos que nesta fase, especialmente, os alunos necessitam de formação, informação e muita reflexão sobre a sexualidade. A partir do envolvimento dos docentes na pesquisa, espera-se que se construam oportunidades de reflexão nas escolas que possam se traduzir em expectativas e novas perspectivas dos professores frente a essa demanda. As escolas poderão incorporar na formação continuada elementos que permitam aos professores mais conhecimento e segurança frente as necessidades dos alunos. Contribuir com as escolas na formação sobre esse tema. Assim, ainda elencamos alguns outros benefícios: Contribuir para a reflexão do processo de ensino aprendizagem, especificamente nas aulas de Ciências nas séries finais do Ensino Fundamental; promover a reflexão sobre a inclusão ou não do tema no Projeto Político Pedagógico e sua implantação nas aulas.

Contudo e a partir da Resolução 466/2012, ressaltamos que toda pesquisa contém riscos, e destacamos a seguir possíveis riscos reais e/ou em potencial, os quais são: Os sujeitos da pesquisa podem se sentir constrangidos na exposição de sua prática profissional; Possível interrupção de suas atividades rotineiras por motivo de licença ou qualquer outro tipo de afastamento; Possível desistência na participação da pesquisa; Riscos de ocupar-se do tempo do sujeito participante, causando desistências. Para tanto, tentando evitar o máximo os possíveis riscos será assegurado aos sujeitos participantes da pesquisa a melhor forma de desenvolvimento durante as entrevistas de acordo com consentimento dos mesmos. Será explicado detalhadamente aos professores como será o procedimento e os objetivos da proposta da pesquisa e da importância dos mesmos para esse fim. Assim, espera-se que se sintam empenhados em participar. Referente a ética na pesquisa, será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos sujeitos da pesquisa, através do qual será assegurado o anonimato das unidades escolares e a utilização de nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos entrevistados. Assim, buscaremos tomar todos os cuidados necessários para preservar a integridade dos participantes da pesquisa. Dentre as medidas necessárias a serem adotadas, asseguramos o caráter confidencial da pesquisa e do anonimato das informações e dos participantes. Além disso fica assegurado aos pesquisados em responder ou não o questionário e de respeitar o tempo necessário para suas respostas, falas e indagações.

Visando minimizar os possíveis riscos será assegurado aos sujeitos participantes da pesquisa, a melhor forma de orientação de acordo com consentimento dos mesmos e participação das entrevistas. Nesse sentido, a pesquisa estará pautada eticamente, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos sujeitos da pesquisa, para aceitação em relação à participação no processo de pesquisa. Nesse termo, será assegurado o anonimato das unidades escolares e a utilização de nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos participantes.

Assim, buscaremos tomar todos os cuidados necessários para preservar a integridade dos participantes da pesquisa. Dentre as medidas necessárias a serem adotadas, asseguramos o caráter confidencial da pesquisa e do anonimato das informações e dos participantes na entrevista. Além disso, o direito de livre escolha, no que tange em responder ou não o questionário e a entrevista, respeitando o tempo necessário para suas respostas, falas e indagações, a ser realizado em local conforme acordado com os mesmos. Ressaltamos ainda, que a pesquisa não trará nem ônus e nem bônus a nenhum dos sujeitos participantes.

Para o uso das imagens, sons e outros observaremos o que dispõe a LEI N. 9.610/98, resguardando o direito individual e coletivo dos sujeitos envolvidos na pesquisa, atentando para o que preconiza o teor da Lei, na melhor forma de direito.

No que diz respeito à participação nas atividades propostas, buscaremos deixa-lo à vontade em um ambiente calmo, de modo que possa se sentir bem, sem qualquer tipo de pressão psicológica, moral, intelectual para avaliar e opinar segundo suas concepções e convicções a respeito da temática no momento da entrevista.

Todavia ressalta-se sua importância enquanto integrante do processo de construção do conhecimento, visto que suas percepções, conhecimentos, experiências e apontamentos permitirão aprimorar as discussões e desenvolver um trabalho que irá contribuir com o processo de ensino e aprendizagem.

Assim ressaltamos que os riscos presentes nessa pesquisa serão evitados/minimizados de modo que não venham ferir ou denegrir os seus direitos, suas condições sociais, culturais, suas concepções e opiniões, entre outras características que se fizerem presente. Ainda, buscaremos manter contato com os (as) senhores (as) e dispor de aconselhamento em toda e qualquer dúvida ou manifestação que deseja expressar e que as decisões serão tomadas no coletivo, visando a melhor forma de desenvolver o trabalho.

Diante das situações expostas destacamos que você enquanto participante tem plena liberdade para decidir a respeito de sua participação voluntária na atividade proposta.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, a menos que seja autorizado pelo Sr. (a), do contrário, será guardada em sigilo. Caso concorde em particular, necessitamos que preencha e assine este termo de consentimento.

Ao final da pesquisa, se for do seu interesse, terá livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os resultados junto com os pesquisadores. Na necessidade de contatar os pesquisadores, poderá fazê-lo a qualquer momento com a Mestranda Rosani Nonenmacher, telefone (65) 9 99574580, e-mail rosani.nonenmacher@gmail.com ou com a Professora Drª. Isabela Augusta Andrade Souza, Celular: (66)99996-2552. *E-mail*: isabelaguta@gmail.com ou ainda diretamente ao Programa de Pós-Graduação da UNEMAT- Barra do Bugres-MT pelo telefone (65) 3361-1413 ou pelo e-mail ppgecm@unemat.br .

Desde já agradecemos pela sua participação.

Consentimento: Ao considerar as informações e todas as garantias acima mencionadas, eu_____ CPF/ou RG_____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação nos encontros e atividades, nas narrativas feitas através dos meus diálogos e entrevista, para serem utilizados integralmente ou em partes, sem restrições de citações, podendo inclusive torná-las pública para o projeto acima descritos.

Assim sendo, declaro o meu consentimento em participar como sujeito desta pesquisa.

_____

Assinatura do participante

Rosani N.

Rosani Nonenmacher

Rosani Nonenmacher - CPF: 415859761-72

Pesquisadora responsável

Barra do Bugres - MT, ___/___/_____

ANEXO IV

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – UNEMAT)

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ORIENTAÇÃO SEXUAL: DESAFIOS ATUAIS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: ROSANI NONENMACHER

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 05555018.3.0000.5166

Instituição Proponente: Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.264.418

Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação,Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)– Campus de Barra do Bugres. " O projeto de pesquisa tem como título “Orientação sexual: desafios atuais e práticas pedagógicas nas séries finais do Ensino Fundamental, tendo como objetivo principal analisar sob a ótica dos educadores de escolas públicas de Campo Novo do Parecis como o tema transversal “Orientação Sexual” vem sendo incorporado nas

práticas pedagógicas. O recurso utilizado para esta pesquisa será de abordagem qualitativa, sendo que para a produção dos dados faremos uso de entrevista semiestruturada, previamente elaborada, também com gravador de voz. Os dados produzidos serão verificados através de análise de Conteúdo. O estudo envolverá os docentes de Ciências que trabalham nos anos finais do ensino fundamental das escolas da Rede Pública de Campo Novo do Parecis rurais e urbanas.Procurarei os professores em seu local de trabalho, verificando a possibilidade da contribuição para a pesquisa e combinaremos o melhor local e horário para a proposta. Tudo será de acordo com o pedido do professor. tenho meio de transporte pessoal para me locomover para a região rural, onde ficam algumas escolas, portanto não dependo de terceiros para chegar às escolas. Durante o percurso haverá pesquisa bibliográfica, a qual sustentará nosso trabalho, sendo que a pesquisa documental se dará na observação dos Projetos Políticos Pedagógicos(PPP) das escolas pesquisadas buscando identificar a posição da escola dentro do PPP diante da temática.Esperamos

que, por ser um tema atual e ainda repleto de muitas dúvidas e incertezas, esta pesquisa seja recebida e entendida como capaz de beneficiar os alunos e de promover o enriquecimento dos docentes, pois o ato em si já provoca reflexão.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:" Analisar sob a ótica dos educadores de escolas públicas de Campo Novo do Parecis como o tema transversal “Orientação Sexual” vem sendo incorporado nas práticas pedagógicas".

Objetivo Secundário:

• Investigar junto aos docentes se consideram ou não a Orientação Sexual como parte integrante da proposta de ensino na formação do estudante;

• Identificar se houve ou há alguma formação dos docentes na perspectiva da Diversidade, especificamente na Orientação Sexual/sexualidade;

• Avaliar os conhecimentos que os professores têm sobre os conceitos abordados em Educação Sexual, principalmente os atuais;

• Buscar a relevância e a importância da abordagem da temática como possibilidade de defesa do estudante frente às situações de risco como estupro, abuso sexual, bulliyng e outras situações as quais os educandos são vulneráveis;

• Verificar as concepções atuais de sexualidade que permeiam o trabalho docente e possíveis dificuldades para abordar os temas desta pesquisa;

• Verificar se no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas está prevista alguma abordagem sobre o tema e qual disciplina(s).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 466/2012.

Fazendo a ponderação, como preconiza a resolução 466/2012, entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.

RISCOS:

"-Riscos: Com base na Resolução 466/2012 ressaltamos que toda pesquisa contém riscos, e destacamos a seguir possíveis riscos reais e/ou em potencial, os quais são: • Os sujeitos da pesquisa podem se sentir constrangidos na exposição de sua prática profissional; • Possível interrupção de suas atividades rotineiras por motivo de licença ou qualquer outro tipo de afastamento;• Possível desistência na participação da pesquisa; • Riscos de ocupar-se do tempo do sujeito participante, causando desistências. Para tanto, tentando evitar o máximo os possíveis riscos será assegurado aos sujeitos participantes da pesquisa a melhor forma de desenvolvimento durante as entrevistas de acordo com consentimento dos mesmos. Será explicado detalhadamente aos professores como será o procedimento e os objetivos da proposta da pesquisa e da importância dos mesmos para esse fim. Assim, espera-se que se sintam empenhados em participar. Referente a ética na pesquisa, será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos sujeitos da pesquisa, através do qual será assegurado o anonimato das unidades escolares e a utilização de nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos entrevistados. Assim, buscaremos tomar todos os cuidados necessários para preservar a integridade dos participantes da pesquisa. Dentre as medidas necessárias a serem adotadas, asseguramos o caráter confidencial da pesquisa e do anonimato das informações e dos participantes. Além disso fica assegurado aos pesquisados em responder ou não o questionário e de respeitar o tempo necessário para suas respostas, falas e indagações.

BENEFÍCIOS:

-Benefícios: Esperamos através da pesquisa e de seus resultados, contribuir significativamente na discussão da temática sobre sexualidade e para inserção da mesma no contexto escolar. Diante da realidade exposta, acreditamos que o tema proposto para pesquisa é relevante para o meio acadêmico, mas, principalmente, para professores/as que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, por acreditarmos que nesta fase,

especialmente, os alunos necessitam de formação, informação e muita reflexão sobre a sexualidade. A partir do envolvimento dos docentes na pesquisa, espera-se que se construam oportunidades de reflexão nas escolas que possam se traduzir em expectativas e novas perspectivas dos professores frente a essa demanda. As escolas poderão incorporar na formação continuada elementos que permitam aos professores mais

conhecimento e segurança frente as necessidades dos alunos. Contribuir com as escolas na formação sobre esse tema. Assim, ainda elencamos alguns outros benefícios: Contribuir para a reflexão do processo de ensino aprendizagem, especificamente nas aulas de Ciências nas séries

finais do Ensino Fundamental; promover a reflexão sobre a inclusão ou não do tema no Projeto Político Pedagógico e sua implantação nas aulas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Recomendações:

As recomendações do parecer anterior:

- Redimensionar os riscos para os participantes da pesquisa tanto para o momento em que estiverem participando da pesquisa quanto para os riscos futuros, relacionados a divulgação dos resultados. A pesquisadora deverá apresentar formas de minimizar os riscos elencados;

ATENDIDO

- Preservar o anonimato do participante, por isso solicitamos que o campo nome seja substituído por códigos ou retirado do instrumento.

ATENDIDO

- TCI apresenta ultima página totalmente ilegível. Anexar todo o documento e com informações legíveis.
ATENDIDO

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1233228.pdf	01/04/2019 14:26:12		Aceito
Outros	instrumento_de_coleta_alterado.pdf	01/04/2019 14:24:29	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Outros	TCI_alterado.pdf	01/04/2019 14:22:16	ROSANI NONENMACHER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_alterado.pdf	01/04/2019 14:19:13	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisacomitedeetica.pdf	03/12/2018 19:49:22	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	03/12/2018 19:41:02	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Cronograma	cronograma_da_pesquisa.pdf	03/12/2018 19:40:19	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaoqueacoletadedadosnaofoiiniciada.pdf	03/12/2018 19:37:23	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Lattes_FatimaAparecidadaSilvaIocca.pdf	03/12/2018 19:33:14	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Lattes_RosaniNonenmacher.pdf	03/12/2018 19:32:34	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Lattes_IsabelaAugustaAndradeSouza.pdf	03/12/2018 19:31:54	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	03/12/2018 17:24:29	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaoresponsabilidadepesquisador.pdf	03/12/2018 16:53:15	ROSANI NONENMACHER	Aceito

Declaração de Pesquisadores	Declaracaodoorientador.pdf	03/12/2018 16:52:26	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoassessoriapedagogica.pdf	03/12/2018 16:46:54	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoinfraestruturaunemat.pdf	03/12/2018 16:45:55	ROSANI NONENMACHER	Aceito
Outros	oficiocomitedeetica.pdf	03/12/2018 16:36:29	ROSANI NONENMACHER	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CACERES, 14 de Abril de 2019

Assinado por:
Vagner Ferreira do Nascimento
(Coordenador(a))